



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**GRÊMIO ESTUDANTIL COMO CONSTRUÇÃO ORGÂNICA, POLÍTICA E
EDUCATIVA**

Ricardo Cavalcanti de Oliveira

BRASÍLIA / DF
2017

RICARDO CAVALCANTI DE OLIVEIRA

**GRÊMIO ESTUDANTIL COMO CONSTRUÇÃO ORGÂNICA, POLÍTICA E
EDUCATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito para obtenção de
graduação sob orientação do Professor Dr.
Erlando da Silva Rêses

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses - Orientador

TEF/FE/UnB

Prof. Ms. Maria Luiza Pinho Pereira - Examinadora

FE / UnB

Prof. Ms. Ana Luiza de França Sá– Examinadora

IFB / Riacho Fundo

BRASÍLIA / DF

2017

OLIVEIRA, Ricardo Cavalcanti de.

Grêmio Estudantil como construção orgânica, política e educativa

Monografia – Pedagogia

Brasília: UnB, 2017.

Orientador: Erlando da Silva Rêses

1. Grêmio Estudantil. Movimento Estudantil. Organização. Política. Educação

RICARDO CAVALCANTI DE OLIVEIRA

GRÊMIO ESTUDANTIL COMO CONSTRUÇÃO ORGÂNICA, POLÍTICA E EDUCATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção de graduação sob orientação do Professor Dr. Erlando da Silva Rêses

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses– TEF/FE/UnB
Orientador

Prof. Ms. Maria Luiza Pinho Pereira - FE / UnB

Prof. Ms. Ana Luiza de França Sá- IFB / Riacho Fundo

BRASÍLIA / DF

2017

DEDICATÓRIA

As lutadoras e lutadores que dedicam incessantemente cada segundo de suas vidas em busca da transformação social, contra a exploração, por um Mundo mais justo e igualitário.

AGRADECIMENTOS

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DELAS

À TODAS AS FLORES,

AQUELAS QUE SEMPRE ESTÃO AO MEU REDOR, COMPARTILHANDO
DO MESMO CÉU, DOS MEUS SONHOS E TAMBÉM DAS FRUSTRAÇÕES

QUE SEMPRE DÃO SUSTENTAÇÃO PARA FORTIFICARMOS AS RAÍZES
AO PONTO DE ENVERGAR E NÃO QUEBRAR

AQUELAS QUE JÁ SE FORAM: CONSTRUIRAM A CAPITAL E NOS DERAM
UMA GERAÇÃO DE IRMÃOS

AQUELAS QUE JÁ SE FORAM: MURCHAS NAS CALÇADAS VERMELHAS
(OS CRAVOS DO HOLOCAUSTO)

AQUELAS QUE RESISTEM: DE BARRIGA NO FOGÃO, DE OLHAR
GENEROSO E DE ABRAÇO APERTADO

AQUELAS QUE RESISTEM: DE ARMAS OU CANETAS NAS MÃOS, QUE
ORIENTAM E SÃO ORIENTADAS, QUE EDUCAM E SÃO EDUCADAS

A TODAS AQUELAS DOS JARDINS VIZINHOS QUE TROCARAM
GARGALHADAS E APERTOS DE MÃO

AQUELAS QUE MESMO DISTANTES ESTÃO GUARDADAS NO CORAÇÃO

AQUELAS QUE APESAR DE MUITO JOVENS QUEREM UMA NOVA
ESCOLA, UM NOVO MUNDO

AQUELA QUE JÁ NASCEU COMO FLOR (FLORA)

E AQUELAS QUE AINDA VIRÃO...

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as possibilidades e dificuldades na consolidação e fortalecimento do grêmio estudantil do Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 2. Para tanto, investigou-se o histórico do movimento estudantil secundarista no Brasil, a organização da UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e, a organização do movimento secundarista no DF. Usamos como suporte documentos como Leis do Grêmio Livre, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Currículo em Movimento do DF e Lei da Gestão democrática. É possível perceber que os grêmios estudantis sempre foram e permanecem sendo uma ferramenta política e educativa muito poderosa nas Instituições de Ensino, em espaços onde os estudantes enfrentam uma série de repressões, ataques e historicamente se mantem firmes a seu modo organizando a resistência por melhores condições de ensino. Conclui que a participação nesse espaço gera profundas contribuições para uma formação crítica e emancipadora dos educandos e portanto, deve ser potencializada no sentido de auxiliar na socialização dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Palavras – chave: Grêmio Estudantil. Movimento Estudantil. Organização Política. Educação Básica.

ABSTRACT

This work aims to analyze the possibilities and difficulties in the consolidation and strengthening of the student guild of the Educational Center 01 of Riacho Fundo 2. For this purpose, it was investigated the history of the secondary student movement in Brazil, the UBES - Brazilian Union of Secondary Students and, the organization of the secondary movement at DF . We use as support documents such as Laws of Free Guild, Law of Guidelines and Bases of Education, Curriculum in Movement of the Federal District and Law of Democratic Management. It is possible to see that student groups have always been and remain a very powerful political and educational tool in the Teaching Institutions, in spaces where students face serial repressions, attacks and historically stand firm in their own way, organizing resistance for better conditions of education. It concludes that the participation at this space generates deep contributions for acritical and emancipating formation of the students and therefore, it must be potentialized in the sense of assisting in the socialization of the knowledge historically accumulated by humanity.

Keywords: Student Guild. Student Movement. Organization Political. Education.

Lista de ilustrações

Ilustração 1 – Descrição dos movimentos do pêndulo de Newton.....	95
---	----

Lista de mapas

Mapa 1 - Região atendida pela Instituição de Ensino.....	45
Mapa 2 – Localização da escola em relação as quadras residenciais do Riacho Fundo 2.....	78

Lista de tabelas

Tabela 1 - Renda Domiciliar Média Mensal e Per Capita Média Mensal – Riacho Fundo 2 - Distrito Federal	44
Tabela 2 - Número de turmas e matrículas por turno e série	47
Tabela 3 – Informações sobre realização de entrevistas.....	64
Tabela 4 – Informações sobre a realização dos encontros.....	66
Tabela 5 – Regularidade de participação nos encontros.	67
Tabela 6 - Perfil dos integrantes do grêmio.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SINASE: Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

UESDF: União dos Estudantes Secundaristas do DF

UBES: União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

SOE: Serviço de Orientação Educacional

UNE: União Nacional dos Estudantes

EnG – DF: Encontro de Grêmios do DF

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PSB: Partido Socialista Brasileiro

PMDB: Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT: Partido dos Trabalhadores

R.A: Região Administrativa

PPP: Projeto Político Pedagógico

PDAD: Programa de Descentralização Administrativa e Financeira

SUMÁRIO

PARTE I

MEMORIAL.....	13
---------------	----

PARTE II

1. INTRODUÇÃO.....	25
1.1 Objetivo Geral.....	26
1.2 Objetivos específicos.....	26

PARTE III

2. BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	27
3. A ORGANIZAÇÃO DOS SECUNDARISTAS NO DF.....	34
4. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO RIACHO FUNDO 2.....	41
5. A ESCOLA.....	45
6. O GRÊMIO ESTUDANTIL DO CED 01.....	53
6.1. Atual gestão.....	55

PARTE IV

7. METODOLOGIA.....	59
7.1.Procedimentos Metodológicos.....	62

PARTE V

8. ANÁLISE DE DADOS.....	69
--------------------------	----

PARTE VI

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
------------------------------	----

PARTE VII

10. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	99
-------------------------------------	----

REFERÊNCIAS.....	99
------------------	----

ANEXOS.....	106
-------------	-----

PARTE I

MEMORIAL

Rua

*“Demorei tempo para notar
que a luz à ascender
localiza-se na periferia
O fogo da explosão de idéias nos satélites
e a queda total dos pilotos e seus planos
dependem,
antes de tudo,
de nóiz”*

Era três da tarde e o sol estava alto. O mesmo cenário apático, cabisbaixo e derrotista pairava na cidade, enquanto eu rasgava o vento achando que iria alçar voo cada vez que aumentasse o ritmo das pedaladas. Avistei uma aglomeração de pessoas. Será mais um morto? Eu não escutei barulho algum. Impossível!

Meus olhos respondem a indagação e novamente o cenário se repete: engasgado no sangue, olhando para o nada, arrependido de algo. Alguns reencontram-se com apertos de mãos, outros de rostos aflitos até aparentam estarem preocupados com a situação. As crianças com bolas nos braços, pirulitos na boca e sem camisetas comunicavam-se pelo olhar. Logo apareciam os pais e empurrava-os dali. Comigo não havia problema, estava longe de casa.

Fiquei lá até o “rabecão” chegar para recolher o corpo. O policial levantou o lençol cuidadosamente com o auxílio de uma caneta, observou por segundos, fez algumas anotações e mandou recolher.

Passei ao lado da poça de sangue, fui cuidadoso para não a acertar. Voltei a pedalar e não disse nada aos meus pais.

Sempre morei em Região Administrativa do Distrito Federal, primeiro no Gama, depois em Santa Maria, onde resido até hoje. Ambas as cidades possuem altos índices de violência e faz divisa com Novo Gama (região metropolitana do Goiás), que está entre as 20 cidades mais perigosas do país, segundo o Instituto de

Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA). Recordo que vivenciei essa situação ainda quando tinha menos de 10 anos de idade. Fica latente a naturalização do racismo, estrutural e estruturante das relações sociais, que se revela em sua forma mais brutal manifestada pelo genocídio da juventude negra. Há um processo de normalização de casos de assaltos e homicídios que são frequentes nessas regiões.

Genocídio? Sim, é o que conclui o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Assassinato de Jovens, aprovada em 2016. A CPI realizou ao todo 29 audiências. Cerca de 200 especialistas de diversas áreas, como direitos humanos e segurança pública, além de familiares de vítimas participaram das discussões.

Os números são assustadores: dos 56 mil assassinatos registrados por ano, 53% são de jovens com idade entre 12 e 29 anos, dos quais 77% são negros e 93% do sexo masculino. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no país!

O mesmo podemos afirmar em relação ao encarceramento, segundo os dados do InfoPen. Em 2012, por exemplo, para cada grupo de 100 mil habitantes brancos acima de 18 anos havia 191 brancos encarcerados, enquanto para cada grupo de 100 mil habitantes negros acima de 18 anos havia 292 negros encarcerados, ou seja, o encarceramento de negros foi 1,5 vez maior do que o de brancos.

Nas, inicialmente, chamadas cidades-satélites, os jovens não têm perspectivas de empregos estáveis e bem remunerados, muito menos de ingressar no Ensino Superior. Estão inseridos em um contexto social em que a escola os empurra para a rua, em cidades nas quais é raro o acesso à cultura ou esporte e, desde muito cedo, drogas lícitas e ilícitas são consumidas de forma desenfreada.

Há uma tendência a ostentação, os jovens supervalorizam os bens materiais. E para conquistá-los são capazes de se sujeitar a situações que condicionam a realização de objetivos que acham ser seus, mas que o Sistema Econômico lhes inculcou.

Haveria possibilidade de escolha a esses jovens? Eles podem mudar suas condições sociais se realmente se esforçarem? Me parece no mínimo improvável. É angustiante ver muito talento e genialidade serem desperdiçados e

esfacelados nas velas escuras. “E quantos sonhos lindos de formatura morreram no pesadelo da viatura?”¹

Inserido nesse contexto violento, me aproximei de um projeto de leitura desenvolvido por professores no Ensino Fundamental, o que foi crucial em minha formação. Surgiu daí o meu apreço pela leitura e mais tarde, pela escrita. Durante este período fiquei a maior parte do tempo em casa, viajando nos livros e registrando minhas próprias reflexões diárias em caderno. Creio que essa reflexão sobre a prática e sobre o Mundo que eu estava inserido foi determinante para chegar à conclusão de que eu enquanto sujeito, tenho a possibilidade de transformar a realidade.

No Ensino Fundamental, sob o apoio de um professor iniciei junto de outros estudantes uma discussão contra a medida do Governo Arruda (DEM) à época que pretendia fechar os laboratórios de informática das escolas. Não chegamos a concretizar nenhuma mobilização, mas isso foi determinante para meu amadurecimento político durante o Ensino Médio, onde fiz parte do grêmio estudantil da escola. Desenvolvemos uma série de ações de rua bem exitosas que culminou na reforma da infraestrutura das escolas e construção de grêmios estudantis na cidade.

Por isso, fez muito sentido participar do FORMANCIPA (Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior) durante parte da minha graduação, um Projeto de Extensão realizado em Pedregal (Novo Gama - GO), “É só regar os lírios do gueto, que o Beethoven negro vem pra se mostrar”.²

Recomeço

“Um homem na estrada recomeça sua vida.

Sua finalidade: a sua liberdade.

Que foi perdida, subtraída;

e quer provar a si mesmo que realmente mudou,

que se recuperou e quer viver em paz, não olhar

para trás, dizer ao crime: nunca mais!

Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.

¹ Trecho da música “Sonhos” do grupo “Inquérito”

² Trecho da música “Brixton, Bronx Ou Baixada” da banda “O Rappa”

*Na Febem, lembranças dolorosas, então.
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.
 Muitos morreram sim, sonhando alto assim,
 me digam quem é feliz, quem não se desespera, vendo
 nascer seu filho no berço da miséria.
 Um lugar onde só tinham como atração,
 o bar e o candomblé pra se tomar a benção.
 Esse é o palco da história que por mim será contada.
 ...um homem na estrada.”³*

Os versos ilustram o sujeito da socioeducação e o contexto no qual estão inseridos. Nosso trabalho enquanto pedagogos em formação atuando nas Instituições de Privação de Liberdade, neste caso, na Unidade de Semiliberdade de Taguatinga Sul – Casa (frente do GENPEX - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais), inicia-se por entender a realidade econômica, política e cultural desses educandos.

É preciso compreender a questão, nos livrando de nossos preconceitos deterministas e ou generalizações. Vários fatores estão relacionados a transgressão juvenil, mas há sempre aspectos muito particulares circundando a história de vida desses adolescentes que entram em conflito com a lei. Você não se torna um transgressor simplesmente por ser pobre, ou por ter uma “família desestruturada”, ou porque é levado por “más amizades”. A necessária análise sobre cada perfil deve ser vista a partir de uma ótica subjetiva, que apresentará todas as complexidades contidas aí.

Entretanto, o SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) traça um perfil dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa: a maioria negros, de baixa renda e baixa escolaridade. No topo das infrações cometidas está o tráfico de drogas, seguido de furtos/roubo e com números bem reduzidos na terceira colocação os homicídios.

E de fato os encontramos na Casa, estão de tatuagens, todos de bermudas e calçados em chinelas simples. Agem o tempo todo como se estivessem de castigo, mas em alguns momentos esquecem de onde estão e em tom de

³ Trecho da música “A vida é desafio” do grupo “Racionais Mc’s”

descontração caçoam um dos outros: “Olha o jeitão”, “tá lombrado é? ”, “fica de boa ai, pivetão”. Apesar disso há um clima de muita seriedade conosco, em que chamam de “pessoal da Unb”. Com um tempo eles próprios chamam a atenção dos outros que se desconcentram ao longo das atividades.

Assim como no Semestre anterior, tentando não nos encarar, cabisbaixos e encurvados num gesto que simboliza uma tentativa de autoproteção estão apreensivos sob o que está por vir e tentam não nos encarar olho a olho. Eles possuem consciência de que a vida é uma selva, de que “os ricos roubam e ficam em cela separada com ar condicionado” e eles (os sem dinheiro) precisam compartilhar uma cela superlotada ou nos casos dos adolescentes, cumprir a medida até o fim. Algo que sempre reaparece nas discussões é o fato de que o ter vale mais do que ser, de que você só é mesmo se tiver/possuir. Estão inseridos e afetados diretamente pela organização econômica da sociedade em que os “donos do poder” possuem a propriedade privada dos meios de produção e que ditam os valores culturais em nossa sociedade. Como diria Marx, as ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante.

O velho Marx nos dirá ainda que a burguesia depende da manutenção dessa dominação, usando o controle social seja pela repressão ou pela ideologia. Imagina só se os oprimidos e explorados libertam-se de seus grilhões e travam uma luta de transformação revolucionária da sociedade inteira? Imagina só se os sujeitos da socioeducação descobrem que podem ir além de consumirem/terem? E se descobrissem que podem ser transformadores de sua história no mundo e, portanto, do próprio mundo?

E os tais antagonismos de classes ficam cada vez maiores, gerando efeitos catastróficos: Metade da humanidade não come, e a outra metade não dorme, com medo da que não come, como afirmou Josué de Castro.

Frente a frente desses jovens percebemos que assim, como eles, somos apenas mais um homem (mulher) na estrada. E que em determinado percurso de nossas vidas, os caminhos se cruzaram. Partilhamos nossas bagagens, trocamos objetos, mas também descartamos alguns. Nos dias de calor disputamos corrida e depois caímos na grama dando gargalhada. Nos dias chuvosos demos as mãos e caminhamos de forma sincronizada para enfrentar a ventania. Não nos

sobrou pedras no caminho, a força coletiva removeu os obstáculos. Mas agora, seguiremos por estradas distintas deixando/levando parte da bagagem de cada um.

Ensino Médio o fim. (FE o Início)

A certeza é de que seria a Universidade de Brasília, poderia ser qualquer curso ligado à licenciatura que não fosse da área de exatas, desde que conseguisse ingressar. Lá eu continuaria desenvolvendo minha militância política e pediria transferência interna. Ingressei receoso do que encontraria pela frente, mas fui surpreendido pelo curso.

Investigação filosófica da educação, antropologia da educação e diversas outras disciplinas do primeiro semestre me cativaram através das discussões coletivas, livros recomendados e a necessidade da produção reflexiva. Ainda hoje a área que mais tenho afinidade na educação é a filosofia.

Percebi que eu não era um desajustado por criticar e insistir em cobrar a mudança de postura nas relações autoritárias entre professores e estudantes em meu Ensino Médio. Me recordo da ocasião em que fui convidado a conversar com a Direção da escola porque questionei um professor que expulsou estudantes de sala por estes não terem comprado apostilas. Ou por “desobedecer” a um professor que me ordenou a trocar de lugar durante a aula. Ou quando tive meu direito a livre manifestação cerceado em uma ocasião, dentro da escola, no momento em que fui ameaçado por um policial militar.

Coincidentemente, depois da turbulência, eu havia pousado no lugar exato. Após a dura luta contra o funil de acesso ao Ensino Superior público, iniciava-se um novo ciclo de lutas em defesa da assistência estudantil e em defesa do Ensino Superior público.

FE – A Esperança

A Assembleia estava cheia, apertam-se nos sofás, nas cadeiras e alguns estão sentados em cima da mesa. A pauta é sobre a situação política nacional. A situação é grave, a Presidente eleita democraticamente sofreu golpe institucional do Congresso e a questão final a ser votada era nossa participação numa manifestação na Esplanada.

A maioria era formada por estudantes calouras, os mesmos olhinhos brilhantes e entusiasmados da Semana de Recepção ainda estavam lá. Mal sabiam o que lhes aguardavam pela frente na vida universitária. São olhares ingênuos, mas também raivosos e isso me dá forças. Essa cena estimula um diálogo interno:

É, talvez tenha jeito. Possuem algo de diferente, vai além de só esperança!

Lembrei imediatamente das rodas de conversas sobre greve dos professores, a Papyrus lotada. Promovemos logo depois da agressão brutal da PM contra o movimento grevista, que prendeu professores arbitrariamente. Também me vem a memória um Ato por reforços nos serviços de iluminação e segurança na Faculdade de Educação, onde nos reunimos com velas e apresentamos a Imprensa um abaixo-assinado.

Balanço a cabeça, mas num movimento contido que apenas eu mesmo percebo. É uma tentativa de reafirmação de que o caminho é coletivo e que há possibilidades reais de transformações e conquistas:

Veja as disciplinas noturnas no curso de verão, veja o novo espaço físico do centro acadêmico, veja a assembleia cheia. Observe as conversas nos corredores, as iniciativas políticas e culturais dos estudantes da faculdade. De alguma forma, TODAS não possuem ligação com sua intervenção no Centro Acadêmico? No simples gesto de convite, sugestões ou indagações a semente consegue germinar. Não percebe a árvore que cresce dia-a-dia, nutre-se e fortifica as raízes? É um engenhoso trabalho de formigas operárias!

Enquanto discutem, almoçam. Entre uma garfada e outra opinam, perguntam, sugerem. A decisão é unânime, com apenas duas abstenções, a assembleia deliberou que vai às ruas sob a consigna: Não ao Golpe. Abaixo os cortes na educação!

Recordo que numa determinada aula da disciplina Orientação Vocacional Profissional, discutimos sobre a necessidade do fortalecimento da identidade do pedagogo. Muitos de nós estamos acuados, reclusos numa pseudoneutralidade do papel político e pedagógico que precisamos ocupar. Na ocasião desta aula ainda refletimos sobre um problema que perpassa nossas discussões: fala-se muito sobre a idealização da educação (a educação do futuro), mas nos falta dialética e cientificidade para fomentar estratégias de ações e

atuações transformadoras nos espaços educacionais existentes (do presente). É preciso estar preparado para intervir na escola real!

Alguns professores da Faculdade tiveram importante contribuição em minha formação, mesmo que não saibam. A maioria dos professores que me aproximei durante a graduação encaram a educação como ato político. Foi justamente o perfil de grande parte dos educadores e a atmosfera política da FE que fizeram-me abandonar a ideia de transferência de curso para Ciências Sociais (que era a minha ideia inicial quando entrei para Pedagogia). As possibilidades de várias áreas de atuação também me deixaram satisfeitos. No DF os pedagogos estão nas Instituições do Sistema Socioeducativo, Órgãos públicos diversos e vários outros espaços além do ambiente escolar. Dentro da escola ainda existe a possibilidade da docência ou da orientação educacional.

Há quem defenda um currículo exclusivamente docente em nossa formação, existe os que pautam a volta da divisão por habilitações, o fato é que a discussão sobre reformas curriculares está longe de chegar a um consenso, e é óbvio que algumas distorções precisam ser sanadas.

Contos de Escola

Lá está eu, no fundo da sala fazendo uma observação para a disciplina de Didática Fundamental. A Turma não é muito grande, são menos de 30 estudantes presentes. A professora escreve as questões no quadro, oferece o livro como subsídio para as respostas e senta em sua cadeira.

Há um “pacto da mediocridade” estabelecido ali, os estudantes fingem aprender e a professora simula ensinar. Não existe discussão, reflexão e interpretação antes de registrarem suas considerações sobre as questões no caderno. De maneira automática, transcrevem fragmentos do texto.

Foram 30 minutos torturantes. Se eu mal suportei ficar ali por este tempo, imagine quem precisa manter-se firme um turno inteiro?

Escutar a conversa na sala dos professores sobre suas ansiedades em concretizar o sonho de aposentadoria gerava um misto de tristeza e felicidade em mim. Era perceptível a insatisfação com suas profissões, o desgosto em ter que dirigir-se aos “alunos inquietos e indisciplinados”. Se assim for, que deixem o

caminho para os sedentos pelo novo, aos que ainda possuem a necessidade da transformação.

O ensino precisa ser horizontal, significativo e propositivo ou, a escola permanecerá sendo a cadeia das ideias impressas. Pode não parecer, mas o espaço escolar é cheio de contradições, de frestas, de possibilidades para a ação libertadora, crítica e autônoma.

A nós educadores da próxima geração é reservada a tarefa histórica de romper com as amarras arcaicas desse modelo fabril cinza e ultrapassado. Mas também a de construir uma alternativa que fuja da armadilha do “multiculturalismo” empresarial dinâmico. Na era Zapping⁴, moldam-se os corpos dóceis rebaixando a qualidade científica dos conteúdos escolares e, sob uma roupagem inovadora reduzem o investimento em educação garantindo a superficialidade intelectual.

Considerações iniciais

Ela aproximou-se correndo em direção aos meus braços com o sorriso mais aberto do Mundo, sua boca pequenina parece até não o comportar. Solta um riso alto e gostoso e recaí o corpo sobre mim. Parece depositar no jovem pai todas as esperanças e expectativas para cumprir seu objetivo de desbravar os primeiros passos de vida. Age como se eu fosse seu melhor guia, seu escudeiro fiel e seu super-herói.

Enquanto olha para tudo ao redor despreocupada, concentrada em interesses particulares como as texturas, sabores e movimentos, perco-me em pensamentos distantes. Fitando seus passos com atenção, construo seu futuro e desenho os degraus de sustentação do caminho vindouro.

Nosso processo educativo já começou, ela corre, desenha, conta história, usa a imaginação e vai longe...mas e quando irá a escola?

Recordo que no Ensino Infantil fui destacado pelo professor para auxiliá-lo nos trabalhos com a turma. Além disso, minhas lembranças nos espaços

⁴ Televisão, celular, fone de ouvido, notebook, MP4, Instagram, Twitter, Facebook, whatsapp, tumblr. A conexão é on-line e os estímulos vêm de toda parte. No monitor do computador ou no visor do celular incontáveis telas são abertas, reduzidas e fechadas em segundos. Surge uma nova linguagem, na qual a grafia das palavras é adaptada, simplificada, e prevalecem abreviações. A informação chega descontextualizada e truncada, inaugurando um novo jeito de compreender o mundo – e se relacionar, na horizontalidade do conhecimento, caracterizando a chamada geração zapping (expressão de origem inglesa que se refere ao ato de mudar constantemente de canal).

escolares são todas repletas de relações de amizades e brincadeiras. Em vários momentos, íamos a escola muito mais para encontrar os amigos e conversar do que pelo interesse nas disciplinas.

Apesar de algumas experiências traumáticas nesse percurso, sempre gostei de estar lá. Acho que o fascinante se encontra na possibilidade da relação com o outro. É um ambiente que nos aproxima e enriquece a nossa constituição enquanto indivíduos. Aprendi muito mais fora de sala de aula e, compreendo que o saber pode ser prazeroso. Daí a importância de toda a atenção a formação dos docentes para que não reproduzam vícios de suas vivências enquanto educandos.

O processo de ensino e aprendizagem não pode ter cercas que os delimite, não pode respeitar horários e padrões. Ele está em todos os lugares, em todas as formas, de todos os jeitos. E é essa compreensão infinita que devemos resgatar!

FE – O Enterro

*“Do alto dos seus títulos
daí de onde você vê
a universidade é pra quê? pra caber quem?
dentro da sua sala
você se esconde
pra não ver lá fora
ou pra quem tá lá fora não te ver?
o conhecimento que você produz
é pro povo ou pro cnpq?
pra sociedade ou só pra enfeitar lattes?
se quem tá dentro
não vê os muros em volta
quem vê de fora
não enxerga nada além da muralha
se no meio da aula
você diz que eu tô todo errado
eu te digo que pra chegar até aqui*

atravessei cerca de arame farpado
você escreve
artigo, livro, capítulo
resumo, paper, ensaio
fala da gente
sem nem lembrar
de olhar no olho da nossa gente
alcança seus índices de produtividade
no dia seguinte,
não sabe nossa cara,
nosso nome, desconhece nossa identidade
nossa cor é objeto de pesquisa
nosso sexo, etnografia
*nossas casas são seu campo...*⁵

Andando pelos corredores da faculdade eu tenho apenas uma certeza: a de que preciso a derrubar com marteladas e enterrá-la, a fim de que nasçam “flores das encostas do cimento”⁶. Isso aqui exala cheiro de hipocrisia, acompanhei inúmeras discussões e falatórios, mas as dicotomias entre teoria e prática permanecem carimbadas nestes muros.

As árvores ao redor sugerem a leveza criativa que poderia permear as paredes dessas salas de aula, onde aprende-se com os slides tradicionais como sermos progressistas libertadores.

Levo daqui bons livros e poucos amigos, deixo inquietações com minha curta presença e uma modesta contribuição. Mas a principal lição que este lugar me concede é o privilégio de analisar o mais alto grau de egoísmo e falsa generosidade entre nós, evidentes nas relações de micropoder.

É preciso se armar do mais afiado alfinete e estourar a bolha, reconstruindo incansavelmente os barracões derrubados pela polícia no Paranoá como fez Maria Creuza Evangelista e Gilene Maria dos Reis. É preciso resistir, escondendo com cuidado debaixo da cama os materiais que foram utilizados na

⁵ Poema recitado na colação de grau do curso de ciências políticas em 2016 pelo estudante Marcelo Caetano (primeiro estudante transexual da UnB que institucionalizou o direito ao uso do nome social)

⁶ Título de música do grupo F.U.R.T.O (Frente Urbana de Trabalhadores Organizados)

Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores como fez Maria Madalena Tôres em Ceilândia. Fazer como os poucos professores comprometidos com uma educação emancipadora.

E dedicar a vida pela educação como fizeram Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, eternamente presentes no Auditório da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.⁷

⁷ O Auditório Dois Candangos foi erguido em 21 de abril de 1962 no prédio da Faculdade de Educação, já com capacidade para 197 pessoas. A construção foi realizada em homenagem ao arquiteto Alcides da Rocha Miranda - responsável pelo conjunto arquitetônico onde se encontra o espaço cultural - e o nome foi dado em tributo a dois jovens operários, Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, que morreram em um desabamento durante a construção.

PARTE II

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca valorizar a análise de situações ocorridas no contexto escolar a partir da ótica do estudante e adentrar neste âmbito pouco explorado pelos pedagogos em suas pesquisas. Que é tema propício para o serviço de Orientação Educacional.

Nosso objeto de investigação é o grêmio estudantil de uma Unidade escolar. Provocamos a necessária reflexão de possibilidades de articulação dos interesses estudantis e os objetivos educacionais da Unidade escolar a fim de buscar caminhos que favoreçam as aprendizagens.

Para tanto apresentamos um breve histórico do movimento secundarista organizado no Brasil e suas formas de organização, nos concentrando sobretudo sob como essa dinâmica se dá no Distrito Federal.

Foi preciso compreender também o contexto histórico e social da cidade em que a escola está inserida, assim como as características de gestão, infraestrutura e pedagógica da Instituição.

Realizamos três encontros registrados em gravação e quatro entrevistas semi-estruturadas em um processo de pesquisa-ação.

Apesar de ter relação com a gestão de vários grêmios estudantis, sobretudo na cidade do Gama e em Santa Maria, por ter atuado no movimento estudantil secundarista nessas cidades e ainda me manter próximo dos novos integrantes, optei pelo Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 2 como local de pesquisa. Conheci a escola alguns meses antes de iniciar a pesquisa. Uma companheira do movimento universitário passou meu contato para o Leandro (ex estudante da escola que atualmente atua como colaborador do grêmio). Em nossa primeira conversa, Leandro se queixou de repressão por parte da direção da escola aos estudantes integrantes do grêmio e também direcionada a sua pessoa. Ele buscava alguma entidade estudantil em que o grêmio pudesse se apoiar e até mesmo se filiar, explicava que já havia discutido com os membros do grêmio da escola e eles tinham acordo com a posição e via a necessidade de uma discussão presencial.

A partir daí, entrei em contato com Raiane, gremista do Centro de Ensino Médio 03 do Gama, que é vice presidente da UESDF (União dos Estudantes Secundaristas do DF), entidade filiada a UBES (União Brasileira dos Estudantes

Secundaristas). Tivemos o encontro concretizado com os estudantes da escola juntamente com o Leandro. Na ocasião discutimos sobre alguns problemas que eles sofriam como a restrição de acesso a escola, que estava relacionada a entrada após o segundo horário e ao uso do uniforme escolar. Assunto pelo qual haviam cogitado uma manifestação. Compartilhamos um pouco do funcionamento da dinâmica das entidades estudantis, de seus espaços e de suas formas de luta. Assistimos um vídeo que mostrava um ato pela garantia da entrada no segundo horário no CEM 03 do Gama em 2012 e uma manifestação de estudantes de várias escolas no Gama contra a implementação da Semestralidade, em 2014, na ocasião em que ocorria uma Conferência no Centro de Ensino Médio 01 do Gama sobre o tema em questão⁸.

Alguns aspectos despertaram a minha curiosidade inicialmente, primeiro o fato de que ao contrário da maioria dos grêmios que existem no DF, me deparei com um grupo que aparentemente, não tinha nenhuma relação com outra entidade estudantil e/ou Organizações políticas de juventude. Apesar disso mantinham uma postura de independência e enfrentamento diante da direção da escola. Em segundo lugar, me pareciam relativamente organizados e articulados, contando com uma quantidade razoável de membros ativos, em torno de 7. E por último, como eu os conhecia a pouco tempo me pareceu mais interessante para o propósito da pesquisa realizá-la em um contexto que eu fosse o “estranho” e não o já conhecido participante e atuante nas mobilizações da escola e da cidade.

1.1 Objetivo Geral

Analisar as possibilidades e dificuldades na consolidação e fortalecimento do grêmio estudantil em uma escola pública.

1.2 Objetivos Específicos

- . Compreender a relação entre grêmio estudantil e direção escolar, coordenação pedagógica e Serviço de Orientação Educacional (SOE);
- . Compreender relação entre integrantes do grêmio e professores;
- . Verificar a relação entre integrantes do grêmio e as atividades escolares;
- . Analisar as possíveis contribuições político-pedagógicas que se obtém da participação no grêmio estudantil.

⁸ Disponível em <https://gremiocem2.wordpress.com/>. Acessado em: 10/10/2017

2. BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

O chamado movimento estudantil é uma expressão utilizada para caracterizar a realização de ações políticas coletivas realizadas por grupos de estudantes, sendo um conceito bastante amplo. Essas uniões em torno de alguma unidade podem ser provisórias ou duradouras. É comum a formação de agrupamentos a partir das relações de afinidades identitária entre estudantes, tais agrupamentos podem se tornar coletivos, organizações políticas, movimentos, juventudes de partidos, grupos e etc. Trataremos no presente trabalho de um direcionamento às entidades estudantis, mais especificamente as do movimento estudantil secundarista⁹.

Embora instituição e entidade tratem de organizações sociais, com relação à palavra entidade, refere-se a uma reunião de pessoas, mas de maneira mais específica, pressupondo atividades de um grupo de indivíduos com objetivos comuns, envolvidos num processo de interação mais ou menos contínuo, que podem fazer parte de organizações chamadas de “grupos de pressão”. Assim, os chamados “grupos de pressão” têm como finalidade principal influenciar o governo ou o poder estabelecido em benefício de algum interesse ou meta, transcendendo, assim, os constrangimentos das instituições. (CARLOS, 2006 p. 21 apud JOHNSON, 1967, p.400)

Os registros das movimentações datam o período colonial. Ferrari (2013, p. 5) citando Poerner (1979) afirma que

A primeira manifestação estudantil anotada na história brasileira ocorreu no ano de 1710, quando os franceses invadiram o Rio de Janeiro e foram encurralados por jovens estudantes de conventos e colégios religiosos. Mais tarde, em 1786, José Joaquim Maia fundou no exterior um clube secreto para lutar pela independência do Brasil; sendo que um dos membros deste clube, o jovem Domingos Vidal de Barbosa, chegou a participar da Inconfidência Mineira.

Posteriormente algumas associações de juventude foram criadas no sentido de se engajarem na luta pela abolição da escravidão.

⁹ Estudante secundarista refere-se aos alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O termo “secundarista” abrange os estudantes de primeiro e segundo graus, e tem sua origem na lei de diretrizes e bases da educação – 4024/61. Esta lei dá o nome de ensino médio à escola secundária, abrangendo o curso ginasial e colegial. A lei 5692/71, ao integrar o primário e o ginásio, adota a divisão tríplice do ensino no Brasil: 1º grau, 2º grau e 3º grau.

A partir de 1910 os estudantes tomam algumas iniciativas no sentido de iniciar discussões que permitissem uma articulação nacional que extrapolasse as lutas locais. O primeiro grêmio estudantil é fundado em São Paulo em 1902, ainda com caráter recreativo voltado para o esporte, cultura e lazer. O rápido aumento do número de escolas com a obrigatoriedade do ensino primário a partir da Constituição de 1932, acompanhou também a rápida organização coletiva dos jovens, que desde o início de sua atuação estiveram envolvidos com importantes questões políticas no país. São algumas informações encontradas no site da UBES, no espaço sobre o histórico do movimento estudantil.

A atuação dos estudantes enquanto organização ficava somente no interior das faculdades ou nos espaços daquelas que dispunham de sede, como os centros acadêmicos, grêmios estudantis ou as associações de caráter literário ou artístico, o que se traduzia em ações ocasionais e dispersas. (FERRARI 2013, p. 5).

Inicialmente os estudantes secundaristas participam do movimento de fundação da UNE (União Nacional dos Estudantes), em 1937 e participam de campanhas importantes. Ainda segundo o site da UBES podemos afirmar que a UNE nunca negou espaço aos secundaristas, que participaram da construção da entidade. Os jovens atuaram diretamente na resistência à ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) e no combate ao nazi-fascismo no país. No calor do conflito, em 1942, estudantes universitários e secundaristas ocupam a sede do Clube Germânia, na Praia do Flamengo, 132, Rio de Janeiro, tradicional reduto de militantes nazifascistas.

Em 1948 foi realizado o primeiro Congresso Nacional dos Estudantes Secundaristas, marcando a fundação da União Nacional dos Estudantes Secundaristas — UNES, que se torna UBES em seu segundo Congresso, realizado em 1949. Após esse período, os secundaristas tiveram papel fundamental na campanha “O Petróleo é Nosso”

Dentre as mobilizações, a mais exitosa foi a volta de Getúlio Vargas como Presidente da República em 1951, com ideais nacionalistas, o movimento posicionou-se em defesa da campanha “O Petróleo é Nosso”, criando uma empresa estatal, pois não seria possível, que uma “[...] empresa como a Petrobrás não seria jamais obra do governo entreguista de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), de incomum subserviência aos Estados Unidos. (CINTRA, MARQUES,

2009, p. 49 apud FERRARI, 2013, p. 15)

A UBES coloca como primeira grande luta da entidade, o movimento contra o aumento das taxas escolares, em 1950, que provocou uma greve geral no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Apesar do apoio a campanha de Juscelino Kubitschek, eleito em 1956, os estudantes se deparam com um investimento educacional de apenas 3,4% de investimentos, abrangendo uma única meta. Apesar de ter um compromisso com a democracia e com o desenvolvimento e traçado um Plano de Metas, o Governo JK revelou-se um fracasso na área da educação. No mesmo ano, após seu 8º congresso, os secundaristas pararam o Rio de Janeiro, então capital federal, com a célebre Revolta dos Bondes, na luta contra o aumento da tarifa e por mais acesso e qualidade no transporte público.

Se engajam ainda na Campanha pela Legalidade ao transferir a sede das entidades estudantis para Porto Alegre e garantir que João Goulart assumisse a presidência após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961. Em 1964, a juventude foi uma das principais forças das Reformas de Base conduzidas por Jango, participando do Comício da Central do Brasil, em 13 de março.

Com o golpe Militar de 1964 a UBES e os grêmios estudantis são colocados na ilegalidade. Os estudantes vivenciam um período brutal, marcado por repressão, assassinatos e torturas. Tiveram suas sedes incendiadas e colocadas na ilegalidade, passando a se organizarem na clandestinidade.

A Ditadura Militar buscou a utilização de decretos para controlar a organização estudantil. No período do governo de Castelo Branco foram criados instrumentos legais para controlar o Movimento Estudantil. O Congresso Nacional aprova então a Lei nº 4.464 de 09 de novembro de 1964, conhecida como a Lei Suplicy, nome do então Ministro da Educação.

A Lei Suplicy de Lacerda visou especialmente, a extinção do Movimento Estudantil brasileiro. Para acabar com a participação política dos estudantes, a Lei procurou destruir a autonomia e a representatividade do movimento, deformando as entidades estudantis em todos os escalões, ao transformá-las em meros apêndices do Ministério da Educação, dele dependentes em verbas e orientação. (POERNER, 1979, p. 231).

Em 1966, houve um acordo firmado pelo MEC e a United States

Agency For International Development (USAID). Além das várias medidas, o acordo que visava realizar uma reforma do ensino no país orientada por um modelo americano, também objetivava eliminar a participação estudantil na administração das Instituições de Ensino, tanto colegiada quanto gremial.

Mas foi de fato, por meio do Ato Institucional Nº5 que a Ditadura exerceu um golpe brutal direcionado a democracia.

[...] o AI-5 estabeleceu que o presidente da República poderia decretar, por Ato Complementar, o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras dos Vereadores, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionarem quando convocados pelo próprio presidente da República; o presidente da República poderia, ainda, decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição; poderia suspender, também sem as limitações previstas na Constituição, os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais. Os cidadãos que tivessem os direitos políticos suspensos, simultaneamente teriam: cassação de privilégio de foro por prerrogativa de função; suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais; proibição de atividade ou manifestação sobre assunto de natureza política e aplicação, quando necessário, das seguintes medidas de segurança: liberdade vigiada, proibição de frequentar determinados lugares e domicílio determinado. Ficaram suspensas as garantias constitucionais ou legais de: vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade, bem como a de exercício em funções por prazo certo. Não mais existiria a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos contra a segurança nacional, a ordem econômica, social e a economia popular. Todos os atos praticados de acordo com o Ato Institucional nº 5 ficavam excluídos de qualquer apreciação judicial. (SANFELICE, 1986, p. 152).

É nesse contexto que o estudante secundarista, de 16 anos, Edson Luís Lima Souto é assassinado em uma manifestação contra mau funcionamento e atraso de conclusão da obra de reforma do restaurante Calabouço em 28 de Março de 1968, no Rio de Janeiro¹⁰. A partir daí várias manifestações sobre a consigna “Abaixo a Ditadura” foram realizadas pelo país, a mais célebre delas ficou conhecida como a Passeata dos Cem Mil.

Em 1984, os secundaristas já eram a linha de frente da campanha pelas Diretas Já! nas ruas do país. No mesmo ano, comemoram a aprovação da Lei

¹⁰ No dia seguinte, em protesto a assembleia geral dos estudantes da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (FEUB) sob a liderança de Honestino Guimarães nomeiam Edson Luis a praça da Faculdade de Educação.

do Grêmio Livre, que garantiu a reabertura dos grêmios estudantis nas escolas do país que extinguiu os Centros Cívicos¹¹. Em 1988, durante as discussões da Assembleia Constituinte, a UBES conquistou o voto facultativo para os jovens de 16 e 17 anos já nas eleições.

No lastro da reorganização do movimento social, particularmente daquele que foi qualificado como o novo sindicalismo, - originário do Partido dos Trabalhadores -, o movimento estudantil retorna ao cenário político no início da década de 80. A década de 80 do Século XX caracteriza um período histórico de redemocratização, materializado, dentre outros processos, pela promulgação de uma nova Constituição Federal e a eleição direta de Fernando Collor de Mello para Presidente da República em 1994 (GONZALEZ, MOURA, 2010)

A UBES ressalta que os estudantes secundaristas “cara-pintadas” foram os principais personagens da campanha “Fora Collor!”, que em 1992 arrastaram multidões pelo país após o presidente Fernando Collor de Mello se envolver em escândalos de corrupção. O presidente renunciou ao cargo para não sofrer processo de impeachment pelo Congresso Nacional.

Na década de 1990, junto a diversos setores, os secundaristas resistiram contra as privatizações em setores estratégicos do país e o sucateamento da educação nacional nos governos Fernando Henrique Cardoso. Além de cobrar a expansão e reformulação do ensino técnico, sob o bordão “Queremos mais do que apertar parafusos”.

Durante os governos Lula e Dilma, o movimento estudantil recuperou um canal de diálogo e reivindicações com o poder público, conquistando vitórias como a reserva de vagas para estudantes de baixa renda nas universidades, a Lei de Cotas e a ampliação das vagas no ensino superior. Em 2007, a UBES recuperou, ao lado da UNE, o terreno de sua antiga sede, no Rio de Janeiro. Com um novo projeto doado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, os estudantes construíram um museu

¹¹ A Instituição do Centro Cívico Escolar foi promulgada pelo decreto federal nº 68.065/71, especificando em seu artigo 32: “nos estabelecimentos de qualquer nível de ensino, públicos e particulares será estimulada a criação do Centro Cívico, o qual funcionará sob assistência de um orientador, elemento docente designado pelo diretor do estabelecimento e com diretoria eleita pelos alunos, destinada à centralização, no âmbito escolar, e à irradiação, na comunidade local, das atividades de educação moral e cívica, e a cooperação na formação ou aperfeiçoamento do caráter do educando”.

e um centro cultural voltado à memória da juventude brasileira, localizado na Praia do Flamengo 132. O período também foi marcado pela ampliação da rede técnica federal, com grandes investimentos na educação profissional e a criação do controverso Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego — PRONATEC. Hoje, os secundaristas reivindicam a criação de um plano de assistência estudantil para o ensino técnico.

Nesse período passam a participar de canais da chamada democracia participativa como o Conselho Nacional de Juventude, espaço em que foram fundadores e onde possuem uma cadeira de representação. Afirmam atuar em defesa dos interesses e das conquistas secundaristas, contribuem ainda com debates sobre jovens em instâncias como o Conselho Nacional de Saúde e o Conselho Nacional de Políticas sobre drogas. Além de algumas Conferências.

A partir do ano de 2010, a UBES se coloca como participante da luta pela aprovação do Plano Nacional de Educação e pelos investimentos de 10% do PIB nesse setor. O PNE instituído pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 prevê ainda importantes metas como a universalização do ensino fundamental e a erradicação do analfabetismo, ou melhor, promoção da alfabetização. No mesmo ano, também foram obtidas a destinação de 75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal para a educação.

Em 2013, a UBES integrou ainda o movimento responsável pela aprovação do Estatuto da Juventude, além de participar das manifestações desse período, e um ano depois conquista a lei da meia entrada. Em 2015 assumem posição ao lado do conjunto dos movimentos sociais em defesa da democracia e contra o retrocesso de direitos, em defesa da permanência de Dilma Rousseff no mandato de presidente.

A crise econômica e o levante conservador e golpista que tomou o país após a reeleição de Dilma Rousseff para presidenta exigiu dos movimentos sociais, e também dos estudantes secundaristas, muita mobilização em defesa da democracia brasileira, contra o retrocesso e por mais direitos.

O Congresso Nacional de estudantes da UBES é atualmente o maior fórum deliberativo do movimento estudantil secundarista do país, reunindo estudantes de ensino fundamental, ensino médio, escolas técnicas, cursos pré-vestibulares e de línguas estrangeiras. A UBES promove outros espaços como

Conselho Nacional de Entidades Gerais, Encontro Nacional de Escolas Técnicas, Encontro de Mulheres Estudantes e Encontro Nacional de Grêmios.

Os eventos são abertos para a participação de qualquer estudante que poderá participar na condição de observador ou delegado. Em relação a dinâmica de funcionamento do Encontro Nacional de Grêmios, o site da entidade apresenta algumas informações:

Bancada (ou delegação): É a turma que foi com você no ônibus e representa normalmente a mesma escola ou a região, cidade e estado. Vai ser comum você ouvir alguém dizer: Cadê a bancada de Minas? Alguém viu a delegação do Acre?

Debates: Mesas de discussão que contam com a participação de professores, pesquisadores, representantes de movimentos sociais, parlamentares e outras figuras. Tem a função de expor a diversidade de ideias da sociedade e dos estudantes sobre os assuntos mais atuais analisando temas como educação, política, economia e direitos humanos.

Delegado: Estudante indicado pelo grêmio para representar a escola no encontro. Este estudante pode ser da diretoria do grêmio ou não. O delegado traz para o encontro os problemas, soluções e experiências da sua escola para compartilhar com os outros participantes. Ele tem direito a voz e voto na plenária final.

Observador: Estudante que pode participar dos debates, grupos de discussões, eventos culturais, enfim, das atividades do encontro, contribui na formulação dos documentos e linhas de atuação que nortearão o movimento estudantil. Na plenária final, o observador tem direito a voz, mas não pode votar nem participar do processo eleitoral do encontro.

Grupos de discussão: São espaços para os estudantes trocarem ideias e opiniões com objetivo de contribuir para a formulação das resoluções que serão apresentadas durante a plenária final.

Resoluções: Conjunto de ideias e opiniões que circulam pelo encontro de grêmios e que apontam caminhos para a conjuntura do movimento estudantil no geral, valorizando assim a democracia na UBES.

Plenária Final: É o momento do encontro que os participantes se reúnem para votar as propostas apresentadas durante os debates e grupos de discussão. O processo é realizado por contraste visual (quando os delegados levantam os seus crachás e uma maioria é identificada com clareza), e se necessário, por votação em urna.

3. A ORGANIZAÇÃO DOS SECUNDARISTAS NO DF

No DF, a livre organização política dos estudantes em grêmios é resguardada pela Lei Nº 1735, de 27 de outubro de 1997, aprovada por um Governo intitulado como Democrático e Popular, composto por uma coligação de partidos de esquerda.

Para compreender a dinâmica do movimento estudantil distrital recolhemos algumas informações com Raiane da UESDF e Maria Fernanda do Encontro de Grêmios do DF (EnG - DF). Ambas possuem 17 anos e moram na cidade de Valparaíso (Goiás), Raiane participa da organização política Juventude Revolução e a Corrente “O Trabalho”, do Partido dos Trabalhadores, além de compor também o grêmio do Centro de Ensino Médio 03 do Gama. Maria Fernanda, estuda no CEM da Asa Norte e compõe o Movimento da Esquerda Socialista do Partido Socialismo e Liberdade, bem como a organização política de juventude JUNTOS.

As duas militantes do movimento estudantil quando se referem a dificuldades que surgem no percurso falam de perseguições. Maria Fernanda não participa do grêmio, resultado de forte repressão da direção da escola que apoiou uma das chapas em disputa nas eleições para gestão do grêmio e buscou prejudicar outra, a qual mantinha divergências políticas.

(...). É que de lá pra cá a gente só tem se deparado com perseguições, com perseguições que são cada vez mais frequentes. E quando as eleições vieram a nossa chapa foi acusada de crime ambiental por ‘tá’ distribuindo panfleto, tipo assim, coisas bizarras. E que nossos companheiros, no dia da eleição, dois companheiros nossos foram ameaçados de que se entrasse na escola sairiam no camburão. No dia da eleição. E que quando a eleição saiu a gente viu que tinha perdido por uma questão de vinte a trinta votos, algo do tipo (...) (E.3)

Após o processo, a maioria dos estudantes que compuseram a chapa “Carolina de Jesus”, por motivos variados, foram um a um expulsos da escola:

Foram motivos diversos, algumas acusações sobre esses alunos, são acusações extremamente graves, como tráfico de drogas e crime organizado. Desde essas acusações até expulsões por motivos, de estar fora da sala de aula, estar onde não deveria estar, esse é o motivo que colocaram (...) (E.3)

A estudante foi proibida de panfletar quando divulgava um Ato em apoio ao dia de greve geral, tendo o direito à liberdade de expressão e manifestação cerceados.

(...). Simplesmente chegaram e tomaram os nossos panfletos, aplicando o mais nítido sentido do escola sem partido¹². E que é uma coisa que a gente se coloca totalmente contra (...) (E.3)

Raiane compõe o grêmio de sua escola e comenta sobre dificuldades semelhantes, em que as relações de poder e a violação de direitos estão em evidência:

(...). Eu mesmo sofri muita perseguição na minha escola por parte da direção, por professores que estão sempre constrangendo a gente até pelo fato de serem professores, serem mais velhos e a gente ser estudante. Então isso é o mais difícil do movimento estudantil é enfrentar dentro da escola, né? Porque várias de nossas atividades e movimentações são barradas. E assim, a gente é só estudante, né? A gente é menor de idade, a maioria ainda é adolescente. É difícil lidar com essas pessoas que tem um certo poder acima de você, te constrangendo o tempo todo, né? Te perseguindo dentro da própria escola. (E.4)

Ainda sobre os problemas, segundo Maria Fernanda, o movimento estudantil disputaria espaço contra as igrejas, as quais os membros estudantes

¹² “Escola sem Partido” é um movimento ultraconservador composto por professores, grupos religiosos, grupos políticos, empresários e parlamentares que encaminhou uma série de projetos de leis a nível estadual, municipal e federal aos poderes legislativos. O movimento é, na verdade uma concepção de Partido único, e se baseiam em modelos inquestionáveis, supostamente “naturais” ou sagrados, de normatividade sexual, familiar, de nação e de organização política. Um modelo de escola semelhante ao da ditadura militar, em que se prestavam conteúdos como Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil e Estudos de Problemas Brasileiros. Ameaçam a liberdade de expressão e a garantia de discussões de temas como diversidade sexual, gênero, preconceito étnico-racial, tolerância a tantas formas de diferenças, principalmente política. Na Câmara Federal, o Projeto de Lei 867/2015: visa incluir, entre as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), o “Programa Escola sem Partido”, proposto pelo deputado Izalci Lucas (PSDB-DF).

organizam reuniões e cultos dentro da própria escola. Concorrem também contra a corrida pelo vestibular, onde os estudantes e professores enxergam o movimento estudantil como espaço onde se perde tempo útil de estudo. E contra o crime, em um contexto no qual os jovens são cada vez mais empurrados ao tráfico de drogas.

Acerca dos desafios presentes no Movimento Estudantil Universitário, Padilha (2004, p. 40) aponta:

Atualmente boa parte das pessoas acredita que os seus problemas vividos socialmente serão superados individualmente. Ou seja, “basta eu me esforçar, me dedicar e trabalhar que conseguirei prosperar e ter melhores condições de vida”. No entanto, a realidade nos mostra o contrário por mais que todos se esforcem não haverá no atual sistema social espaço para todos prosperarem, só alguns têm boas condições de vida, uma grande parcela da sociedade vive excluída, por mais que trabalhe. Além disso, a história demonstra que a superação dos problemas sociais só acontece quando se atua coletivamente.

Assim, os movimentos sociais de maneira geral têm muita dificuldade de agregar pessoas aos seus projetos coletivos. Mesmo que a pauta reivindicada pelo movimento tenha muito apelo social e importância na melhora da vida das pessoas. A consequência direta é que o movimento estudantil, nessa conjuntura desfavorável, tem poucos militantes que ficam sobrecarregados e muita dificuldade em encaminhar as diversas demandas oriundas da tarefa de representação dos interesses coletivos.

A UESDF surge como entidade estudantil em 2014 no processo de luta pela garantia do passe livre e outras manifestações durante a gestão do Governo Agnelo (PT), já o EnG - DF surge em 2016, como um tipo de agrupamento, após as manifestações contra o fim da isenção da taxa do PAS (Programa de Avaliação Seriada) aos estudantes das escolas públicas, uma das primeiras medidas tomadas pelo Governo Rollemberg (PSB).

Em algumas ocasiões, os dois grupos estavam juntos em atos e passeatas que reuniram mais de 1000 estudantes. O primeiro Congresso da UESDF ocorre em 2014 e o segundo em 2016. O primeiro fórum do EnG - DF aconteceu em 2016 e o segundo em 19 de agosto deste ano. Os segundos eventos parecem ter tido mais audiência e adesão do que os primeiros, o que significa um aumento considerável de participação.

Já compuseram os congressos da UESDF, várias organizações políticas, coletivos e juventudes de partido como a União da Juventude Socialista

(UJS), Juventude Revolução (JR), Revolução Aqui Vem os Estudantes (RAVE), Kizomba, União da Juventude Rebelião (UJR), Juventude do PSB (JPSB) e Juventude do PSDB (JPSDB). Segundo Maria Fernanda, membros do EnG - DF também participaram do último congresso na condição de observadores, apesar de manterem uma posição crítica em relação a entidade, assim como mantém na UBES, onde impulsionam um agrupamento chamado oposição de esquerda. A principal crítica parece se concentrar no fato de que essas entidades teriam se adaptado a uma burocratização.

(...) Mas o problema é quando você deixa de engajar a juventude, quando você deixa princípios básicos do movimento estudantil, que por exemplo, é o trabalho de base, né? Quando você deixa disso pra se fechar nas burocracias, detendo cargos de poder como presidência de entidade e cargos também na UBES como um todo, né? Na UBES nacionalmente e não há uma base concreta daquilo. Não há uma juventude realmente engajada, apenas uma galera que foi ali e votou. Quando é que essa galera vai receber uma proposta de um debate na sua escola? Quando que essa galera vai se organizar pra fazer um sarau dentro da sua escola? Quando que essa galera vai receber ajuda não só pra tocar processos burocráticos como eleições de C10 (comissão de 10), eleições de delegados pra disputa da UBES. E vai realmente tocar no que a gente realmente precisa, no que principalmente a juventude periférica realmente precisa? (...) (E.3)

Essa referida burocratização, também teria relação com a forma de financiamento de algumas entidades estudantis. A Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 que institui o Estatuto da Juventude defendido amplamente pela UBES, estabelece várias garantias e direitos. Em seu Artigo 23, parágrafo 1º estabelece que “A Carteirinha de Identificação Estudantil será expedida preferencialmente pela Associação Nacional de Pós-Graduandos, pela União Nacional dos Estudantes, pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e por entidades estudantis estaduais e municipais a elas filiadas”.

Se por um lado isso visa combater grupos como a Federação dos Estudantes Secundaristas de Brasília (FESB), quanto a União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Brasília (UMESB), que na prática viraram Empresas

que exploram os estudantes com a venda de carteirinhas estudantis ¹³. “Entidades que não surgiram pra luta” (E.3) e “não tem nenhum tipo de relação com os estudantes” (E.4).

Por outro lado, pode abrir precedente para um processo de associação obrigatória a UBES, UNE, ANPG e suas afiliadas, pelo ato da compra das carteirinhas que estariam automaticamente financiando suas atividades. Processo muito semelhante ao “imposto sindical”, instituído pela Ditadura Vargas que inspirado no Fascismo Italiano empregou uma forma de impedir aos trabalhadores sua livre escolha quanto a sua participação, sem poder optar pela sua adesão ao sindicato; todos são obrigados a sustentá-los, e são por eles representados, queiram ou não.

A UESDF se organiza por diretorias, como um grêmio estudantil. Promove reuniões quinzenais ou mensais e fazem o acompanhamento das escolas de acordo com a área de proximidade do local de estudo de cada diretor. Sobre as ações desenvolvidas, Raiane explica:

Olha, a gente costuma fazer vários debates aqui nas escolas, sobre temas da conjuntura política mesmo. Por exemplo, as ocupações de escola que houveram no ano passado: tiveram várias ocupações de escolas no DF, no Plano, no Gama mesmo, aqui no CEM 02. Atos também, nós já fizemos três Atos por melhoria nas escolas esse ano, no ano passado. E passagens em salas mesmo, propondo atividades. A própria construção dos grêmios é uma atividade que a UESDF faz dentro das escolas (E.4)

Há uma participação por parte da UESDF no Fórum Distrital de Educação do DF, como podemos constatar na Portaria Nº 187, de 27 de abril de 2017. Essa participação se dá ao lado de grupos de representantes de Sindicatos, Associações, Fóruns e também ao lado da própria UBES. A partir de um amplo processo de discussão e participação popular essa construção culminou na elaboração do Plano Distrital de Educação - PDE 2015/2024. O Plano estabelece 21 metas para o desenvolvimento do ensino nos próximos 10 anos e 411 estratégias

¹³ Trecho do documento de fundação da União dos Estudantes Secundaristas do Gama, de 2011. Entidade estudantil filiada a UBES, atualmente desativada. Acessado em: 10/10/2017. Disponível em: http://umesgama.blogspot.com.br/2011/09/congresso-de-fundacao-da-umesgama_25.html?view=timeslide

para o seu cumprimento e visa evitar improvisações e descontinuidades decorrentes de mudanças governamentais.

Raiane considera que o EnG - DF tem feito um bom trabalho e que seria positivo se compusessem gestão da UESDF, pois poderiam melhorar o acompanhamento das escolas.

Já em relação ao método de funcionamento do EnG - DF, Maria Fernanda explica que o agrupamento mantém relações políticas de parcerias com a organização política JUNTOS, alguns grupos culturais, o programa Jovem de Expressão, Faculdade Dulcina de Moraes, entre outros. Além da luta por melhorias na educação e atividades nas escolas, dão ênfase na luta pelo direito à cidade e direito à cultura. Se organizam a partir de “territórios”, onde possuem núcleos de atuação e fazem reuniões quinzenais. Usam como meio de divulgação de suas atividades uma página no Facebook que é administrada coletivamente. Sobre ações, Maria Fernanda comenta sobre dois projetos de iniciativa popular, o primeiro visa combater as opressões nas escolas e o segundo diz respeito aos recursos financeiros,

Projeto de iniciativa popular, não precisando ser apadrinhado por nenhum deputado. Tocado apenas pelo movimento social como um todo, que é um projeto que os próprios estudantes, a gente mesmo escreveu, a gente fez várias reuniões, onde a gente pode escrever esse projeto. Que visa combater o machismo, o racismo e a lgbtfobia dentro das escolas e que também, junto a esse projeto de iniciativa popular, a gente lançou um outro projeto de iniciativa popular, que foi um projeto de aumento das verbas do PDAF¹⁴ gradualmente até chegarem a cem milhões pras escolas do DF (E.3)

¹⁴ PDAF trata-se do Programa de Descentralização Administrativa e Financeira - é proveniente dos recursos da Lei Orçamentária Anual do DF. Os critérios de distribuição entre regionais de ensino e escolas são estabelecidos pela própria Secretaria de Estado e de Educação. A utilização da verba do programa é permitida somente para despesas de custeio: comprar material didático e fazer manutenção de equipamentos e pequenos reparos, além de executar projetos pedagógicos. Cabe ao conselho escolar da Instituição de Ensino definir as necessidades e as prioridades. Segundo informações do site da Secretaria de Educação do DF, a rede pública de ensino do Distrito Federal recebe recursos do PDAF desde 2012. O Programa, sempre dependente do orçamento de cada governo, se tornou lei recentemente. Em sessão na Câmara Legislativa, os deputados distritais, construíram com o governo um substitutivo ao projeto de lei nº 1.674, de 2017, do Executivo.

A partir dos registros da comissão de credenciamento do 2º Congresso da UESDF realizado em 2016, de 96 escolas credenciadas para participar do evento, apenas 22 foram registradas por Grêmios Estudantis. Sendo:

- 9 no Plano Piloto (4 públicas e 4 particulares);
- 4 em Santa Maria (todas públicas);
- 3 no Gama (todas públicas);
- 3 em Taguatinga (2 públicas e 1 particular);
- 1 no Recanto das Emas (pública);
- 1 em Samambaia (pública);
- 1 em São Sebastião (pública);

Os dados de credenciamentos de escolas para o Congresso da UBES de 2017 mostram que de 54 inscritas, apenas 09 comissões eleitorais são de grêmios estudantis (todos de escolas públicas). Por cidades e escolas:

- CEM 01 e CEF 05 do Paranoá
- CED do Lago Norte
- CEM Setor Oeste
- CEM Elefante Branco
- Ced 01 do Guará
- Ced 01 do Riacho Fundo 2
- Cem 01 do Gama
- Cem 304 de Samambaia

Os números podem não ser tão confiáveis devido pelo fato de que ao se inscrever para participar de um Congresso, mesmo escola que possui um grêmio estudantil ativo, pode optar por cadastrar uma comissão eleitoral que seja mais ampla, que geralmente é composta por 10 estudantes regularmente matriculados na instituição de ensino.

Raiane disse que a entidade tem relação com uma média de 16 a 20 grêmios, distribuídos em cidades como Santa Maria, Gama, Samambaia, Taguatinga e Plano Piloto. Maria Fernanda, informa que teriam o conhecimento de 14 grêmios espalhados por Paranoá, Ceilândia, Recanto das Emas, Plano Piloto, Guará, Cruzeiro, Planaltina e Ceilândia.

Percebemos um número bem superior, comparados aqueles dos levantamentos iniciais, segundo essas informações, cerca de 30 grêmios atuam no DF. Os dados de 2016 da Subsecretaria de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação do Governo do DF, apontam a existência de 89 Instituições da rede pública que ofertam Ensino Médio e Ensino Médio Integrado a Educação Profissional. Mesmo comparado apenas ao número total de escolas de Ensino Médio, onde se concentram a maioria dos grêmios estudantis atualmente, podemos concluir que a expressão quantitativa dessas entidades estudantis ainda é pequena, apesar de significativa.

4. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO RIACHO FUNDO 2

A história do Riacho Fundo 2, comumente é confundida com a história do Riacho Fundo 1. É o que podemos constatar nos poucos registros existentes relacionados a informações da cidade como, por exemplo, na Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílio de 2015.

A Sub administração Regional do Riacho Fundo II surge em 2001, dois anos depois o Decreto nº 3.153 estabelece a RAXXI, neste contexto a Administração Regional do Riacho Fundo II também é criada, tornando-se um órgão da Administração Direta vinculado à Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação do Distrito Federal, durante o terceiro Governo de Joaquim Roriz (PMDB), que durou de 1999 à 2003.

O movimento de ocupação por direito à moradia própria tem início em 1995, através da iniciativa de resistência de pessoas que organizaram um acampamento às margens da pista, nas proximidades do balão do Recanto das Emas. Segundo a descrição na página oficial da Administração da cidade ¹⁵ foram sete anos de lutas, com os ocupantes sendo retirados algumas vezes, até que se alcançasse a total independência da cidade.

Edmilson, coordenador da escola, à época morador do Gama, cidade vizinha, mantém algumas recordações a partir de uma ótica de quem observou os acontecimentos a distância:

¹⁵ Informações disponíveis em <http://www.riachofundoii.df.gov.br/>. Acessado em: 05/09/2017

(...) mas quando você olha pra trás você vai ver umas árvores que parecem uns pinheiros bem grandes. Então, tinha um punhadinho de casas centralizadas, bem. O que aconteceu? A partir dali as casas foram aumentando e o Riacho Fundo foi esticando, esticando, esticando. Num primeiro momento foi um processo desordenado de ocupação, sem autorização do Governo, era como se fosse uma invasão mesmo, aí o loteamento foi crescendo, crescendo, crescendo. A época o Governador era o Joaquim Roriz e ele tinha aquela política de distribuição de lote e tudo mais e aí o Riacho foi surgindo nesse contexto, sem organização nenhuma, não tinha pavimentação. Eu lembro que passava de ônibus na frente, e aí às vezes passava um carro ou uma carroça bem aqui no meio, aí subia aquela nuvem de poeira, sabe? E as casinhas sumiam no meio da poeira. Esse processo, ele foi paulatino. Esse loteamento aqui demorou uns 20 anos mais ou menos até que a região administrativa foi de fato instituída, aí se criou o Riacho Fundo 2, é tanto que os moradores aqui, não tem as escrituras dos terrenos, dos lotes. Essas casas aqui não são escrituradas. Tem autorização do Governo para manter sem documentação, entendeu? Porque ainda está em processo de regularização, mas já existe a cidade, existe de fato. Nos últimos anos melhorou na pavimentação (...) A Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílio (PDAD) que de julho a agosto de 2015 recolheu amostra em 500 domicílios constatou que hoje em relação a posse dos imóveis, 38,08% declararam ter contrato de compra e venda, 33,43% escritura definitiva e 27,33% concessão de uso. (CODEPLAN, 2015, p. 39)

A partir de 1986 há um crescimento repentino de ocupações no centro da capital do país. O chamado “problema das invasões”, foi alimentado pelas construtoras que na corrida pelo lucro não investiria em transporte e alojamento. Depois de “vista grossa” do governo e passada as eleições foram organizadas uma série de investidas contra os ocupantes por meio de várias táticas: persuasão, violência, isolamento e por fim a divisão¹⁶.

Na década de 90, os interesses imobiliários e as táticas de desarticulação de ocupações também são o ponto forte dos interesses do Governo Roriz (1991 á 1995). Sob os gritos de “Daqui não saio. Daqui ninguém me tira”, moradores da Vila Telebrasília resistiam em um assentamento em plena “área nobre” do DF, às margens do Lago Paranoá, no fim da L4 Sul. O episódio foi marcado por uma luta ferrenha entre moradores, movimentos sociais, vários grupos religiosos e a própria Universidade de Brasília que defendiam a permanência.

¹⁶ Documentário “Conterrâneos Velhos de Guerra”(1990), dirigido por Vladimir Carvalho. Disponível em <https://www.youtube.com/>. Acessado em: 05/09/2017

Direito à moradia não se resume a ter um teto, mas a ter um local adequado para morar, com acesso a serviços básicos de fornecimento de água tratada, luz, captação de esgoto, transporte, pavimentação de ruas, escola, creche, centro de saúde e áreas para o lazer. Tal ideia veio positivada na Constituição brasileira de 1988 e, antes, em instrumentos internacionais como o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966. Mas a mera positivação não quer dizer que o direito já seja garantido. É preciso lutar por ele. E foi por esse direito, em sua concepção mais ampla, que a comunidade da Telebrasília lutou e vem lutando em um processo não só de construção de casas, mas também na construção de uma identidade e de uma memória (SOUSA JUNIOR, 2015 p. 49).

E é nesse contexto que foram divididos por meio do Programa de Erradicação das invasões, quando 400 famílias foram realocados para a Granja do Riacho Fundo, se tornando R.A em 1993. Roriz aprova o parcelamento da cidade em 1995 e a sua cisão administrativa em 2003.

As duas cidades são circundadas por Área de Preservação Ambiental, nascentes e diversos córregos. O córrego do riacho fundo faz parte da bacia hidrográfica do lago Paranoá e é a única da região que se encontra totalmente no território do Distrito Federal.

De acordo com dados da PDAD de 2015 o Riacho Fundo 2, conta com uma população urbana de aproximadamente 51.709 habitantes, onde 66,74% dos residentes se auto - declaram negros (CODEPLAN, 2015, p. 15 e 16).

A renda familiar, embora apresente limitações por não considerar a ocupação domiciliar e a faixa etária dos moradores, constitui indicador amplamente utilizado para análise da situação socioeconômica de uma população. Quando apurado o rendimento gerado, ignoram-se as desigualdades de condições de cada domicílio. Ao analisar a renda de uma localidade, deve-se, também, atentar para o fato de que a renda domiciliar é resultado do momento em que o dado é coletado, do desempenho global da economia, da política salarial, assim como da situação do mercado de trabalho. Feitas as devidas ressalvas, esse indicador permite que se elabore o perfil socioeconômico dos moradores do Riacho Fundo II por meio do levantamento da renda bruta mensal do trabalho e dos demais rendimentos, como aposentadorias, pensões, aluguéis, entre outros, auferidos pelos membros dos domicílios pesquisados.

A renda domiciliar média apurada na pesquisa foi da ordem de R\$ 3.101,00, o que corresponde a 3, 94 Salários Mínimos (SM), e a renda per capita foi de R\$ 930,37 (1,18 SM) (...) Ao analisar a distribuição da renda domiciliar bruta mensal, segundo as classes de renda, com base em múltiplos de salários mínimos, verifica-se que a classe mais expressiva é a classe de renda de mais de dois a cinco

salários mínimos, 42,02% seguida pela de mais de um a cinco SM, 23,15%. Na RA, em apenas 0,67% dos domicílios foram encontrados moradores que vivem com rendimentos acima de 20 salários mínimos. Com até um salário mínimo se encontram 10,79% dos domicílios (...) (CODEPLAN, 2015, p. 34 e 35).

Tabela 5.7 - Renda Domiciliar Média Mensal e Per Capita Média Mensal - Riacho Fundo II - Distrito Federal - 2015

Renda Domiciliar Média Mensal		Renda Per Capita Média Mensal	
Valores Absolutos R\$	Valores em Salários Mínimos	Valores Absolutos R\$	Valores em Salários Mínimos
3.101,00	3,94	930,37	1,18

Fonte: Codeplan - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Riacho Fundo II - PDAD 2015

Tabela 5.8 - Distribuição dos domicílios ocupados segundo as Classes de Renda Domiciliar - Riacho Fundo II - Distrito Federal - 2015

Classes de Renda	Nº	%
Até 1 salário mínimo	1.443	10,79
Mais de 1 a 2 salários mínimos	3.097	23,15
Mais de 2 a 5 salários mínimos	5.622	42,02
Mais de 5 a 10 salários mínimos	2.495	18,65
Mais de 10 a 20 salários mínimos	631	4,72
Mais de 20 salários mínimos	90	0,67
Subtotal	13.378	100,00
Renda não declarada	1.654	
Total	15.032	

Fonte: Codeplan - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Riacho Fundo II - PDAD

Atualmente os seus moradores estão distribuídos entre as quadras nortes (QN), centrais (QC), Sul (QS) e Quadras Industriais (QI), além dos conglomerados agro urbanos de Brasília (CAUB) I e II e a Granja Modelo, unidade habitacional mais antiga. A cidade tem crescido ainda mais devido aos programas habitacionais do Governo Federal como Morar Bem, vinculado ao Programa Minha Casa Minha Vida.

5. A ESCOLA

O Centro Educacional 01 (CED 01) está localizado na última quadra do Riacho Fundo 2, mais especificamente na QS 18 Área Especial 02. O Projeto Político Pedagógico de 2017 da instituição que a escola construída e inaugurada em agosto de 2009 surge como Centro de Ensino Fundamental 03, mas a partir de 06 de outubro é alterado para Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 2. Gradualmente ela passa a atender apenas o Ensino Médio: em 2011 é o último ano em que se oferta a sétima série, em 2012 a oitava e a partir de 2013 oferta-se

apenas o Ensino Médio. A maioria de estudantes reside na própria cidade, mas também nas imediações como Ponte Alta, núcleo rural Casa Grande, Asa Alimentos, Recantos das Emas e Gama.

Mapa 1 – Região atendida pela Instituição de Ensino



Fonte disponível em: <https://www.google.com.br/maps> . Acessado em 09/10/2017

A história da cidade é marcada por luta e resistência, o que parece reverberar na ação dos sujeitos, de alguma forma, até hoje. Desde os barracões cobertos por lona na busca pelo direito a habitação, passando por um movimento de pressão social que culminou numa Audiência pública, pautando a construção da escola de Ensino Médio, até as ações dos estudantes no grêmio estudantil iniciadas no ano 2011.

O estabelecimento de Ensino foi conquistado através de muita pressão da comunidade, que conseguiu, após alguns anos, uma escola para atender o Ensino Médio, tendo em vista que todos os jovens da cidade, após concluir o Ensino Fundamental, não tinham outra opção que não a de estudar em outra Região Administrativa.

Segundo os dados da PDAD de 2015, dos alunos moradores do Riacho Fundo II, 64,10% estudam na própria Região, 11,77% em Taguatinga e 7,50% no Plano Piloto. E o CED 02 permanece sendo a única escola de Ensino Médio da cidade.

O espaço construído e inaugurado durante o Governo de José Roberto Arruda (DEM) era para ser provisório, mesmo Governo que improvisou diversos postos policiais, hoje em desuso e abandonados. Um desses postos foi transformado pela Administração da cidade em biblioteca comunitária.

Em relação as condições da estrutura, o coordenador comenta:

Não sei se você percebe, mas a estrutura desse colégio, ela é um tanto quanto precária né? Precária no sentido de que as salas não têm uma laje, ou seja, quando chove faz muito barulho e tem só esse forro de PVC. As paredes não têm isolamento acústico, a distância entre os corredores é mínima, de modo que um professor está falando em uma sala e o outro, escuta. É uma escolinha que ela atenderia, de repente, um contingente muito pequeno de alunos entendeu? Reduzido de alunos por turma e, de repente, os anos iniciais, entendeu? Educação infantil, porque para Ensino Médio você tem que ter biblioteca, laboratório de ciências, né? Auditório. E nós não temos nada disso aqui nessa escola

O PPP caracteriza a estrutura física da escola como razoável, apesar de carências como quadra poliesportiva coberta, auditório, refeitório, biblioteca e ou salas de estudo, laboratório de informática, mobiliário adequado para os alunos de ensino médio (mesas e cadeiras) e uma sala de mecanografia.

A escola possui dois blocos pedagógicos, totalizando 15 salas de aula, 1 sala multimídia, 1 laboratório de Química/Física/Biologia/Matemática. Um bloco administrativo com salas para Secretaria, SOE, Direção, Coordenação/Supervisão pedagógica, Sala de Professores e sala de reunião (coordenação de professores). Outro bloco de serviço com Depósito da Cantina, Cantina, Depósito da EJA, sala de Servidores e Sala de recurso. Conta ainda com 2 banheiros femininos e 2 masculinos para alunos, 2 para professores, 1 feminino e 1 masculino para servidores e ainda 2 banheiros adaptados para portadores de necessidades especiais (PPP - CED 01, 2017, p. 8)

O CENSO escolar de 2016 da Secretaria de Educação do DF informa o número total de 1064 estudantes matriculados na instituição. Em relação a distribuição de turmas por série, no matutino seriam 6 do primeiro ano, 4 do segundo e 4 do terceiro, no vespertino 7 do primeiro, 5 do segundo e 2 do terceiro. E ainda, 3 turmas de Educação de Jovens e Adultos de cada série. O total de número de estudantes por série e turno está disposto abaixo:

Tabela 2 – Número de turmas e matrículas por turno e série

CRE: NUCLEO BANDEIRANTE

RA: RIACHO FUNDO II

53068092 - CED 01 DO RIACHO FUNDO II

Localização: Urbana

Descrição	MATUTINO		VESPERTINO		NOTURNO		INTEGRAL		TOTAL		Média M/T
	Turma	Matrícula	Turma	Matrícula	Turma	Matrícula	Turma	Matrícula	Turma	Matrícula	
1ª Série	6	211	7	235	1	38			14	484	34,57
2ª Série	4	151	5	159	1	33			10	343	34,30
3ª Série	4	142	2	57	1	38			7	237	33,86
Total	14	504	14	451	3	109			31	1.064	34,32

Fonte: CENSO ESCOLAR DE 2016 – Secretaria de Estado e de Educação p. 8

O Coordenador nos diz que há uma média de 14 a 15 professores por turno e que a escola atenderia atualmente entre 1300 e 1400 educandos.

O Ensino Médio diurno, com duração mínima de três anos, possui carga horária de mil (1000) horas, distribuídas em duzentos dias letivos. Para o Ensino Médio noturno, também com duração mínima de três anos, a estrutura do ensino está organizada em duzentos dias letivos, com 800 horas, a serem distribuídas. E na modalidade de Educação de Jovens e Adultos temos 3º segmento - Ensino Médio com 1200 horas ambos em regime semestral, correspondente a 100 dias letivos cada (PPP - CED 01, 2017. p.16)

Entre as mudanças previstas para o PDAF consta a possibilidade de o dinheiro ser usado para reformas, desde que com autorização da Secretaria de Educação e laudos de especialistas. Há grandes dificuldades para manter a escola em funcionamento, a falta de verba é apontada como o principal problema tanto por professores, como por estudantes. Mesmo o que viria através do PDAF se mostra insuficiente. A observação é de que essa questão nunca esteve tão problemática quanto na atual gestão do governo Rolemberg (PSB).

Hoje, o dinheiro serve para fazer pequenos reparos nos colégios, custear projetos e adquirir alimentos específicos para atender a necessidades de alunos, por exemplo.

Essa aí é a parte difícil, por exemplo, a gente passa o ano inteiro sem nem 1 real de verba do Governo, agora em setembro, praticamente fim de agosto chegou a verba, algo em torno de 56000 reais dos quais 90% já estava tudo comprometido. Como a escola vem se sustentando? A gente parte do princípio da confiança, né? Faz contato com as papelarias, com os comerciantes locais,

entendeu? E compra na base da caderneta, do fiado. Quando chegar verba, se chegar, negocia. A gente faz o acerto. E é assim que tem sido, com muita dificuldade. A gente tem uma cantina ali, por exemplo, tem muita coisa, muitos insumos ali como tempero, óleo, sal, essas coisas que não são enviados pela Secretaria, que a gente tem que tirar do bolso, do contrário não tem lanche para os meninos. A gente pensa em tirar todo dia, 5, 10 reais do bolso. Pode parecer pouco, mais imagina isso aí durante o ano, né? Pra comprar o tempero, sal, óleo que falta. Entendeu? Pra escola funcionar, você imagina, a gente precisa rodar prova, de máquina copiadora, de papel, toner, máster. A gente tem algumas impressoras a laser que são equipamentos caros, quando quebra a gente tem que chamar o técnico, que ninguém trabalha de graça. Então a gente vai se virando aqui no peito e na raça. Para o Governo realmente, educação está em segundo plano, nunca esteve em primeiro. Nos Governos anteriores esteve melhor, com todas as dificuldades, agora nesse em específico eu tenho presenciando algo inédito. Eu tô com 9 anos de Secretaria de educação e nunca passei por tanta dificuldade como a gente tá passando agora. (E.1)

O CED 01 não é exceção. Cerca de 90 escolas não receberam o repasse de verbas no primeiro semestre de 2017, apesar de suas documentações - prestações de contas estarem sem pendências e, apesar das garantias legais do envio do recurso em dois semestres. A consequência é que várias dessas escolas, também acabam comprometidas com dívidas por não terem como custear coisas simples como comprar de toner, revelador, máscara, recarga de hidrantes de incêndio, trocar velas de filtros, dedetização e etc.¹⁷

Edmilson também explica sobre a dificuldade em realizar mudanças estruturais na escola e grandes reformas como cobertura de quadra diante da realidade de uma escola projetada com uma infraestrutura improvisada, em que o provisório perdura a quase 10 anos.

Olha só como é que funciona: Você não pode fazer nenhuma mudança a nível estrutural na escola sem passar por todo um processo burocrático. Ainda que eu tenha verba, que eu tenha um recurso, eu não posso chegar no dia e dizer que vou fazer a construção de um auditório ali, entendeu? Não posso fazer isso, tem um trâmite a ser cumprido. A primeira coisa é que essa escola não tem espaço físico suficiente para isso. Ainda que tivesse seria

¹⁷ Informação disponível em: <http://www.sinprodf.org.br/gdf-deixa-mais-de-90-escolas-sem-pdaf-e-diretores-ameacam-suspender-as-aulas-do-2o-semester/>. Acessado em: 05/092017

necessário passar por esse processo e, mesmo que tivéssemos recurso e pudéssemos passar por esse processo a gente ia depender da verba para fazer a cobertura da quadra. Você imagina, a gente ia gastar entre 300 e 500 mil reais, entendeu? Aí como é que os alunos praticam educação física em Brasília, uma região seca, umidade em torno de 10%? Em determinados períodos do ano o sol escaldante, não tem a menor condição. Por exemplo, consta no regimento de ensino do DF sala de apoio, biblioteca, laboratório de informática e tudo mais. Em vários momentos nós até criamos, pegamos espaços de alguma sala de aula e utilizamos como sala de leitura (biblioteca), sala de informática. O que acontece? Em determinado momento, uma ordem de cima diz que a gente deve transformar aquele espaço em sala de aula para receber o contingente de alunos que estão chegando, ou seja, em vez de se pensar construir uma nova escola, você aproveita espaço que já existe. Vamos injetar o máximo de alunos que conseguirem aí, a política no final das contas é essa. (E.1)

Ele ainda completa dizendo que os computadores da instituição não funcionam bem por serem defasados e que a internet seria de péssima qualidade. Materiais como caixa de som e microfone foram sendo adquiridos ao longo do tempo.

Elaborado na semana que antecede as aulas, a discussão do Plano Político Pedagógico não consegue se expandir para além dos professores. O Coordenador explica que o convite é feito, mas há dificuldades na construção coletiva.

Tudo isso é pautado no Regimento. Quando o ano se inicia, antes do início das atividades, a gente tem aquilo que a gente chama de semana pedagógica. Na semana pedagógica professores se reúnem e aí nós vamos traçar as diretrizes para o ano, ou seja, quais são as diretrizes administrativas e pedagógicas, como a escola funciona com este Norte, quais objetivos nós pretendemos alcançar lá na frente. Nesse momento a comunidade é convocada, ela é convidada, na verdade, a comparecer para participar da elaboração do PPP porque o processo de ensino é esse processo dialético e a participação do corpo docente, do discente e dos pais também de estarem envolvidos no processo. Então, a ciência de todo mundo acerca de como funciona nossas diretrizes é muito importante, mas o que se percebe é que geralmente não tem muito a participação da comunidade, acaba que os professores, eles decidem sozinhos ali quais serão as diretrizes. Mas o convite, ele é feito, a partir daí nós instituímos o conselho escolar, entendeu? Conselho fiscal e tudo mais. Tudo dentro dos prazos estabelecidos de acordo com o Regimento. Então existem vários momentos em que essas instâncias são organizadas, então tem que ter um trâmite. Tem que fazer uma convocação de 30, de 15 dias né? Isso tem que ser divulgado em canal específico, entendeu? Na verdade, a escola abre espaço para

receber os pais a comunidade, os alunos para que a gente possa instituir esses conselhos e a partir daí a escola começa” (E.1)

Podemos afirmar que essa relação de distanciamento entre comunidade e as instituições de ensino é muito forte na cidade. Com relação à mobilização social nas escolas públicas, a quase totalidade das famílias com filhos nas escolas negam utilizar os espaços das escolas para atividades extraclasse; 87,06% desconhecem Ideb/Prova Brasil e 80,60% dizem não conhecer os projetos pedagógicos da escola. Campanhas e reuniões na escola têm participação de 33,62% das famílias (CODEPLAN, 2015, p. 29).

Apesar do entendimento de que o conselho escolar deva se reunir obrigatoriamente semestralmente ou bimestralmente, além de reuniões extraordinárias, bem como o conhecimento da livre participação de vários setores da comunidade escolar. Em consonância com o que prevê a Lei Nº 4.751, de 07 de fevereiro de 2012 que dispõe sobre o Sistema de Ensino e a Gestão Democrática do Sistema de Ensino Público do DF. Que estabelece:

Art. 2º A gestão democrática da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, cuja finalidade é garantir a centralidade da escola no sistema e seu caráter público quanto ao financiamento, à gestão e à destinação, observará os seguintes princípios:

I – participação da comunidade escolar na definição e na implementação de decisões pedagógicas, administrativas e financeiras, por meio de órgãos colegiados, e na eleição de diretor e vice-diretor da unidade escolar;

II – respeito à pluralidade, à diversidade, ao caráter laico da escola pública e aos direitos humanos em todas as instâncias da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal;

III – autonomia das unidades escolares, nos termos da legislação, nos aspectos pedagógicos, administrativos e de gestão financeira;

IV – transparência da gestão da Rede Pública de Ensino, em todos os seus níveis, nos aspectos pedagógicos, administrativos e financeiros;

V – garantia de qualidade social, traduzida pela busca constante do pleno desenvolvimento da pessoa, do preparo para o exercício da cidadania e da qualificação para o trabalho;

VI – democratização das relações pedagógicas e de trabalho e criação de ambiente seguro e propício ao aprendizado e à construção do conhecimento;

VII – valorização do profissional da educação.

Os estudantes não tem nenhum conhecimento sobre a dinâmica deste conselho, quem seriam seus representantes, em que momento se deu processo eleitoral e até mesmo o que é um Projeto Político Pedagógico, bem como a participação no Conselho de Classe. Isso demonstra uma debilidade de comunicação sobre as possibilidades de participação nos processos decisórios da escola por parte do corpo gestor. As eleições para o grêmio estudantil acontecem em um momento específico e posterior a elaboração do PPP, e a gestão do grêmio possui um mandato de duração de um ano.

Maura (2007, p. 38) citando Mendonça (2001, p. 86) alerta que

A gestão democrática da educação foi estabelecida na Constituição Federal de 1988, graças aos diversos acontecimentos que motivaram a participação popular. Entretanto as leis específicas sobre a gestão democrática nos vários estados e municípios da federação cosntituem-se como manifestação legislativa mais completa no entendimento das autoridades pela maneira pela qual a norma constitucional se aplica ao Sistema público. Assim, mesmo onde vigoram leis chamadas de Gestão democrática, não são raras as atuações de diretores, professores e funcionários, com prevalência dos primeiros, monopolizando os foros de participação.

As concepções teóricas as quais a instituição estaria embasada teriam proximidade com “a pedagogia crítico social dos conteúdos e a pedagogia histórico crítica” (PPP – CED 01, 2107, p.15). Os princípios orientadores da prática pedagógica educativa visam está respaldados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o PPP Carlos Mota (DF).

(...) contextualização dos conteúdos com a realidade do aluno e com o meio onde vive, o respeito à sua bagagem de conhecimentos, a reflexão sobre suas experiências de vida. Dessa forma, busca-se sempre aprimorar as operações básicas da mente: conhecer- refletir-agir-avaliar. A partir dessa elaboração, o aluno passa, então, a agir de acordo como refletido, desenvolvendo uma postura, interior e exterior, que lhe possibilita utilizar o saber conquistado em seu próprio benefício e no do outro. (PPP – CED 01, 2017, p.13)

O que se mostra discrepante com a prática, como pudemos observar no decorrer da realização da pesquisa. Bem como os objetivos de ensino que pretendem alcançar.

As finalidades do ensino concentram-se na preparação e orientação básicas, continuadas e diversificadas para o mundo do trabalho e para o exercício ético da cidadania; no aprimoramento do educando como pessoa, desenvolvimento da autonomia intelectual, pensamento crítico, capacidade para definir e avaliar metas para um aprendizado continuado; na compreensão dos fundamentos científico - tecnológicos, estéticos, políticos e filosóficos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada proponente curricular (PPP – CED 01, 2107, p.16)

As mesmas distorções entre o que estabelece o PPP e o que é aplicado por parte dos professores também é constatada nas estratégias de avaliação das aprendizagens e suas execuções.

(...) a avaliação deve ser formativa e contínua, visando o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes. Sendo que uma boa prática avaliativa deve ir além do medir, do verificar, do classificar; oferecendo muito mais do que um índice quantitativo, deve permitir uma avaliação diversificada, utilizando-se vários instrumentos e procedimentos avaliativos, não sendo aceita uma punica forma como critério de aprovação ou reprovação. Pesquisas, relatórios, questionários, testes ou provas interdisciplinares e contextualizadas, entrevistas, dramatizações, dentre outros, são recursos que possibilitam que a ação avaliativa esteja a serviço da aprendizagem. (PPP – CED 01, 2107, p.17).

Além de algumas ações institucionais como participação nas reuniões de coordenação dos professores, ações com coordenações, com a família e etc. O SOE (Serviço de Orientação Educacional) desenvolve junto a escola como Jogos Escolares, Orientação vocacional aos 3º anos com visitas a faculdades e a feiras de profissão, Semana de Educação para a vida (que inclui uma série de palestras, oficinas e atividades de lazer sobre temas variados), semana de consciência negra, feira cultural, passeios, a semana de ciência e tecnologia do DF e etc.

6. O GRÊMIO ESTUDANTIL DO CED 01

A partir de entrevista semiestruturada com Leandro, um personagem importante na construção e na sustentação da existência do grêmio estudantil na escola. É possível compreender como se inicia sua relação com a entidade, que se dá junto a ações que culminam na fundação deste. Ele explica que tal movimentação partiu dos próprios estudantes em um contexto de mobilização motivada pela combinação da insatisfação em relação a postura da direção “Viu-se a necessidade de questionar alguns pontos, algumas atividades na escola que a direção estava impondo” (E.2) e, a insatisfação em relação a infraestrutura precária do estabelecimento de ensino.

Os representantes de turma, por meio de um conselho que buscava articulação independente passou a organizar ações e diálogos com o conjunto dos estudantes. O passo seguinte foi definir a principal reivindicação: o envio devido dos recursos provenientes do PDAF. Dessa forma, a necessidade da existência de um grêmio surge para ser ponto de apoio à luta dos estudantes por seus direitos.

Se o governo manda dinheiro, porque isso não estava sendo implementado dentro da escola? E aí gerou um problema, porque fomos descobrir que o governo não estava repassando o valor integral do PDAF. Aí nós começamos a articular, levamos os estudantes na Regional de Ensino, começamos a fazer reunião. Os representantes de turma mais engajados começaram a levar uma série de questionamentos a direção da Regional de ensino e aí disso tudo começou a se formalizar o grêmio estudantil. Para não ter problema com a Regional de Ensino, nós resolvemos fazer algo legal para que ninguém impedisse a gente de trabalhar na escola. E aí formou-se o grêmio estudantil naquela época (E.2)

Esses estudantes iniciaram uma pesquisa sobre movimento estudantil e em 2011 o CED 01, irá contar com a primeira gestão de um grêmio. Apesar de não terem nenhum acompanhamento, pelo menos no início do processo, por parte de entidades do movimento estudantil e ou grupos como Organizações políticas de juventude, os passos seguidos estão próximos dos que orientam a UBES em seu site. Na segunda etapa para efetivação do grêmio estabelecem que: A Comissão Pró-Grêmio convoca todos os alunos da escola para participar da Assembleia Geral. Nesta reunião, decide-se o nome do grêmio, o período de campanhas das chapas, a

data das eleições e se aprova o Estatuto do Grêmio. Nessa reunião também são definidos os membros da Comissão Eleitoral.

Leandro que assumiu o cargo de diretor de política estudantil explica:

Nós fizemos isso dentro da escola, formamos todo Estatuto bonitinho através de Assembleia e tudo. E aí nós levamos isso para promotoria da Infância e da Juventude. Eles fizeram a homologação do nosso Estatuto e nós fomos fundados, fizemos o registro no Conselho Escolar, no Conselho de representantes de turma, mandamos para a Regional de Ensino também. Tudo foi homologado e nós passamos a ser grêmio estudantil. Não houve a presença de nenhum tipo de entidade estudantil, nada que oficializasse o Grêmio através de uma entidade, isso foi diretamente por meio do Ministério Público que garantiu que o Grêmio fosse fundado e firmado dentro instituição de ensino (...) (E.2)

Essa perspectiva é bem distinta da visão do Coordenador da escola em relação a história e dinâmica de renovação de membros da entidade

(...) Em algum momento os professores e a direção divulga a importância da criação de um grêmio, né? A gente tenta conversar com os alunos sobre a finalidade, sobre a natureza de um grêmio estudantil. E lá pelas tantas eles se organizam, mas nunca de início assim, sabe? (...) (E.1)

Grande parte dos integrantes que estudavam no ano anterior concluíram o Ensino Médio e, em 2012 o grêmio enfrentando sérias dificuldades se “desfez” (E.2), um problema semelhante ao que Padilha (2004, pag.43) ressalta quando trata sobre os desafios no movimento estudantil universitário, “em que os mais experientes se formam e não compartilham o que aprendem, para que assim, os próximos não comecem tão despreparados como eles”.

Desde 2012 até o presente momento Leandro, que reside nas proximidades da escola, vem colaborando com a reativação e acompanhamento do grêmio “Seja em palestra para iniciativas de liderança, seja para levar em fóruns de debates, enfim (...)” (E. 2). Sua relação com as direções da instituição é marcada por altos e baixos. Existiram momentos de desenvolvimento de atividades em parceria, como organização de passeios, festas e participação em espaços como conferências regionais, distritais e até nacionais.

A Lei de Gestão Democrática do DF, em seu Art. 9º prevê a participação estudantil nos órgãos colegiados como Conferência Distrital de

Educação; Fórum Distrital de Educação; Conselho de Educação do Distrito Federal; Assembleia Geral Escolar; Conselho Escolar; Conselho de Classe; grêmio estudantil;

Mas também ocorreram ocasiões de tensão em que precisou acionar o Ministério Público para garantir a continuidade desse acompanhamento. As ações até agora se concentraram sobretudo, em denúncias direcionadas ao Ministério Público sobre questões relacionadas a escola. Até então não efetivaram nenhum tipo de protesto coletivo, recorreram a denúncias na ouvidoria em relação as posturas autoritárias da gestão anterior da direção e tiveram sucesso na empreitada.

Se você tiver como base ex-diretora da escola saiu por conta de pressão através de ouvidoria por meio do Ministério Público, eu tinha cerca de 30 alunos fazendo ouvidoria todo santo dia em desfavor da postura da vice-diretora de querer impor rigidez na escola em cima dos alunos, de ir contra o próprio Regimento Interno das escolas do Distrito Federal atribuído pela própria Secretaria da Educação. Então tudo isso vai mais por pressão do Ministério Público. Movimento dentro da escola, manifestação, isso nunca foi organizado. Até porque não tinha ninguém que organizasse, eu não tenho como ficar na escola o tempo todo pra “tá” fomentando esse tipo de atuação (E.2)

Atualmente Leandro trabalha em uma Secretaria do GDF usando esse espaço para conseguir parcerias e materiais para escola, onde é constantemente cobrado por professores e integrantes do grêmio.

6.1 Atual gestão

Como expresso em seu blog¹⁸, o grêmio do CED 01 possui como maior objetivo a união e movimentação dos estudantes para a discussão de seus direitos e deveres, debatendo assuntos diversos sobre escola, comunidade e sociedade. O Estatuto da Gestão 2017/2018 também apresenta algumas delimitações.

Art. 2.º O Grêmio tem por objetivos:
I - Representar o corpo discente;

¹⁸ Informações disponíveis em: <<https://gatiludeced01rf2.wixsite.com/gatiludeced01rf2>> Acessado em: 21/08/2017

- II - Defender os interesses individuais e coletivos dos alunos do Colégio;
- III - Incentivar a cultura literária, artística e desportiva de seus membros;
- IV - Promover a cooperação entre administradores, funcionários, professores e alunos no trabalho escolar buscando seus aprimoramentos;
- V- Realizar intercâmbio e colaboração de caráter cultural e educacional com outras instituições de caráter educacional, assim como a filiação às entidades gerais, regionais e nacionais tais como exemplo a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas);
- VI - Lutar pela democracia permanente na escola, através do direito de participação nos fóruns internos de deliberação da escola.

No dia 23 de maio de 2017, respaldados pela participação no pleito eleitoral de um total de 696 estudantes (vale lembrar o caráter não obrigatório nas eleições), componentes da Chapa “Vencedores” tornam-se gestão eleita com 152 votos. Em um processo dividido em que três chapas concorrem entre si, a Chapa L.U.T.E conquista 123 votos e a Chapa Geradores de Respeito 108 votos. Onde 283 estudantes votaram nulo.

Tudo foi concretizado por uma comissão eleitoral formada por representantes de turma e fiscais das respectivas chapas. Durante apuração dos votos chegaram a fazer recontagem por solicitação de um dos fiscais presentes que confirmou o resultado.

Tiveram dificuldades no percurso, a comissão eleitoral não teve apoio da direção a época, pelo contrário. Havia um clima de impaciência por parte dos professores quando as chapas faziam suas campanhas em sala de aula e coordenação/direção dificultaram o acesso a escola para o desenvolvimento das atividades.

Dois dias depois a gestão eleita realiza sua primeira reunião, em que há 12 presentes como registrado em Ata. Discutem sobre Estatuto do grêmio, funcionamento, diretorias e funções e decidem convidar mais estudantes para comporem os cargos de suplências e ou vice diretorias.

O Artigo 11 apresenta a constituição dos cargos: Presidente;

Vice-Presidente; Secretário-Geral; 1º Secretário; Tesoureiro; 1º Tesoureiro; Diretor de imprensa; Diretor de Esportes; Diretor de Cultura; Diretor de Política Estudantil; Diretora do Dep. Feminino; Diretor de Assuntos Sociais; e cada diretoria possui os Suplentes;

Cada um possui atribuições muito bem definidas, mas preferem não ficar “presos” às suas funções. As reuniões ocorrem de acordo com as demandas que vão surgindo. Martins e Dayrell (2003) também falam de um grêmio que contraria a lógica do mundo adulto. Nessa “organização desorganizada” “não possuem calendários de atividades, pautas pré-estabelecidas, horários agendados e etc”.

Ainda na primeira reunião levantam questionamentos a respeito da entrada dos estudantes na escola fora do horário de início das aulas, entrada sem uniforme e carteirinha de identificação. Decidem enviar moções a direção exigindo o cumprimento de seus direitos, afirmam que os Artigos 306 e 307 parágrafos 1, 2 e 3 do Regimento Interno Escolar do DF lhes resguardam essa garantia.

E de fato, estão respaldados pelo Regimento que em seu Capítulo 2, Artigo 307 alerta:

§ 1º O comparecimento à unidade escolar sem uniforme adotado pela Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e/ou a carteira de identificação escolar não impede o estudante de participar das atividades pedagógicas, devendo o fato ser devidamente justificado por sua família e/ou responsável legal.

§ 2º Quando da impossibilidade do uso do uniforme escolar, o estudante deverá trajar - se com vestimenta condizente com o ambiente escolar, de modo a permitir a realização das atividades pedagógicas, em especial as que envolvem a prática de atividades físicas.

§ 3º O estudante que chegar atrasado à unidade escolar após o início das aulas não poderá ser impedido de entrar, devendo-lhe ser assegurado o acesso às atividades escolares, e o fato ser comunicado a sua família e/ou responsável legal.

A partir da experimentação sobre a tática escolhida para pressionar direção da escola em relação ao atendimento das demandas, percebem que devem ir além. É nesse momento, que uma resistência inicial em não se aproximar de entidades e ou organizações dá lugar a uma necessidade de fazer integração com outras entidades estudantis. Dessa forma poderiam estar amparados e fortalecidos para desenvolverem ação coletiva de protesto. Entram em contato com UESDF, UBES e também com o EnG - DF. E é justamente nesse momento que inicio diálogo com esses estudantes.

Por fim, elencamos alguns de seus projetos e suas justificações:

Reabertura do laboratório

Demonstrar a importância do experimento na fixação dos conteúdos e o valor do laboratório como fonte essencial do desenvolvimento pedagógico do educando.

Reabertura da biblioteca

A biblioteca escolar deve ter papel de destaque no processo educativo, devido às várias informações e materiais que pode oferecer.

É objetivo da biblioteca servir diretamente às escolas ou instituições de ensino com o mesmo rigor das bibliotecas especializadas. Porém, sua finalidade é contribuir ativamente com a educação colocando à disposição dos professores, alunos e demais, o material necessário para o enriquecimento do programa escolar, habilitando-os a utilizar os livros e desenvolver a capacidade de pesquisa, além de sustentar os programas de ensino.

Cobertura de quadra

Com a quadra coberta, poderemos abrir o espaço também para a comunidade e com a quadra coberta, nossos estudantes e professores terão muito mais condições para a prática dos esportes

Projetos culturais

Projetos culturais fazem parte de iniciativas importantes dentro da escola e visam complementar a formação do aluno, dando a ele um conhecimento da diversidade cultural do nosso país e conseqüentemente formar um cidadão crítico e criativo.

Bicicletário

A criação do bicicletário trará maior segurança aos estudantes e também proporciona a realização de atividades que induzem a prática de atividades físicas.

Cortinas nas salas

Pensando nos alunos e devido ao sol constante, o Projeto "Cortinas nas Salas" visa o melhor conforto em sala, assim proporcionando um melhor aprendizado aos alunos. Ressaltando ainda a implementação de ventiladores para uma maior climatização.

PARTE IV

7. METODOLOGIA

Utilizamos a pesquisa-ação como método norteador deste trabalho. Desenvolvemos entrevistas individuais semiestruturadas com Edmilson, um dos membros da equipe de Coordenação do CED 01 e também com Leandro, fundador e ex-integrante do grêmio estudantil. Por meio das duas entrevistas recolhemos informações sobre o contexto em que os sujeitos (estudantes, professores, servidores e familiares) estão inseridos, bem como as circunstâncias da criação e atividades já realizadas pelo grêmio. Posteriormente se fez necessário entrevista com Raiane e Maria Fernanda, duas militantes do movimento estudantil secundarista do DF, para compreendermos a dinâmica de funcionamento das Entidades Estudantis.

Realizamos alguns encontros coletivos, onde constatamos a partir dos dados apresentados todas as nuances presentes durante a realização da pesquisa. A construção coletiva é sempre desafiadora, mas também potencializadora, exigindo de nós confiança sincera, esperança nas pessoas e também, o abandono do dirigismo. A prioridade passa a ser o levantamento de reflexões em relação às finalidades das decisões e de que forma elas são tomadas¹⁹.

A participação dos pesquisadores é explícita dentro da situação de investigação, com os cuidados necessários para que haja reciprocidade por parte das pessoas e grupos implicados nesta situação. Além disso, a participação dos pesquisadores não deve chegar a substituir a atividade própria dos grupos e suas iniciativas. [...]. Com a pesquisa ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT 2009, p.18).

¹⁹ "A Construção Coletiva" Texto disponível em <http://forumeja.org.br/construcaocoletiva> Acessado em: dia 20/11/2017

Logo de início, pude perceber que os sujeitos participantes da pesquisa eram estudantes ativos, decidiam e participavam dos acontecimentos no ambiente escolar. E estavam interessados em refletir sobre o papel que vinham ocupando na escola. O envolvimento na pesquisa por parte dos estudantes só aconteceu devido a reciprocidade colaborativa presente no processo que foi carregado de significação para todos nós.

Dessa forma, participei de todo o processo ativamente intervindo durante o percurso da pesquisa. Não fui o observador “neutro” que relata a distância os acontecimentos. Afinal de contas, esses estudantes não queriam ser feitos de “ratos de laboratório”, como bem disseram.

[...] a pesquisa clássica utiliza a estatística para verificar a correlação entre variáveis. Se a análise for qualitativa, ela é desde o início complexa e reservada somente aos profissionais da pesquisa. Isso também ocorre com a interpretação feita de modo isolado. Na pesquisa-ação, a interpretação e a análise são o produto de discussões de grupo. Isso exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa-ação – a opinião – impõe à comunicação dos resultados da investigação e a análise de suas reações. (BARBIER, 2002, p. 55).

Se mostraram bastante empolgados em participar da pesquisa e dos encontros em grupo. Pediram algumas vezes para repetir a finalidade desta, mas logo compreenderam quando de forma direta eu expliquei a eles que enquanto o trabalho acontecia, buscaríamos encontrar meios de colocar o grêmio para avançar.

O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores. A pesquisa-ação utiliza os instrumentos tradicionais da pesquisa em Ciências Sociais, mas adota ou inventa outros. (BARBIER, 2002, p.56).

Percebi que se não concentrasse em perguntas simples e não abandonasse o “academiquês” certamente teria fracasso na comunicação. Em diálogo individual ficou nítido a diferença de compreensão sobre duas perguntas que teriam o mesmo sentido. Sendo a primeira tentativa: como o grêmio contribui em sua formação-político pedagógica? E a segunda, o que aprendeu com o grêmio?

A linguagem foi uma peça fundamental para a concretização de uma boa relação entre as teorias norteadoras da pesquisa e as ações desenvolvidas em conjunto com os estudantes.

Só posso aprender o idioma, a consciência e o conhecimento dos meus alunos, se eles permitirem, se eu criar relações de discurso dentro das quais eles se abram. Só lhes posso ensinar verdadeiramente conhecendo seus níveis de pensamento, aptidões e sentimentos, mas só posso pesquisar essas coisas se eles estiverem dispostos a desempenhar seu papel. Estar abertos significa produzir uma linguagem que revele o que sabem, nas palavras em que eles sabem. Eles não contribuirão para ensinar-me, a menos que sejam tratados na sala de aula como seres humanos que merecem respeito, num projeto de aprendizado importante. O ambiente verbal da sala de aula é uma chave. Permite que os alunos saibam se esta aula vai ser a mesma coisa que as aulas alienantes do passado, ou se é possível uma abertura criativa. Uma fala profissional imponente convalida suas culturas do silêncio ou da sabotagem. (FREIRE, SHOR 1986, p. 90).

A mediação dos encontros foram realizadas através de intervenções diretivas em que o levantamento de questionamentos objetivava gerar reflexões a cerca da realidade de inserção dos sujeitos. Sendo assim, propostas de ações foram encaminhadas diante do surgimento de problemas.

Para mim, a educação não é um happening. Enquanto professor libertador, sou muito claro a respeito do que quero. Não obstante, não manipulo os estudantes. Isto é que é difícil. Apesar de ter certa clareza sobre meu “amanhã”, meu “lá”, não posso manipular os estudantes para trazê-los comigo para o meu sonho. Tenho que esclarecê-los sobre o que é meu sonho, mas tenho que lhes dizer que há outros sonhos que considero sonhos maus! (rindo) Você percebe? Esta é a tensão por que temos de passar, entre ser manipuladores e ser radicalmente democráticos. Por um lado, não posso manipular. Por outro lado, não posso deixar os estudantes abandonados à própria sorte. O oposto dessas duas possibilidades é ser radicalmente democrático. Isto significa aceitar a natureza diretiva da educação. Existe uma diretividade na educação que nunca lhe permite ser neutra. Temos de dizer aos alunos como pensamos e por quê. Meu papel não é ficar em silêncio. Tenho de convencer os alunos de meu sonho, mas não conquistá-los para meus planos pessoais. Mesmo que os alunos tenham o direito de ter sonhos maus, tenho o direito de dizer que seus sonhos são maus, reacionários, capitalistas ou autoritários. (Idem, Idem 1986, p.96)

7.1. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi realizada no período de 21/08 a 30/10/2017 correspondendo a 71 dias. Direção e Coordenação da instituição foram solícitas e disponibilizaram o espaço da sala do CINECLUBE do Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 2 para a realização dos encontros, os estudantes já estavam familiarizados por ser o mesmo espaço que costumam utilizar para as reuniões de gestão do grêmio estudantil. No sentido de preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa, sendo a maioria deles menores de idade, substituímos seus nomes por outros fictícios, bem como os nomes citados de professores e gestores.

Inicialmente sugerimos usar o momento entre a saída do matutino e entrada do vespertino, mas a maioria achou inviável. Insisto desde os primeiros contatos na realização dos encontros no horário do intervalo, apesar da dificuldade do tempo exíguo de 15 minutos (possuem dois horários de intervalo, com a duração de 15 minutos cada um deles). Durante o percurso alguns estudantes mostraram-se receosos com o fato de que talvez a pesquisa pudesse os atrapalhar no rendimento escolar caso acontecesse nos horários das aulas. Inevitavelmente, assim como acontece com as reuniões do grêmio, ficamos impossibilitados de concluir as discussões e extrapolamos o período do intervalo.

Durante o estudo efetuamos 4 encontros com os sujeitos participantes, 3 deles registrados em gravação e posteriormente transcritos. Estive presente ainda na reunião com representantes de turma, reunião da REDE de Instituições do Riacho Fundo 1, buscando compreender elementos da história e do contexto socioeconômico da cidade. Realizei ainda duas idas na escola em que não conseguimos efetivar encontros, mas que fiz conversas individuais. Além das já referidas entrevistas individuais com Leandro (colaborador do grêmio estudantil) e Edmilson (Coordenador), realizei entrevista com Raiane (UESDF) e Maria Fernanda (EnG - DF).

No primeiro encontro, dia 21/08 às 11 horas estiveram presentes Natália, Vanessa, Jéssica, Gabriela, Renata e Fernando, onde apresentamos proposta de pesquisa-ação e tivemos acesso as primeiras informações como as principais pautas de reivindicação do grupo.

O segundo encontro realizado em 29/08 estiveram presentes Jéssica, Gabriela, Saulo, Paulo, Natália e Mateus, ocasião em que fizemos o registro por

gravação.No mesmo dia participei da reunião da REDE do Riacho Fundo 1 registrando com anotações as observações.

No dia 12/09 primeiro ocorreu reunião de representantes de turma. Participei fazendo falas e registrando anotações sobre a discussão e logo após efetuamos um encontro com os participantes da pesquisa. Ainda no mesmo dia realizei entrevista individual com o Coordenador Edmilson.No dia 18/09 realizo entrevista individual com ex-integrante do grêmio e atual colaborador, Leandro.

Por fim, em 28/09 temos o quarto encontro e a terceira conversa gravada.

É importante frisar que a pesquisa só se encerra dia 30/10 e que desde o início do processo há constante troca de informações por meio de minha inserção no grupo do grêmio no whatsapp e também por conversas individuais por telefone com os sujeitos participantes.

Para compreendermos a dinâmica do movimento estudantil no Distrito Federal, entrevistamos em 10/11 Maria Fernanda e 18/11 Raiane.

A seguir demonstramos os problemas, hipóteses e ações que surgiram e foram realizadas durante o percurso da pesquisa, expostos dessa forma na análise dos dados:

Problema 1 - Demandas do grêmio não são atendidas.

Hipótese 1a: Gestão precisa se organizar melhor.

Ação 1a: Conversas individuais e em relação ao Estatuto da UBES.

Hipótese 1b: Suas demandas, apesar de importantes, podem não ser significativas para o conjunto dos estudantes.

Ação1b: Reunião com representantes de turma.

Hipótese 1c: Não possuem autonomia.

Ação 1c: Tentativa de aproximação ao grêmio do IFB.

Ação1c2: Tentativa de aproximação a prefeituras comunitárias.

Ação 1c3: Tentativa de reunião com grêmios do Gama.

Ação 1c4: Proposta de participação no Congresso da UBES.

Hipótese 1d: Não acreditam que manifestação gerem resultados;

Ação 1d: Leitura e discussão de informativo sobre a luta por melhoria no transporte público no DF.

Hipótese 1e: Integrantes do Grêmio não veem professores como aliados.

Ação 1e: Mediação da reunião com Coordenação e SOE.

Problema 2 - Não identificação local e desconhecimento sobre história da cidade.

Hipótese 2: Não compreendem implicações direta em suas vidas de questões relacionadas a cidade.

Ação 2a: Fala sobre a questão da água e necessidade de preservação ambiental.

Ação 2b: Debate (Não concretizada, ver **Problema 1**).

Ação 2c: Tentativa de reunião com grêmio estudantil do IFB.

Ação 2d: Tentativa de aproximação a prefeituras comunitárias.

Utilizamos algumas legendas para identificação das falas transcritas, em relação as entrevistas individuais:

E. 1: Entrevista com Coordenador (Edmundo);

E. 2: Entrevista com colaborador do grêmio estudantil (Leandro);

E. 3: Entrevista com membro do Encontro de Grêmios do DF (Maria Fernanda);

E. 4: Entrevista com Vice-Presidente da União dos Estudantes Secundaristas do DF (Raiane);

Tabela 3 – Informações sobre realização de entrevistas

ENTREVISTA	NOME	DATA	DURAÇÃO
1	Edmilson	12/09	31 min e 25 seg
2	Leandro	18/09	37 min e 19 seg
3	Maria Fernanda	10/11	41 min e 19 seg
4	Raiane	18/11	8 min e 48 seg

Para os encontros em grupo, utilizamos o exemplo a seguir como modelo de identificação:

(G nº1; nome - nº2)

Equivalente a:

G nº 1:

G 01: Primeiro encontro gravado.

G 02: Segundo encontro gravado.

G 03: Terceiro encontro gravado.

Nome:

Indicação do nome dos participantes do grupo. Onde letra **R**, se refere as falas do pesquisador;

- : Sinal que indica para quem o participante direciona sua fala, onde o sinal - é seguido de numeração da fala, leia-se PARA O GRUPO;

Nº2: número da fala indicado na sequência da transcrição

Elaboramos ainda um gráfico de representação da dinâmica de interação dos diálogos de G 01(em anexo), a exemplo de Angelim, 1988²⁰ com o intuito de contribuir para possíveis análises desse tipo de ação diretiva e dialógica, que pode vir a ser aplicada em pesquisas de grupo, aulas, e reuniões de grupos políticos.

É possível observar que as conversas se iniciam com falas unilaterais e de acordo com o aumento da interação passa a tomar um caráter coletivo, em que a maioria exerce falas para o grupo inteiro. Apesar de meu esforço por realizar as maiorias das colocações ao conjunto dos estudantes, é perceptível a necessidade de interpelar algum dos participantes mais quietos, como forma de estimular a externalização de seus pontos de vista.

²⁰ Angelim, M. L. Educar é Descobrir – Um estudo observacional e exploratório. Universidade de Brasília, 1988. Vol. 01 e 02. Dissertação de mestrado em Educação.

Tabela 4 – Informações sobre a realização dos encontros

ENCONTROS	DATA	DURAÇÃO	Nº DE FALAS	INTERVENÇÃO DIRETIVA	
				Nº	%
1º	21/08	Não gravado			
2º	29/08	44 min e 57 seg	454	156	34,36
3º	12/09	33 min e 58 seg	221	72	32,58
4º	28/09	43 min e 10 seg	369	112	30,35

Durante o processo ocorreu uma diminuição progressiva das intervenções diretivas durante os encontros, sendo um efeito positivo que teria a tendência de continuar nesse sentido caso dispuséssemos de condições para realização de outros. Quanto menos essencial a intervenção do professor e ou pesquisador no processo coletivo, melhor para fortalecimento de autonomia do grupo.

De um número total de 16 membros ativos na gestão do grêmio estudantil, participaram dos encontros 9 estudantes.

Tabela 5 – Regularidade de participação nos encontros

INTEGRANTES DO GRÊMIO	COMPARECIMENTO AOS ENCONTROS			
	1º	2º	3º	4º
Fernando			X	
Gabriela	X	X		X
Jéssica	X	X		X
Mateus		X	X	
Natália	X	X	X	X
Paulo		X	X	X
Renata	X		X	X
Saulo		X	X	X
Vanessa	X		X	
COLABORADORES DO GRÊMIO				
Nailton	X			
Leandro				X
TOTAL	7	6	7	7

Apenas Natália participou de todos os encontros, Saulo e Paulo participaram dos três que foram registrados por gravação. Cinco integrantes participaram em três ocasiões. Dois integrantes participaram de dois e, um integrante participou de apenas um encontro. Neilton (não integrante) foi convidado pelos demais a compor a primeira conversa, reforcei o convite da continuidade, mas não compareceu aos seguintes. No último, Leandro (não integrante) chegou a escola durante a realização do encontro e se integrou a discussão.

Mesmo sobre a presença dos colaboradores, os estudantes não se mostraram retraídos, se pronunciavam abertamente e sem ressalvas.

A maioria dos integrantes do grêmio nasceram em regiões administrativas do Distrito Federal, residem no Riacho Fundo 2 e possuem de 15 a 17 anos como podemos observar a seguir:

Tabela 6 – Perfil dos integrantes do grêmio da escola

NOME	LOCAL DE NASCIMENTO	SÉRIE/ TURNO	IDADE	RESIDÊNCIA	OCUPAÇÃO
Natália	Ceilândia	1º ano matutino	15 anos	(QN) 7	Tarefas domésticas
Gabriela	Santa Maria	3º ano matutino	17 anos	(QN) 8	Tarefas domésticas
Jéssica	Samambaia	1º ano matutino	16 anos	(QN) 7	Tarefas domésticas
Renata	Ceilândia	1º ano vespertino	16 anos	(QS) 18	NI
Saulo	Gama	1º ano vespertino	17 anos	(QC) 4	Não possui
Paulo	Minas Gerais	1º ano matutino	16 anos	(QN) 7	Não possui
Vanessa	Ceilândia	2º ano matutino	17 anos	(QS) 18	NI
Fernando	NI	1º vespertino	NI	NI	NI
Mateus	Samambaia	1º ano vespertino	18 anos	Recanto das Emas	Trabalha com o pai numa distribuidora de bebidas

NI - não informado

PARTE V

8. ANALISE DE DADOS

As características do perfil dos educandos contidas no Projeto Político Pedagógico da escola, se refletem no perfil daqueles que integram o grêmio. Do total de 1064 (CENSO escolar 2016), 58% são do sexo masculino e 53% do sexo feminino, sendo que maioria se considera de cor parda. A maior parte reside do Riacho Fundo 2 e afirmam morar com pais e/ou responsáveis com exceção de um que não mora na cidade. Na pesquisa participaram dos encontros 5 estudantes do sexo feminino e 4 do sexo masculino, com predominância de negros.

É preciso fazer uma reflexão no que se refere a terminologia pardo, presente no PPP. De fato, existe uma resistência na autodeclaração enquanto negro em nossa sociedade onde o racismo estrutural moldou as relações sociais e o “ideal de branquitude” ainda permeia as consciências. Se autodeclarar negro é se posicionar radicalmente.

(...) Ou seja, ser negro, é, essencialmente, um posicionamento político, onde se assume a identidade racial negra. Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura. Assumir a identidade racial negra em um país como o Brasil é um processo extremamente difícil e doloroso, considerando - se que os modelos bons, positivos e de sucesso de identidades negras não são muitos divulgados e o respeito à diferença em meio à / diversidade de identidades raciais/étnicas inexistente (OLIVEIRA, 2004, p.57 - 60).

Esta é a realidade do campo de pesquisa em que nos inserimos e é nesse contexto que IANNI (1978) explica sobre a complexidade da consciência e prática política dos negros diante da dupla alienação: raça e classe.

Esses adolescentes convivem em um ambiente violento e utilizam algumas expressões que dizem respeito a pessoas que praticam algum ato infracional, geralmente relacionado ao tráfico de drogas ou furtos na região.

(...)tem muito “peba”, toda hora (G 01; Natália - R 53)

(...). Ontem (...) prenderam sete. Um “pebinha” foi roubar um carro lá(...) (G 01; Paulo - R 61)
 “Maloqueirada” (G 01; Giovana - 62)

Durante a realização da pesquisa, especificamente no dia 30/08, com o intuito de buscar algumas informações sobre a cidade e também alguns elementos de sua história participei da reunião da REDE do Riacho Fundo 1 (inicialmente não havia atentado ao fato de que são duas Regiões Administrativas distintas). Lá estavam presentes responsáveis de várias Instituições como Polícia Militar, Administração, Centro de Referência de Assistência Social, Centro de Atenção Psicossocial, entre outros. A discussão girou em torno dos casos de violência doméstica na cidade, que seriam cometidos por indivíduos com problemas de alcoolismo e vício em entorpecentes. A professora do IFB, Ana Júlia (que concluiu o curso de Mestrado na Faculdade de Educação) afirma que as ações remediadoras não deveriam girar em torno apenas da garantia de tratamento psicológico das agredidas e dos agressores, mas que também eram necessárias medidas sociais e políticas.

Riacho Fundo 1 e 2 não são exceções, as regiões administrativas que compõem a periferia de Brasília possuem altos índices de violência. Tal fator é fruto de um planejamento de projeto de exclusão e segregação espacial ocorrido anos após a realização das obras que deram vida a capital do país. Mas uma mudança é perceptível: muitas cidades criaram autossuficiência e o “centro” já não é mais tão onipotente como antes, surgem novas rotas. Os participantes da pesquisa dizem se deslocar para outras localidades à passeios, festas, visitas a amigos e namorado (a)s, etc. Não se sentem à vontade/seguros de frequentarem espaços de lazer na cidade.

Eu vou pro Recanto (G 01; Natália - 169)
 Eu vou pro Gama (G 01; Gabriela - 171)
 Ponte Alta (G 01; Jéssica - 175)

Eles desconhecem com profundidade a história da cidade, há apenas algumas memórias de fatos da infância. “Não tinha escola, não tinha nada. A gente passava de bicicleta, tinha uns buracos” (G 02; Renata - 115).

Se recordam acerca do movimento que resultou na formação da cidade como invasão, o que passa a ideia de que entendem isso como intromissão em um

terreno de outrem e não como um processo de mobilização de exigência do direito à moradia. Identificam o surgimento do CAUB como inicial.

Eu sei que tinha uma invasão (G 01; Gabriela - 189).
 Não, “vei”. O primeiro era isso aqui, que eles fizeram (G 01; Jéssica Gabriela 202)
 CAUB? (G 01; Gabriela - Jéssica 203)
 CAUB 1, 2 (G 01; Jéssica - 204)
 Tipo chácara (G 01; Jéssica - 208)
 Tipo chácara? Então foi o primeiro a existir? (G 01; R - 205)
 Foi (G 01; Jéssica - 208)

Não obtive condições nem tempo suficiente para tentar localizar uma senhora que, segundo um professor de educação física, seria uma pioneira que durante muito tempo contou com uma biblioteca comunitária em sua própria casa. Também não foi possível contatar o pai de duas das estudantes, que além de antigo na cidade parece ter um engajamento político.

É curioso o fato de que apesar de vários familiares serem relativamente antigos na cidade, não existir uma socialização de suas memórias sobre a história local. Em relação a família, é possível constatar uma relação de dependência financeira direta desses adolescentes

Vocês trabalham? Fazem estágio? (G 01; R - 151)
 Eu trabalho (G 01; Mateus - 152)
 Eu sou empregada. Trabalho em casa (G 01; Natália - 153)
 Demais (G 01; Jéssica - 154)
 Sou empregada (G 01; Natália - 155)
 Sou empregada (G 01; Jéssica - 156)
 Nós somos (G 01; Natália - 157)
 Vocês trabalham em casa? (G 01; R – Jéssica - Natália 158)
 É, mas não ganho nada. É só pra ter o que comer em casa (risos) (G 01; Natália - 159)
 O pagamento da estadia lá, né? (G 01; R - Natália 160)
 Se não ‘fazer’ nada, não tem comida (G 01; Natália - 161)

Observamos que é um fenômeno semelhante ao apontado por Foracchi (1965, cap. 2), mesmo que faça referência a jovens de classe média universitária, citado por Augusto (2005, p. 14)

Entre outras funções, os pais atuam como provedores; assim, quando existem recursos disponíveis, os jovens são sustentados por sua família enquanto se mantêm estudando. A dependência

econômica não chega a preocupá-los, pois consideram esse encargo parte da obrigação familiar, sendo, portanto “natural”. A aparente gratuidade dessa manutenção, que afigura não exigir nenhum retorno por parte dos jovens, revela-se, entretanto, não tão desinteressada.

Fica claro que a obrigatoriedade de sustento por parte da família sem encargos correlatos é uma crença sem fundamento, já que é exigida uma contrapartida por parte do jovem estudante (...)

A partir das conversas é possível perceber que desconhecem a história da cidade e também não possuem relação de identificação com ela (problema 2). Suponho que por conhecerem superficialmente o contexto em que estão inseridos também desconhecem a relação de questões que fossem relevantes para as suas vidas (hipótese 2). Sendo assim, continuarão tendo como perspectiva a sonhada saída desta localidade como o pacote vendido pela propaganda ilusória da ascensão social.

Há, portanto, um compromisso de retribuição que é amplo e permanente, e envolve o papel conferido ao jovem nos planos familiares de ascensão (ou de manutenção de posição) social. Assim, essa obrigação implica responsabilidade, tanto em relação ao seu próprio destino pessoal como em relação ao destino familiar. Seu compromisso é o de fazer efetivas as conquistas e de propiciar novos avanços. Assim, ainda que configurada no presente, a dívida pode ser deslocada para o futuro, na medida em que existe a expectativa de que sua realização profissional possibilite a manutenção ou a melhora da posição relativa da família em termos de estratificação social (Idem, 2005, p. 15 apud cf. Idem, 1965, cap. 2).

A hipótese 2 é confirmada quando mostram o distanciamento de temas relevantes na região que os atinge diretamente, diante de minha fala sobre necessidade de preservação ambiental, baseada em informações da reunião da REDE (ação 2a)

Preservar o que? (G 02; Paulo - 121)

Preservar o que tem pô. Em uma reunião que fui lá no IFB, aonde estava presente uma mulher da Administração do Riacho Fundo, ela disse que vai começar um processo de limpeza do riacho, não sei se vocês sabem, um dos riachos daqui abastecem o lago Paranoá e a água que vocês vão beber virá desse riacho. Então vai ser essa água que vai começar a abastecer o Riacho Fundo 2, então

preservar pra beber. Eu nem sabia disso, e ninguém tá ligando pra isso? (G 02; R - 122)

Ninguém liga (G 02; Renata - 123)

Dizem que deveríamos primeiro começar a resolver as questões concernentes a escola para depois resolver as questões externas, sinalizando uma concepção de distanciamento entre a escola e a cidade, como se aquela fosse uma ilha separada desta.

A partir daí surge a proposta de realização de palestra e ou debate (ação 2 b) sobre o tema do meio ambiente, drogas e outros. Não conseguimos avançar devido ao problema 1 (não atendimento das demandas do grêmio).

O primeiro contato com o grupo relacionado a pesquisa, realizado no dia 21/08 na própria escola durante o período matutino contou com a presença de 7 estudantes. Todos eles parecem compartilhar de um tempo razoável de convivência proporcionado através da relação de proximidade desenvolvida por meio da participação política conjunta. Nailton, é o único que demonstra um certo desconforto e também não participa dos encontros seguintes. A explicação para isso pode ser encontrada no fato de que ele procurou se integrar e ou foi integrado ao grupo depois do processo eleitoral, época em que compôs chapa concorrente a dos estudantes eleitos.

A corrida eleitoral e o reflexo causado pela forma como se deu processo gerou um clima de divisão que dificulta o envolvimento dos membros das antigas chapas com o grêmio estudantil e as atividades propostas. Foi possível perceber isso em nosso segundo encontro, o primeiro gravado, em suas reações a pergunta de que se os integrantes das outras chapas também seriam representantes de turma.

Eu acho que se eles se juntasse a nós, nós conseguimos fazer um monte de coisa, né? (G1; Gabriela - 450)

Então, vocês podem chamar eles pra reunião (G1; R - 451)

Eles não querem mais, eles só querem saber se eles forem ganhar, se eles forem o poder (G1; Natália - R 452)

É eles, só eles e acabou (G.1; Jéssica - 453)

Essa atmosfera hostil foi causada ou ao menos estimulada pela gestão anterior da direção da instituição que mesmo após a eleição continuou negociando pautas com estudantes das chapas não eleitas, como forma de deslegitimar o resultado que tornou a chapa “Vencedores” gestão do grêmio. Essa rivalidade improdutiva que atrapalha coesão dos estudantes em torno da luta por seus direitos toma a forma de ataques individuais carregados de estigmas e preconceitos expressos de ambos os lados.

O último grêmio era quem (...)? (G02; R - 213)
 Os ‘nerdão’ que chamaram nós de maconheiro (G02; Paulo - 214)
 É, chamaram nós de maconheiro (G02; Salulo - R 215)
 Eles eram da outra chapa? (G02; R - Saulo 216)
 Sim, que disputou com nós (G02; Saulo - R 217)

Mesma direção que tomou várias posturas autoritárias, uma delas diz respeito a restrição do acesso à escola, inclusive em momentos de atividades do grêmio e de extrema necessidade dos estudantes

Ela saiu daqui como diretora e voltou como professora? (G 01; R - 384)
 Pois é (G 01; Jéssica - 385)
 Como ela agia em relação a grêmio? (G 01; R - 386)
 Ela nem deixava a gente entrar (G 01; Jéssica - 387)
 Não dava apoio (G 01; Saulo - 388)
 (...) um dia antes da eleição de quem ia ser o grêmio, né? Ai...a gente tinha que cortar uns quadradinhos que era pro povo votar (G 01; Natália - 389)
 As cédulas? (G 01; R - Natália 390)
 Tinha muito papel, muito papel mesmo. Ai de manhã veio “mó” “galera” assim...só que ai de tarde quase ninguém pode vir e aí não deixaram os meninos que estavam a tarde sair de sala de aula pra ficar com a gente cortando. Ai só tinha eu e a Jéssica pra cortar milhares de papel. Ai a gente tava ali naquela outra sala, ai ela expulsou a gente de lá. Ela e a Célia (ex-coordenadora). “Ai a gente teve que cortar as coisas tudo aqui fora, aí passava o vento e voava tudo” (G 01; Natália-391)

Essa restrição vai contra a Lei Nº 1735, de 27 de outubro de 1997, sancionada durante o Governo de Cristovam Buarque (PT), que em seu Artigo 3º preconiza:

Os estabelecimentos de ensino assegurarão dependências para funcionamento do grêmio, bem como espaço e equipamento para divulgação de suas atividades, em local de grande circulação de estudantes.

Parágrafo Único - É assegurada aos representantes das entidades estudantis locais, regionais e nacionais, no cumprimento de seus mandatos, a livre circulação e a livre expressão nos estabelecimentos de ensino públicos ou privados.

Leles (2007 p. 6) acerca das constatações de sua pesquisa afirma:

(...) Apesar de tantas lutas históricas pela democratização da gestão nas instituições escolares, quando observamos e analisamos o comportamento e as crenças das pessoas que estão inseridas na educação institucionalizada, percebemos que ainda há muito que se transformar para que tenhamos uma educação de fato democrática. O autoritarismo, o sentimento de posse daquilo que é público, o exercício de poder com certa soberania, com maior ou menor ênfase, ainda estão presentes nas escolas (...).

Tais excessos da direção da escola levaram a conflitos com estudantes e professores cujo ápice resultou numa conturbada reunião de coordenação e a transferência da vice-diretora da instituição, que posteriormente retorna à escola na condição de professora. Esse fato demonstra um movimento de resistência da comunidade escolar a não resignação diante do comportamento dos gestores da instituição.

(...) apesar do desrespeito que existe nas instituições e na sociedade, no tocante à democracia, é possível perceber que a luta dos que a defendem continua latente. Se existe luta pela democracia é porque o autoritarismo ainda está presente. E, numa sociedade, historicamente autoritária como a nossa, o conceito de gestão democrática é um constructo histórico edificado no seio das lutas organizadas, principalmente nos meios acadêmico e sindical. E é esse conceito em construção que anda junto com o desejo de transformação da educação em instrumento de edificação de uma sociedade mais justa do que deve prevalecer (Idem, 2007 p. 36)

Já no primeiro encontro percebi que a constância de reuniões é muito volátil, ocorrendo quando surge alguma demanda e ou o Leandro (ex-estudante da instituição) faz a convocação.

Entre queixas relacionadas a falta de participação dos membros do grêmio e também do conjunto dos estudantes da escola, os presentes apresentam três questões principais relacionadas de acordo com a ordem de prioridade listadas:

1^a - Não ao pagamento de taxas nos jogos escolares;

2^a - Orçamento da Direção para implementação de cortinas em salas de aula;

3^a - Fila do lanche no intervalo;

Explicam também que já existe uma movimentação a respeito das duas primeiras questões. No caso da 1^a, buscam uma articulação juntamente com Leandro e os contatos que o mesmo possui com as secretarias do GDF como forma de conseguirem os materiais necessários para a realização dos jogos. Os professores de Educação Física defendem a cobrança não - obrigatória “simbólica” de uma taxa de inscrição que garanta o custeio de materiais básicos fundamentais para a concretização do evento. Já a 2^a se trata de um pedido de orçamento que fizeram a direção da escola e, sob o qual teriam recebido uma resposta que consideram desproporcional.

Né? Por que cobrar 800 reais numa cortina? (G 01; Gabriela - 311)

Uma só. Moço, 50 ‘conto’ (G 01; Jéssica - 312)

A minha aqui foi 70 reais meu ‘fi’ (G 01; Gabriela - 313)

Olha só, linda. Essa daqui não tem nem cor, nem estampa (G 01; Gabriela - 314)

O que essa cortina tem? Fio de ouro? (G 01; Paulo - 315)

Só pode (G 01; Gabriela - 316)

E a 3^a diz respeito a formação de um tumulto durante o recebimento do lanche no horário de intervalo. Após algumas sugestões, surge a proposta de realização de filas sob o acompanhamento de algum funcionário da escola.

A partir da discussão coletiva e de reflexões feitas sobre as questões é possível concluir um problema inicial central sobre o não cumprimento das demandas do grêmio (problema 1), nesse sentido algumas decisões são encaminhadas:

1^o - Reunião com vice-diretora para tratar das questões levantadas;

2 ° - Reunião com representantes de turma para tratar das questões levantadas;

3 ° - Definição de que os encontros de pesquisa ocorreriam no matutino durante intervalo;

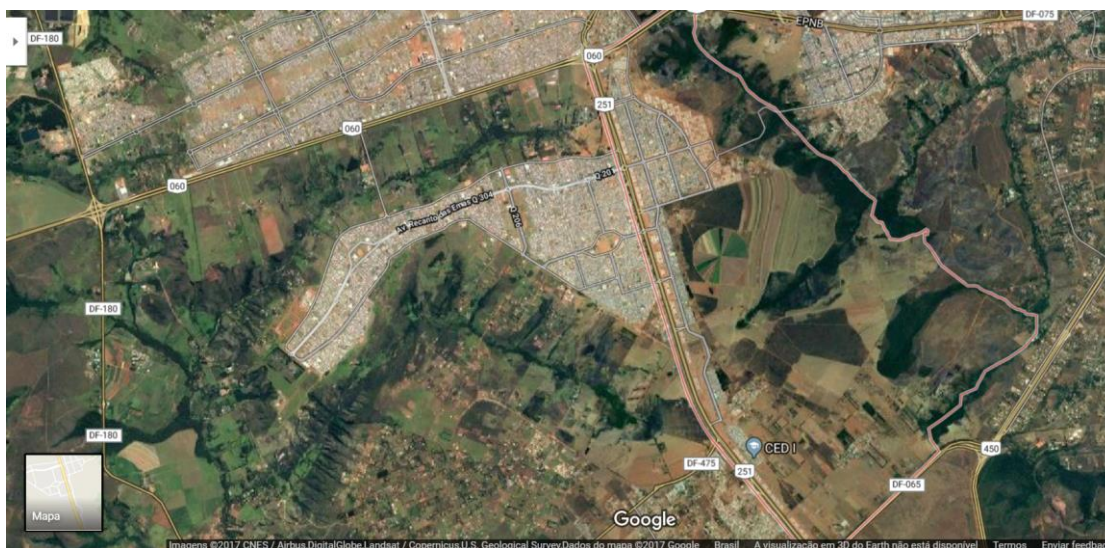
A reunião com a vice-diretora ficou marcada para o dia seguinte (22/08). Renata, Vanessa e Fernando se responsabilizaram por procurar a direção no período vespertino no mesmo dia. Já sobre a reunião com representantes de turma Natalia e Jéssica ficaram responsáveis pela divulgação no matutino e Fernando e Renata no vespertino. Jéssica diz ainda que vai lembrar todos de concretizar decisões até a próxima segunda-feira (28/08).

No intervalo entre os encontros Gleice explica que a reunião foi inviabilizada pelo fato de que a escola estava vazia devido a paralisação dos rodoviários e, não tinham conseguido contatar os representantes. O que motivou a paralisação foi a resistência do setor patronal de algumas empresas de transporte em atender as exigências dos cobradores e motoristas, que buscavam reajuste salarial de 10%, além de aumentos no ticket-alimentação, na cesta-básica e nos planos odontológico e de saúde²¹.

Apenas um dos sujeitos da pesquisa não residem no Riacho Fundo, mesmo assim a localização de suas moradias em relação a escola, os tornam completamente dependentes dos meios de transporte para que possam se locomover até as aulas.

²¹ Matéria disponível no site <https://cut.org.br/noticias/df-depois-de-paralisacao-rodoviarios-mantem-pressao-e-luta-be71/> Acessado em: 04/09/2017

Mapa 2 – Localização da escola em relação as quadras residenciais do Riacho Fundo 2



Fonte disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acessado em: 09/10/2017

Remarcamos a reunião para a quarta (30/08), mesmo dia da realização de nosso segundo encontro, apesar disso não conseguiram ou não tiveram disposição suficiente para chamar os representantes. O fato de não se pautarem minimamente por meio da divisão de tarefas e por áreas de coordenação, diferente do que estava acostumado a ver nas entidades, me leva a supor que talvez precisassem estar mais organizados (hipótese 1a) para terem sucesso. Quando se trata do trabalho coletivo é natural se desgastar tentando desfazer os nós internos entre o próprio grupo até conseguir atingir um número maior para determinadas causas e objetivos, esses nós inclusive, podem não ser desatados.

O encontro inicial resulta na concretização de uma conversa entre Renata e a vice-diretora, onde as questões foram apresentadas. Apesar de receberem a resposta imediata de resolução apenas da 3ª questão, é possível observar uma postura bem diferente daquele grupo anterior.

O bom que essa direção que entrou meio que ajuda a gente (G 01; Gabriela - 275)
 (...) pelo menos de manhã ela conversa com a gente e tudo mais (G 01; Gabriela - 277)

Percebo uma abertura para relação de diálogo entre direção e estudantes, consideram a nova gestão como um avanço notável, apesar de apontarem discordâncias sobre algumas medidas tomadas, como por exemplo, as regras estabelecidas para entrada na escola após o 1º horário e a forma como pretendem utilizar a carteirinha estudantil.

Teve um dia que demorou a passar o ônibus, foi passar já era tardão. Já era muito tarde, chegou aqui na escola e não deixaram a gente entrar. Tinha muita gente mesmo reclamando e, não deixaram a gente entrar. Ai quando a gente foi pra padaria lanchar abriram o portão e o povo que tinha indo lanchar não deixaram mais entrar. Ai eles abriram quando tinha 10 pessoas só. Sendo que tava cheio, cheio, cheio...muito cheio. Agora melhorou muita coisa, eu não vi mais reclamação por causa das meninas usarem legging. Antigamente não podia usar. (G 01; Natália-413)
 Não mesmo (G 01; Jéssica - 414).
 Tem essa novidade ai da carteirinha, que eu não acho certo, mas está mais tranquilo. Que essa diretora ai é muito mais calma. Passiva (risos) (G 01; Natália-415).

Considero a mudança nas relações com a direção da escola um avanço, o autoritarismo, pelo menos em sua forma mais evidente havia ficado no passado recente, mesmo que sua herança ainda esteja presente. Apesar disso o grêmio que se reunia regularmente parece está estagnado, talvez, lhes faltassem encontrar horários adequados para reunião, discutir e dividir tarefas. Envio-os o modelo de Estatuto da UBES e realizo conversas individuais a respeito da dinâmica de organização interna do grêmio (ação 1a), apesar de já possuírem um Estatuto próprio (só tive acesso posteriormente), que é semelhante ao modelo que os apresentei.

Descarto a hipótese 1 quando relatam iniciativa bem-sucedida de abaixo-assinado realizado por eles próprios, mas que esbarrou mais uma vez nas respostas autoritárias da antiga direção da instituição.

(...) passamos um abaixo assinado no início do ano (G01; Natália - 362)
 Sobre o que? (G01; R - Natália 363)
 Foi até pra tirar o professor de sociologia, que estava xingando os alunos na sala (G01; Natália - 3664)

Xingando? (G01; R - Natália 365)

Dando dedo, não deixava os alunos irem no banheiro. Aí ele ficava xingando os alunos, ficavam falando coisa na sala. Ai a gente fez o abaixo assinado (G01; Natália - 366)

Quem foi que organizou o abaixo assinado? (G01; R - 367)

A gente do grêmio (G01; Jéssica - 368)

Ai pegou e a direção falou pra gente 'que não ia tirar e que não sei o que, como é que a gente ia tirar alguém só com uma folhinha de papel (G01; Natália - 369)

E também na fala em que explicam a conquista da reativação da utilização do espaço de laboratório da escola, após exigência deles

Ta vendo esse laboratório aqui, estava desativado. A gente precisava urgente, porque a gente já tinha perdido um bimestre sem. Aí a gente pressionou a direção, a gente pressionou na segunda e na quarta a gente já tava com o laboratório (G02; Renata - R 170).

E o que que faltava? (G02; R - Renata 171)

Faltava tirar os livros e colocar as mesas no lugar (G02; Renata - 172)

E lugar pra colocar os livros (G02; Saulo - 173)

É, falaram que não tinha lugar pra guardar (...) (G02; Renata - 174)

É difícil admitirmos, mesmo eu enquanto sujeito participante do movimento estudantil, que esses adolescentes possuem sua própria dinâmica organizativa. Martins e Daryeell (2013) se surpreendem, ao notarem a dinâmica do grêmio de uma escola de Belo Horizonte, onde “a lógica dos estudantes diverge da lógica das entidades convencionais e do mundo adulto. Os jovens possuem métodos de organização e dinâmicas próprias fazendo as coisas funcionarem”.

Cabe ressaltar que apesar da semelhança com elementos de organização sindical e também do movimento universitário, o movimento secundarista possui suas próprias formas e constantemente se reinventa, como pudemos observar no recente movimento de ocupação de escolas. Vimos uma explosão de genialidade criativa dos estudantes que se apoderaram de seus estabelecimentos de ensino nos dando uma lição de organização política impossível de ignorar. A pesquisa de Alvim e Rodrigues (2017) revela a luta contra a opressão em uma escola que toma novos contornos durante as ocupações e é transformadora das relações sociais.

O aparelho escolarizador arranja um espaço de circulação de discriminações de diversas ordens, como o etarismo, o racismo, o machismo, a LGBTfobia e tantas outras formas de normalização. Para Rogério Diniz Junqueira (2014) tais opressões não são elementos intrusos ou marginais, antes, são “elementos estruturantes do espaço escolar, onde são cotidiana e sistematicamente consentidos, cultivados e ensinados, produzindo efeitos sobre todos/as”. É uma “pedagogia do insulto” que opera por meio de ações preconceituosas, medidas discriminatórias, constrangimentos, ameaças, ridicularizações, agressões físicas e medidas desumanizantes, constantes na cotidianidade escolar (ALVIM e RODRIGUES, 2017, p. 85 apud JUNQUEIRA, 2014, p. 101)

É evidente a tempestade de opressões a que estão expostos os estudantes do CED 01 do Riacho Fundo 2, identificadas na relação com professores e na proibição do uso da calça “legging”, fatores que citaram tanto nos encontros em grupo, como na reunião de representantes de turma, portanto a insatisfação se mostra generalizada. Eles sentem a necessidade de combater os preconceitos e conscientizar o conjunto dos estudantes em relação a temas como “(...) Assédio, questão de bullying, questão de homofobia (...)” (G02; Renata - 132)

Mas os principais fatores que os fizeram se envolver no movimento estudantil dentro da escola está essencialmente ligado a necessidades de garantir as mínimas condições de ensino e aprendizagem. A começar pelo acesso irrestrito ao espaço escolar, depois pela luta de espaços fundamentais como laboratórios, biblioteca, quadra coberta, climatização e iluminação adequada em salas de aula e etc. E que associam a maioria dos problemas ao envio insuficiente de verbas à escola.

E foi justamente a luta pelos direitos mais elementares que motivaram as ocupações de escolas em São Paulo em 2015 contra o fechamento de escolas previsto na dita reorganização da Rede de ensino de São Paulo do Governo Alckmin (PSDB). Em 2016, em um movimento potente e inédito mais de 1000 instituições em sua grande maioria escolas foram ocupadas no país contra a Medida Provisória 746 que estabelece mudanças no ensino médio e contra a Proposta de Emenda Constitucional 241 ou 55²². A mobilização da juventude se apoderou de seus

²² Matéria disponível no link <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pais-tem-1022-escolas-e-84-universidades-ocupadas-em-19-estados-e-em-brasil,10000084398>. Acessado em: 05/10/2017

estabelecimentos de norte ao sul do país resistindo bravamente a repressão policial e a violência de grupos contrários.

Jéssica e Gabriela, inicialmente faziam parte da comissão pró-grêmio, que é instituída em processo de fundação de grêmio, sendo comum a utilização em situações de reativação dessas entidades nos casos onde não existam estudantes respondendo como gestão. Ambas continuaram frequentando as atividades, na medida em que alguns estudantes foram se afastando ou sendo “retirados” (G 01; Jéssica - 249) formalizaram suas participações. A insatisfação com a realidade em que estão inseridos e a vontade de transformação os encorajou ao envolvimento e participação no grêmio. “Mudança, né?” (G 01; Jéssica - 255), “Quando cheguei tinha um grêmio aqui que até resolvia as coisas, no segundo já caiu, no terceiro piorou” (G 01; Gabriela - 256). Mateus cita especificamente o problema da infraestrutura “Já tinha vontade de arrumar a escola (G 01; Mateus - 272)” e Gabriela reafirma essa ideia “Eu também” (G 01; Gabriela - 273) Saulo e Paulo tinham curiosidade “Eu queria conhecer pra ver como que era mesmo (G 01; Saulo - 266)

E ao fazerem a experiência resolveram permanecer. Todos afirmam ser uma experiência positiva.

Prosseguem suas atividades mesmo não possuindo sala que funcione como sede do grêmio. Reconhecem que é um direito, resguardado pela Lei Distrital nº 1735 e tem pleiteado um espaço físico para a entidade.

A gente depende de uma sala moço (G02; Fernando - 150).
A gente ficava nessa aqui, mas quando os professores precisavam usar a gente saía (G02; Renata -151)
Tínhamos que ver isso logo porque é direito o grêmio ter uma sala (G02; Paulo - 152).
É, nosso direito (G02; Saulo - 153)

Discutimos no segundo encontro sobre formas de realizarmos a reunião com representantes de turma, sob reafirmação de divulgação coletiva e coordenação por parte de Natália de manhã e Renata a tarde. Dessa forma poderíamos descobrir se as demandas do grêmio correspondiam as aspirações do conjunto dos estudantes (hipótese 1 b). A reunião poderia servir como uma espécie de termômetro para avaliar o grau de comunicação entre eles. Apesar de relevantes,

suas demandas poderiam não ser significativas aos estudantes o que é um elemento fundamental para que o grêmio não se mantenha isolado e estimule a movimentação estudantil coletiva. Ao não se sentir parte do grupo eleito, possa ser que estudantes encarem o grêmio como um corpo estranho recorrendo a este apenas para o cobrar resolução dos problemas. Essa fragilidade é detectada em falas como:

Mas o ruim dessa escola é que ninguém se interessa (G01; Natália - 362).

E isso os alunos cobram da gente, como se a gente tivesse culpa... (G01; Gabriela - 307).

Verdade, é isso não sei o que o grêmio. Ó aí, cadê o grêmio? (...) (G01; Jéssica- 308)

Durante algumas tentativas, no matutino, Jéssica e Gabriela apontam a dificuldade em saírem de sala no horário de aula para passar em outras. Giovana, dias depois afirmou que ainda estão em semana de testes. Renata, Mateus, Saulo e Paulo não conseguem fazer divulgação no vespertino, pois teriam faltado aulas no início do ano e tinham receio de faltar novamente.

A reunião ocorreria na sexta (01/09), a qual eu também pretendia comparecer, mas tive problemas de acesso com o passe estudantil, Leandro chegou a ir e teve que se retirar as pressas da escola por causa de uma responsabilidade a trabalho. Rafaela disse que não sabia como proceder ou o que falar se sentindo insegura pois não havia ninguém ao seu lado para “dar uma força”, mesmo que os outros integrantes do grêmio estivessem lá. Ela ainda me diz para animar o grêmio.

Na verdade, pareceu existir uma expectativa de que agora eu supriria o papel de transmissão de decretos a serem executados. Ser um participante ativo na pesquisa de modo algum me permite assumir a pretensa função de liderança do grupo. Freire (2004, p. 43), ressalta que na luta pelo resgate de nossa humanidade a pedagogia do oprimido, ao invés de ser “para o povo, deve ser dialogicamente forjada com o povo”.

Sempre acostumados a receber e cumprir ordens em nossas trajetórias de vida, ficamos perdidos na imensidão de um oceano possibilitador do “auto - governo”. Desde muito cedo, seja na família, escola e ou instituições religiosas

estamos expostos a dispositivos de tutela e repressão que são castradores da curiosidade e limitadores da criatividade de ação.

“Pessoas educadas desde a infância no temor e na submissão sem a possibilidade de pensar e refletir sobre o que fazem e o que as mandam fazer, não desenvolverão uma auto - reflexão crítica” (CARLOS, 2006 p. 33).

Sendo assim, é compreensível a falta de autonomia do grupo (hipótese 1c) que é muito dependente de Leandro. Isso fica revelado em algumas falas.

Ou, falando em jogos. Alguém sabe se o Leandro já conseguiu os materiais? (G03; Natália - 109)
 Você acha que nosso deputado não vai arranjar ônibus pra gente? (G03; Renata - R 330)
 Acho que consigo sim (G03; Leandro - 331)

Na entrevista com o Coordenador da escola é possível observar a sinalização de uma posição da coordenação em relação a questão da autonomia desses estudantes.

Eles têm muito mais autonomia do que eles imaginam ter na verdade. Só que na verdade eles não exercem isso aí nessa plenitude. Acho que falta na verdade a consciência da autonomia que eles têm e da importância que eles têm. Mas isso aí é um processo que é um pouquinho demorado, paulatinamente eles vão adquirindo essa consciência (E.1).

Há a ideia de que essa construção é espontânea, em contraponto nenhuma iniciativa ou suporte da Coordenação e ou SOE parece existir, nesse sentido.

Leandro ainda parece estar arraigado na alternativa da tutela e acredita no surgimento de “lideranças naturais”.

Acho que isso é com o tempo, porque é bem difícil. Claro que você tem algumas lideranças de natureza, algumas pessoas que vão estar ali querendo impulsionar. Mas isso vem com tempo de dedicação, se você ficar 24 horas dentro da escola com eles mostrando que é assim, que é dessa maneira, talvez se crie uma iniciativa própria deles. Não sei, mas é bastante complicado, acho que o medo também que eles têm da direção ou de alguém fazer alguma coisa contrária à decisão deles também acaba que acarreta...acho que

esse embate que eles podem vir a ter com a direção da escola acaba resguardando de certa maneira (E.2)

Mas o fato é que as duas falas são reflexos da real complexidade que é o fortalecimento da autonomia, uma construção gradual que pode ser estimulada por meio da própria convivência em grupo no grêmio. É então que após participar da reunião da REDE do Riacho Fundo 1, entro em contato com o grêmio do IFB da cidade. A articulação dessa REDE de diálogos e troca de informações entre as Instituições é positiva para a execução dos serviços públicos e resolução conjunta das demandas da comunidade. Mas seria possível organizar uma REDE entre as entidades estudantis, associações de moradores e movimentos sociais da região (Riacho Fundo 1 e 2 e adjacências).

Isso poderia contribuir tanto no fortalecimento da identidade local e acesso à memória da história da cidade como no fortalecimento da construção coletiva da autonomia política por meio do compartilhamento de experiências e informações.

Sugiro ida ao IFB para reunião entre os dois grêmios (ação 1c - ação 2c) buscando planejar ações conjuntas, inicialmente concordam, mas depois acham mais conveniente eles irem até o CED 01, até o fim da pesquisa não conseguimos concretizar esse intercâmbio.

Após leitura de um Trabalho de Conclusão de Curso de 2012²³, no qual são ilustradas as Prefeituras Comunitárias do Riacho Fundo 2 como espaços de participação ativa, pergunto se algum estudante tem conhecimento sobre o tema e todos afirmam desconhecer qualquer Prefeitura Comunitária (ação1c2 - ação2d).

Tentamos também, inicialmente no dia 05/10 ida ao Gama para que pudessem conhecer escolas com infraestrutura diferente da sua e ter acesso a conquistas e projetos realizados por outros grêmios (ação1c3). A intenção era encontrar formas fortalecer a autonomia por meio da troca e não encontrar uma entidade mais experiente que os dirigisse. As atividades dos jogos Interclasse impedem participação, mesmo remarcada para o dia 26/10 poucos confirmam ida e grupo não se sente movido a ir. Sugiro ainda a participação no Congresso da UBES

²³ CONTESINI, Pedro Piccolo. 2012. Dissertação – Bacharel em sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.

(ação1c4), espaço amplo em que estudantes do país discutem temas como educação, movimento estudantil e conjuntura política. Chegam a inscrever a escola, mas também até o fim da pesquisa não haviam iniciado a divulgação do processo, demonstraram preocupação em realização data da atividade próximo a data de uma prova do PAS.

A reunião com representantes de turma (ação1b) só será efetivada dia 12/09, mesmo dia de nosso terceiro encontro em grupo. Jéssica que se atrasou para o horário de entrada, entra somente para divulgar recado de reunião aos representantes, depois que expliquei a situação na coordenação. Ela tem de se retirar novamente e só retorna no 3º horário. Após avisos individuais rápidos aparecem 8 representantes de turma e, os integrantes do grêmio. Além das questões que o grupo já havia levantado e das propostas iniciais do grêmio, portanto há consonância entre as necessidades da entidade e do conjunto dos estudantes (descartando a hipótese 1b), aparecem três propostas bastante significativas:

- Músicas durante o intervalo;
- Necessidade de construção do show de talentos e ou intervalo cultural;
- Retorno ao horário do turno matutino de 7h15 às 12h15;

E alguns encaminhamentos:

- Natália e Jéssica recolheriam duas músicas por turma com os representantes;
- Grêmio discute junto a direção da escola formas de organizar show de talentos e ou intervalos culturais;
- Reuniriam com direção também para tratar da questão do horário de entrada no matutino e caso demanda não fosse atendida organizariam abaixo-assinado;

Recordo - os sobre a importância de reuniões com representantes no vespertino e no noturno, que não são efetivadas. É importante destacar que a do matutino ocorre somente na ocasião em que estou presente, apesar de existir uma distribuição razoável de integrantes por turno.

No terceiro encontro faço uma fala baseada em um informativo (ação1d) do MPL (Movimento Passe Livre) que apresenta uma linha do tempo sobre

a luta por melhoria do transporte público no DF. Relaciono isso ao fato de complicações de acesso ao passe estudantil que limitou minha ida até a escola e aproveito para levantar uma reflexão a respeito das mobilizações sociais e suas conquistas, que não seguem um ritmo contínuo e evolutivo, mas são marcadas por avanços e retrocessos diretamente ligados a correlação de forças das conjunturas políticas.

A maioria das coisas que temos hoje foram direitos conquistados. Manifestação, abaixo assinado...então tem a ver com essa questão do horário de entrada. Por isso achei interessante o que a Vanessa falou, “olha se não acontecer a mudança que a gente quer a gente faz abaixo assinado”. (G02; R - 65)

(...) Década de 80, meia passagem conquistada por estudantes. Década de 90 o movimento estudantil apresenta a bandeira do passe livre estudantil no DF (G02; Renata - 65)

Ou seja, começou em 90 essa luta pelo passe livre. Eu nem era nascido (G02; R - 65)

2004,nasce o movimento passe livre do distrito federal. 2005, câmara legislativa do distrito federal aprova projeto passe livre (G02; Renata - 65)

Olha aí. A galera começou a luta em 90 e em dois mil e... (G02; R - 65)

Em 2005 (G02; Renata - 65)

Em 2005 conquista (G02; R - 65)

2009 passe livre é homologado, 2010 passe livre estudantil é implementado, 2015 Governo começa a restringir passe livre sem fiscalização, 2016 estudantes ocupam Dftrans contra problemas no passe livre, 2017 implementação da biometria facial e campanha... (G02; Renata - 65).

Em relação ao primeiro ciclo do movimento Lima (2015 p. 124,125) afirma que “milhares de pessoas participaram fechando ruas, ocupando prédios públicos, pulando catracas e manifestando-se em diversas cidades do DF”.

Minha fala surgiu da suspeita de que não acreditassem que manifestações poderiam gerar resultados (hipótese1d), me baseio no fato de que algumas experiências anteriores malsucedidas de mobilização simples como o abaixo-assinado ignorado pela antiga direção da escola pudessem ter resultado isso. Já que a proposta de abaixo-assinado tinha sido retomada, neste caso, sobre a questão do horário de entrada, era preciso generalizar experiências vitoriosas como a da conquista do passe livre estudantil.

O conformismo pode resultar em armadilhas perigosas ao assumirem esgotados/desacreditados com a paralisia dos governos uma postura de corresponsabilização do Estado quando, por exemplo, não dispõem de recursos financeiros necessários à instituição “Eu acho que a direção e os alunos...tudo junto...a gente tentando fazer uma rifa...algo assim” (G01; Gabriela - 323), o que não é produto do acaso e sim um projeto.

Neste sentido, podemos então dizer que a partir das reformas educacionais, principalmente implementadas nos dois governos de FHC (PSDB) a escola passou a ser um espaço aglutinador de pessoas que devem aprender a ser, fazer, conhecer e viverem juntas, de forma solidária e voluntária, sem incomodar o governo, resolvendo seus próprios problemas, acreditando estar construindo uma sociedade democrática, participativa e crítica, quando na verdade, se torna acrítica e antidemocrática, mas suficientemente qualificada para o mercado de trabalho, que precisa de pessoas adaptáveis. Com essa prática, os setores dominantes buscam manter sua hegemonia numa sociedade de classes, na qual os dominados se conformariam com sua situação e buscariam formas para amenizar suas carências, já que as diferenças geradoras das diversas formas de exploração e dominação “humana” seriam naturais e não historicamente produzidas. (GONZALEZ, MOURA 2010, p. 13)

O PPP da escola reforça esse projeto de manutenção do status quo ao relacionar o grêmio estudantil ao projeto de protagonismo juvenil objetivando a “formação de lideranças, da reflexão sobre os valores humanos e da importância de uma vida equilibrada”.

O protagonismo juvenil, enquanto uma prática do Grêmio Estudantil surge, reitera-se, a partir das reformas educacionais como uma proposta inovadora, ocupando o tempo livre do jovem. Esta nova cultura cívica convoca a sociedade para o exercício da responsabilidade social, fortalecendo ações voluntárias que contribuíram com a educação pública. Canaliza-se desta forma, toda e qualquer presença da suposta indignação do ser humano, diante das injustiças sociais por meio da realização de trabalhos voluntários, transformando essa energia que poderia ser contestadora em necessidade de ajudar, de se sentir responsável e de cada um fazer a sua parte (GONZALEZ, MOURA 2010, p. 7 apud NEVES 2005)

A fala de Natália em relação a um momento crítico na escola reafirma isso:

Porque teve uma época, que dizendo eles que não tinha dinheiro pra comprar papel pra fazer as provas. Era a época do Leandro ainda, ele passou de sala em sala, pedindo dinheiro pra comprar folha (G03; Natália - 194)

Não tinha dinheiro pra comprar folha? (G03; R - Natália 195)

De manhã ele fez isso. Aí foi fazendo uma vaquinha. A escola saiu dizendo que não tinha dinheiro e se os alunos não ajudassem teriam que copiar a prova no caderno (G03; Natália - R 196);

De outro modo, isso apareceu na expectativa de que alguns parlamentares poderiam ajudar na resolução de problemas imediatos, como no caso das cortinas em salas de aula onde provavelmente alguém ligado ao deputado federal Izalci (PSDB) teria solicitado um orçamento aos integrantes do grêmio e ou Luís e, no caso da cobertura de quadras em que a deputada distrital Celina Leão (PPS) teria liberado emenda parlamentar. Não descobri exatamente quem mantém contato com esses deputados, nem qual seria o real interesse na escola e na região de figuras como Izalci que apresentou na câmara federal o ultraconservador Projeto de lei nº 867, conhecido como “Escola sem Partido” ou “Lei da mordaza”.

Em relação a cobertura de quadra Leandro aponta:

Parece que houve a presença de um deputado na Instituição, mas até hoje não vi nenhum avanço. Tem que sentar com a direção pra gente ver o que foi decidido. Tá chegando a próxima eleição, né? Próximo a eleição eles começam a querer ajudar todo mundo (E.2)

Renata recebeu a informação de que emenda teria sido aprovada e socializa informação ao grupo, fala em que também observamos certa passividade.

Já tem verba pra cobrir essa quadra. Não sei porque não acontece (G02; Renata - 83)

Por que não teve pressão (G02; R -)

Por que “tão” guardando dinheiro (G02; Fernando -)

Mas as reações à discussão do movimento por melhoria no transporte público são positivas, se mostram favoráveis a organização de manifestações e sugerem uma em relação ao horário de entrada, acreditam na manifestação enquanto um instrumento de luta.

Tinha que ter manifestação, pra ver se melhorava isso ai (G02; Saulo- 88).

Moço, sou de acordo com manifestação (G02; Fernando - 89)

Tem que ter manifestação mesmo (G02; Paulo - 90).

Você acha que a galera, participa? (G02; R - Paulo - 91).

Participa! (G02; Saulo - R 92).

Eu acho que todo mundo devia chegar tarde, ficar o primeiro horário lá fora e depois entrar (G02; Renata - 93).

A decisão em relação a música no intervalo é muito significativa e no terceiro encontro uma das principais discussões do grupo gira em torno disso. O que tem relação com uma informação no PPP da escola de que além de recursos como vídeos, experimentos e jogos os estudantes gostariam que os professores utilizassem músicas em suas aulas.

As atividades escolares, especialmente na sala de aula, são descritas como “chatas”, “repetitivas”, “desinteressantes” e “sem sentido”. Em outras palavras, se evidencia que a escola não tem despertado neles o prazer de estudar, sendo que as práticas em sala de aula aparecem como importante obstáculo para o aprendizado. É nessa perspectiva que reivindicam atividades “mais práticas”, capazes de extrapolar a reprodução de textos ou a realização de exercícios nos cadernos, bem como a adoção de procedimentos de ensino capazes de envolvê-los, sintonizando os conteúdos escolares com o cotidiano e o mundo que os cerca. (CORTI; CORROCHANO e SILVA 2016, p. 1166 *apud* DAYRELL 2005 e SPOSITO; GALVÃO 2004)

Mesmo sob minha tentativa reforçando a deliberação de recolher as músicas que seriam tocadas no intervalo com os representantes de turma e a comunicação prévia à coordenação, eles resolvem mudar o roteiro. Afirmam que vão passar a música no mesmo dia e se mostram resistentes em consultar gestores da

instituição a esse respeito. E o fazem após o encontro, mesmo alguns minutos antes do sinal do intervalo tocar. A coordenação os repreende dizendo que eles não podem fazer tudo que querem quando bem entenderem, no encontro posterior eles dão respostas que levam a crer em uma postura tomada como simbologia de disputa de poder. “Mas a gente não manda? (Risos)” (Gleice G 03; - 60). Apesar de serem a maioria da comunidade escolar, esses estudantes não são acolhidos e também não sentem necessidade de compor os espaços decisórios da escola como conselho escolar, conselho de classe se semana pedagógica (espaço em que se formula o calendário escolar).

Além das constantes opressões são “regulados” pelas penalizações. “Eu levei a advertência por algo bem pior. Porque eu estava rindo” (G 01; Gabriela - 285). “Tava todo mundo rindo, aí quando a professora olhou a gente parou” (risos) (G01; Gabriela - 287). As suas respostas vêm de forma transgressora, João explica porque teria recebido punição “A gente estava fora de aula sem autorização” (G 01; Paulo - 284). Marcos faz um comentário e, depois João admite que além disso teriam sido “cúmplices” em uma situação que “Fizeram uma fogueira dentro de sala” (G 01; Paulo - 295).

Consentido em conjunto, o “transtorno” no CINECLUBE se mostra como ápice das faíscas desse curto-circuito na ordem escolar. Seriam posturas inadequadas ou o reflexo de uma inadequação da escola a esses adolescentes? Percebo os atos como sussurros e em alguns casos, gritos por liberdade e subversão dos valores e discursos inculcados ali.

O Currículo em Movimento do DF, observa em seu caderno de Pressupostos Teóricos (2012, p. 13 e 14) que:

Os (as) estudantes que frequentam nossas escolas e salas de aula hoje são muito diferentes dos (as) estudantes de épocas anteriores por apresentarem saberes, experiências e interesses muitas vezes distantes do que a escola na sociedade atual privilegia em seus currículos. Esse (s) novo (a) estudante requer outra escola, outro profissional, outra relação tempo-espaço escolar. A não observância desses elementos pode estar na gênese de resultados dos desempenhos escolares dos (as) estudantes, expressos pelos altos índices de reprovação, evasão e abandono escolar de uma parcela significativa da população que à escola teve acesso, mas que nela

não permanece. Ou, quando permanece, não obtém o êxito desejado, tornando-se os “excluídos do interior” (BOURDIEU, 1998), alunos que reagem de forma ostensiva, dando sinais de provocação e resistência em relação aos (às) professores (as), aos (às) gestores (as) e organização escolar que não atende mais a esse novo perfil de estudante.

Entretanto, as mesmas características que fazem o jovem ser percebido como forjador do futuro podem aparecer com cores negativas; há sempre "outro lado", outra maneira de avaliar, a partir da qual suas qualidades são julgadas de forma ambivalente: o jovem é sério, mas imaturo; é audacioso, mas inexperiente; impulsivo, mas indeciso. Isso faz com que suas manifestações com frequência sejam vistas somente como manifestações de espíritos rebeldes, avessos à ordem e propícios a promover distúrbios e atitudes inconsequentes (cf. FORACCHI, 1965).

Esses fatos demonstraram ainda que devido a experiência traumática com a antiga gestão da direção, há um distanciamento por parte dos estudantes com esta. Parecem tratar como inimiga, bem como os professores (hipótese 1e).

Por parte dos professores, não a nenhum que mantém relação de colaboração com o grêmio, os que apoiam seriam aqueles que os deixam sair de sala de aula para realização de atividades.

Ninguém gosta que saia da sala, às vezes entra na sala e fica atrapalhando a aula (G 01; Jéssica - 438)

Eles falam por que que não gostam? (G 01; Jéssica - 439)

Não! É só porque atrapalha as aulas deles mesmo (G 01; Jéssica - 440)

Tinha um tempo que eles reclamavam muito, muito, muito era quando a gente passava em salas fazendo as apresentações do grêmio (G 01; Natália - 441)

(....) Fica claro que a noção de tempo da instituição destoa do tempo da participação dos jovens. Há uma cisão posta. A participação tende a não ser vista pela escola como parte do processo de formação. Ao que parece, ela não se apresenta como um tempo válido ao divergir da lógica estrutural dos tempos escolares (DARYELL, MARTINS, 2013 p.1271)

A gente passa amanhã nas salas, amanhã é quarta. Ai a gente marca reunião pra quinta feira (G01; Gabriela - 347)

Quinta tem aula? (G01; R - 348)

Mas o pessoal não vai querer perder aula (G01; Jéssica - 349).

Então, eu acho que o ideal é ser no intervalo (G01; R - 350)
Intervalo é só 15 minutos (G01; Gabriela - 351).

Fica evidente a separação entre as atividades escolares e políticas, como se não fossem intrinsecamente ligadas. Durante os encontros pelo menos quatro estudantes diferentes faziam atividades nas aulas enquanto discutiam, pude observar uma cobrança maior por parte de gestores e professores direcionadas aos membros do grêmio, como se ter boas notas fosse um pressuposto para participar politicamente no ambiente escolar. Em reunião com o SOE escutamos que por serem do grêmio deveriam dar o exemplo e que inicialmente utilizavam desse pretexto para se livrarem das aulas, pensamento também presente entre os professores. Durante a realização da pesquisa uma coordenadora que abordou os estudantes que estavam lanchando e aguardando a abertura da sala para reunião como se o interesse fosse apenas está fora da sala de aula (“matar aula”). Quando estávamos entrando na sala fez alguns comentários irônicos “Esse grêmio é devagar, desorganizado ein”.

É no mínimo imprudente afirmar que diante todo esse movimento corajoso, mas também doloroso na contra-mão de pesados obstáculos: idas à escola em turnos contrários muitas vezes tendo que enfrentar a família, resistência aos poderes exercidos por professores e direção, tentativa de conciliação do abismo criado entre as atividades escolares e políticas, esses estudantes estariam utilizando a participação no grêmio para isso. Na verdade, é uma incompreensão e um distanciamento sobre a importância de suas movimentações.

Professores e gestores não enxergam o grêmio estudantil enquanto espaço educativo, apesar de afirmarmos a partir do que já foi observado que há uma ligação direta com os objetivos do Ensino Médio estabelecidos no artigo 35 da LDB “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e desenvolvimento da autonomia intelectual e pensamento crítico”.

O Currículo em Movimento do DF (2012, p. 55 e 56) afirma que a formação educacional é também política e que:

A formação política deve estar pautada numa perspectiva emancipatória e transformadora dos sujeitos, esforçando-se por

promover o empoderamento de grupos e indivíduos, situados à margem de processos decisórios e de construção de direitos, favorecendo sua organização e participação. Esses aspectos tornam-se possíveis por meio do diálogo e de aproximações entre diferentes sujeitos biopsicossociais, históricos e culturais, bem como destes em suas relações com o Estado.

Podemos inferir que o espaço do grêmio estudantil trata-se de uma rica construção político pedagógica coletivamente organizada pelos estudantes da escola. Apesar deles próprios não terem consciência disso:

“Eu não sei nada de política, eu não gosto dessas coisas” (G03; Natália 153)

Tal espaço poderia ser uma ferramenta poderosa no processo de ensino e aprendizagem em que as ações desenvolvidas pelos educandos pudessem ser um exercício cotidiano de construção da autonomia, da conscientização política e crítica, da criatividade e da apreensão dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Os educadores necessitam de uma escuta sensível e sincera, admitir nossa incompletude e nossas dúvidas não nos tira a autoridade, ao contrário, proporciona a garantia desta e afasta o autoritarismo.

Consciente de toda essa pressão, após uma ida malsucedida na escola no dia 20/09, reflexo do atrito entre grêmio e coordenação lhes apresento o PPP da escola mostrando que propostas como a rádio, intervalo cultural e jornal estão previstos e dessa forma não precisariam se preocupar com nenhum tipo de retaliação, mas que era essencial dialogar com professores e coordenação para concretizar os projetos. Usei isso como forma de levantar uma reflexão sobre o caráter educativo que tem o grêmio, que além de relevante para suas formações está incluso no Currículo da escola.

Sendo assim, conversamos com dois professores de artes (matutino e vespertino) para trabalhar em conjunto rádio e intervalo cultural, no sentido de os conscientizar do potencial político - pedagógico de um trabalho conjunto, ambos concordam em ajudar. Depois procuramos o SOE, esperando um papel de mediação grêmio e direção da escola na execução das propostas, mas somos apenas encaminhados a coordenação. Pela resistência dos estudantes em iniciar o diálogo, eu mesmo me dirijo ao Coordenador em relação as propostas a serem realizadas em conjunto com os professores. Do SOE escutamos que “esses projetos

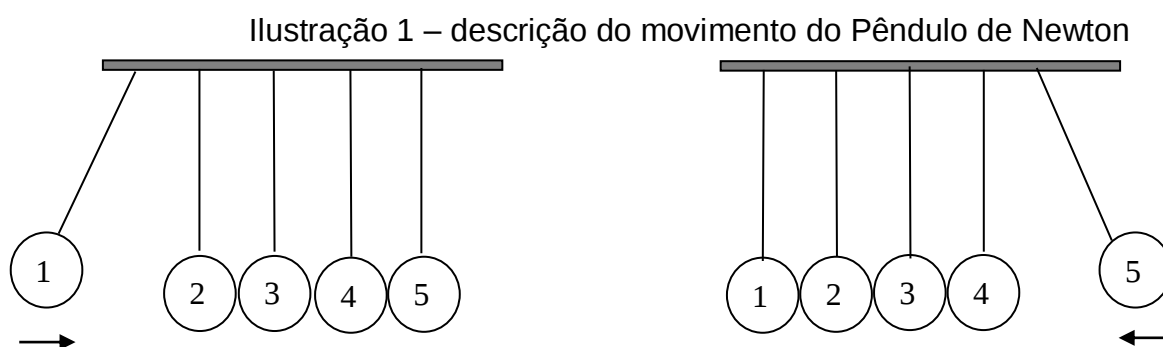
precisariam estar incluídos no calendário escolar na semana pedagógica para serem realizados”, já a coordenação encerra a conversa dizendo para “fazer um projeto escrito” com uma rápida explicação sobre as propostas. (ação1e)

Diferente de uma direção autoritária ou de uma direção que exerce um controle do grêmio estudantil através de uma participação tutelada, esse corpo gestor (direção, SOE, coordenação) possui uma característica burocrática.

Segundo Mateus “A direção coloca dificuldade” (G 01; Mateus - 274)

E isso desanimaria os integrantes de continuarem participando. “Ninguém quer mais” (G 01; Paulo - 304). “Desanimou geral. O povo sumiu” (G 01; Saulo - 305).

Esse movimento pode ser ilustrado por um “pêndulo de newton” em que o grêmio levanta demandas (1), discute coletivamente (2) encaminham propostas de resolução aos problemas (3) se dirige a direção (4) e é empurrado de volta pela burocracia não tendo demandas atendidas (5), fazendo isso repetida vezes. A cada nova colisão membros do grêmio vão se desintegrando ao gastar energia.



Dessa forma vão minando a participação política estudantil, talvez não se deem conta de que para esses educandos as coisas podem ser mais simples. O funcionamento de rádio com músicas e ou notícias e apresentações culturais no intervalo, por exemplo, não exigiria estarem incluídas no calendário escolar ou de um algum documento escrito para serem realizadas, bastaria plugar o celular a caixa de som ou levar um violão para o pátio.

O Currículo em Movimento (2012, p. 57 – Pressupostos Teóricos) alerta que

É comum a crença equivocada de que os dispositivos formais da gestão democrática (eleição de diretores e vice-diretores, de pares para o Conselho Escolar) sejam por si só garantidores de uma

participação ativa, autorizadora e emancipatória dos sujeitos educativos. A democratização deve manifestar-se em todas as relações que se estabelecem no cotidiano escolar

Em qualquer situação, os espaços democráticos serão sempre conquistas fruto de embates e, a manutenção desses espaços também serão resultado da luta pela garantia contra as distorções e pela continuidade de uma cultura de convivência baseada na escuta sincera.

Envio a eles uma sugestão de formato para o projeto a ser elaborado, conforme recomendou coordenação e, ao invés de construírem apenas copiam. O que revela mais uma vez o problema da falta de autonomia (hipótese 1c). De 25 a 30/10 eles conseguem iniciar o diálogo com alguns professores apresentando projeto escrito, e também ao próprio coordenador. Consigo entrar em contato com uma dessas professoras que explica sobre a relação de desgaste entre grêmio e o corpo docente, mas se dispõe a ser um canal de comunicação no sentido de propor ações entre educandos e educadores.

São pequenos avanços resultantes da ação isolada de alguns integrantes do grêmio. A maioria não se envolve, pois estariam “correndo atrás de notas para ver se recuperam” e parecem bastante desmotivados a continuar suas atividades.

Esses estudantes anseiam por uma dinâmica simples na insituição de ensino, o que não quer dizer rebaixamento ou uma superficialidade dos conteúdos. Tal simplicidade levanta alguns questionamentos essenciais: estamos do lado dos “endinheirados” ou dos “farrapados e demitidos da vida”? A prática educadora reforça ou contesta as injustiças/opressões? Precisamos obedecer ou contestar?

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar como ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva

à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente de repente nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele. Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?" (FREIRE, p.30)

A escola não pode continuar como um espaço isolado do conjunto da localidade em que está inserida. Deve ser transformada em um espaço comunitário, de trocas culturais entre os mais diversos grupos populares. "Eu tinha uma professora que disse que a escola deveria ser sem muros (...)" (G02; Renata – 64)

Isso ajuda na socialização das memórias e na formação das identidades sociais. Apoderando - se de nossas memórias e da consciência histórica com segurança temos melhores condições de nos pautarmos no presente e nos orientarmos diante do futuro.

PARTE VI

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, fundamentada no discurso do êxito e da competência individual precisa se resignificar e superar sua condição de espaço arcaico e pouco significativo em relação a esses adolescentes. O movimento estudantil pode contribuir para tal reorganização das estruturas pedagógicas, ao transformar a organização curricular conteudista, mecânica e bancária em um processo onde teoria e prática se relacionam carregados de significação.

O desafio, por exemplo, na construção do PPP é estabelecer uma relação coerente entre o ideal e o que se pratica. Ao invés de permanecer como mais um documento obrigatório, ele deve documentar o vivido e fazer emergir as contradições.

A equipe escolar (gestão, docentes e auxiliares de ensino) precisa ultrapassar os muros das Unidades escolares, buscando constante articulação com as entidades, movimentos, pais, entre outros sujeitos locais. Além do fortalecimento da ideia de gestão democrática e da coletividade, essa iniciativa fortalece o reconhecimento do território, necessário para o processo educativo.

Para tanto, é essencial a conscientização dos professores de que uma educação emancipadora, crítica e transformadora não se trata de “doutrinação ideológica” e ou “manipulação”. E que a natureza dessas expressões foram formuladas a partir de um posicionamento político objetivando a manutenção do status quo.

O grêmio estudantil é um rico espaço político educativo em que o exercício do “auto governo” se torna elemento fundamental na formação escolar dos sujeitos participantes. Portanto, ao invés de marginalizar a entidade e os estudantes que decidem exercer a participação, tal espaço precisa ser fortalecido no sentido de potencializá-lo ao máximo, inclusive em direção aos canais de participação dentro da escola. Observamos a força propulsora que tem as entidades estudantis articuladas a outros movimentos, sobretudo, em lutas sociais históricas no país.

PARTE VII

10. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Durante minha trajetória acadêmica desenvolvi uma relação de afinidade com o trabalho voltado aos adolescentes e despertei meu interesse por atuar no atendimento desse público, seja na socioeducação ou no Ensino Médio e Fundamental, ambos na parte de gestão, no caso das escolas atuando no Serviço de Orientação Educacional.

A partir do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso também desenvolvi um grande apreço pela atividade de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Davis Moreira. RODRIGUES, Alexsandro. COLETIVOS, OCUPAÇÕES E PROTESTOS SECUNDARISTAS: A FÊNIX, O LEÃO E A CRIANÇA. Campinas, SP v.19 n.esp p. 75-95 jan. Acesso em: 05 agosto de 2017.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. Tempo soc., São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01030702005000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 agosto de 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1932.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

BRASIL. Lei nº 7.398/1985. Lei do Grêmio Estudantil, 1985.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN, 1996.

CARLOS, Aparecida da Graça. Grêmio Estudantil e Participação do Estudante. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2006.

CINTRA, André; MARQUES, Raísa. UBES - uma rebeldia consequente: A história do movimento estudantil secundarista do Brasil. Projeto Memória do Movimento Estudantil, 2009.

CORTI, Ana Paula de Oliveira. CORROCHANO, Maria Carla. SILVA, José Alves da. "Ocupar e resistir": a insurreição dos estudantes paulistas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 37, no. 137, p.1159-1176, out.-dez. 2016.

DAYRELL, J. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. MARTINS, Francisco André Silva Martins. Juventude e Participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, out. /dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.

DISTRITO FEDERAL. Administração Regional do Riacho Fundo 2. <http://www.riachofundoii.df.gov.br/2016/11/18/retirada-da-posto-policia-da-qn8/> Acesso em: 03/11/2017.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 4.751/2012. Lei da Gestão Democrática, 2012.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 1735/1997. Lei do Grêmio Estudantil, 1997.

DISTRITO FEDERAL. Portaria nº 109/2016. Plano Distrital de Educação, 2016.

DISTRITO FEDERAL. SEEDF. Projeto Político Pedagógico 2017 - Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 2. 2017.

DISTRITO FEDERAL. Regimento Escolar da Rede Pública de Ensino do DF, 2015.

DISTRITO FEDERAL - Secretaria de Estado de Educação Subsec. de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação Coord. de Supervisão, Normas e Inf. do Sistema de Ensino Diretoria de Informações Educacionais, 2016. CENSO ESCOLAR. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/>. Acesso em: 05/09/2017.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado e Educação, Currículo em Movimento DF, 2012. Caderno Ensino Médio.

_____. Caderno Pressupostos Teóricos.

FERRARI, Taiza Lira. Projeto apresentado à Secretaria de Estado da Educação – SEED, Departamento de Políticas e Programas Educacionais, Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, UNIOESTE, Paraná, 2013.

FORACCHI, M. M. (1965), O estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. Medo e Ousadia - O Cotidiano do Professor. Tradução de Adriana Loéz; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. Pedagogia do oprimido - 57. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZALEZ, Jorge Luis Cammarano. MOURA, Marcilene Rosa Leandro Moura. Revista de CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO - UNISAL - Americana/SP - Ano XII - Nº 23-2º Semestre/2010 O Grêmio Estudantil na Gestão da Escola Democrática: Protagonismo e Resiliência ou Despolitização das Práticas Formativas - p. 273-292 Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/201.pdf>.

GRÊMIO ESTUDANTIL GERAÇÃO ATITUDE - CED 01 RF 02. Disponível em: <<https://gatitudeced01rf2.wixsite.com/gatitudeced01rf2>> Acesso em: 21/08/2017.

Escolas credenciadas <http://congressodaubes.org.br/habilitadas/> Acesso em: 03/11/2017.

Grêmio Estudantil CEM 02 do Gama <https://gremiocem2.wordpress.com/>. Acesso em: 03/11/2017.

IANNI, Octavio. Escravidão e racismo. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

JOHNSON, M. Harry. Introdução sistemática ao estudo da sociologia. Rio de Janeiro: Lidaador, 1967.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Heteronormatividade e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (orgs.). Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: EDUFES, 2014. p. 99-124.

LELES, Maria da Aparecida. A participação dos estudantes na gestão da escola. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, (Unb), Brasília, 2007.

LIMA, Paique Duques. A Geração Direta no DF: Reflexões sobre as lutas sociais em Brasília na primeira década século XXI. In: RÊSES, Erlando da Silva (org.). Universidade e Movimentos sociais. Belo Horizonte-MG: Fino Traço, 2015.

MARTINS, Francisco André Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, out. /dez. 2013. Disponível em: <http://ufrgs.br/edu_realidade >.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos Avançados, v. 18, n. 50 p. 57 - 60, abr. 2004.

PADILHA, Mônica Fonseca. 2008. Dissertação – Graduação em pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

PDAD – Pesquisa Distrital de Amostragem por Domicílio, 2015. Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/PDAD_Riacho_Fundo_II_2015.pdf Acesso: em 03/11/2017.

POERNER, Artur José. O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S/A, 1979.

SANFELICE, José Luis. Movimento estudantil – a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez, 1986.

Secretaria de Estado e Educação do DF <http://www.se.df.gov.br/programa-de-descentralizacao-administrativa-e-financeira-pdaf.html> Acesso em: 03/11/2017.

Sindicato dos Professores do Distrito Federal <http://www.sinprodf.org.br/gdf-deixa-mais-de-90-escolas-sem-pdaf-e-diretores-ameacam-suspender-as-aulas-do-2o-semester/> Acesso em: 03/11/2017.

SOUSA JUNIOR, José Geraldo. Movimentos Sociais nos 50 anos da UnB: Construindo uma Universidade Emancipatória. In: RÊSES, Erlando da Silva (org.). Universidade e Movimentos sociais. Belo Horizonte-MG: Fino Traço, 2015.

SPOSITO, M.P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS (UBES). Monte seu grêmio em 5 passos. Disponível em: < <http://ubes.org.br/gremios/> > Acesso em: 04/11/2017.

ANEXOS

Corpus da pesquisa:

Fluxograma 01. Encontro 2 - 29/08/2017. Duração: 44 min e 41 seg.

Legenda

Pesquisador – mediador Ricardo Cavalcanti de Oliveira: **R**

Participante Gabriela: **G**

Participante Mateus: **M**

Participante Natália: **N**

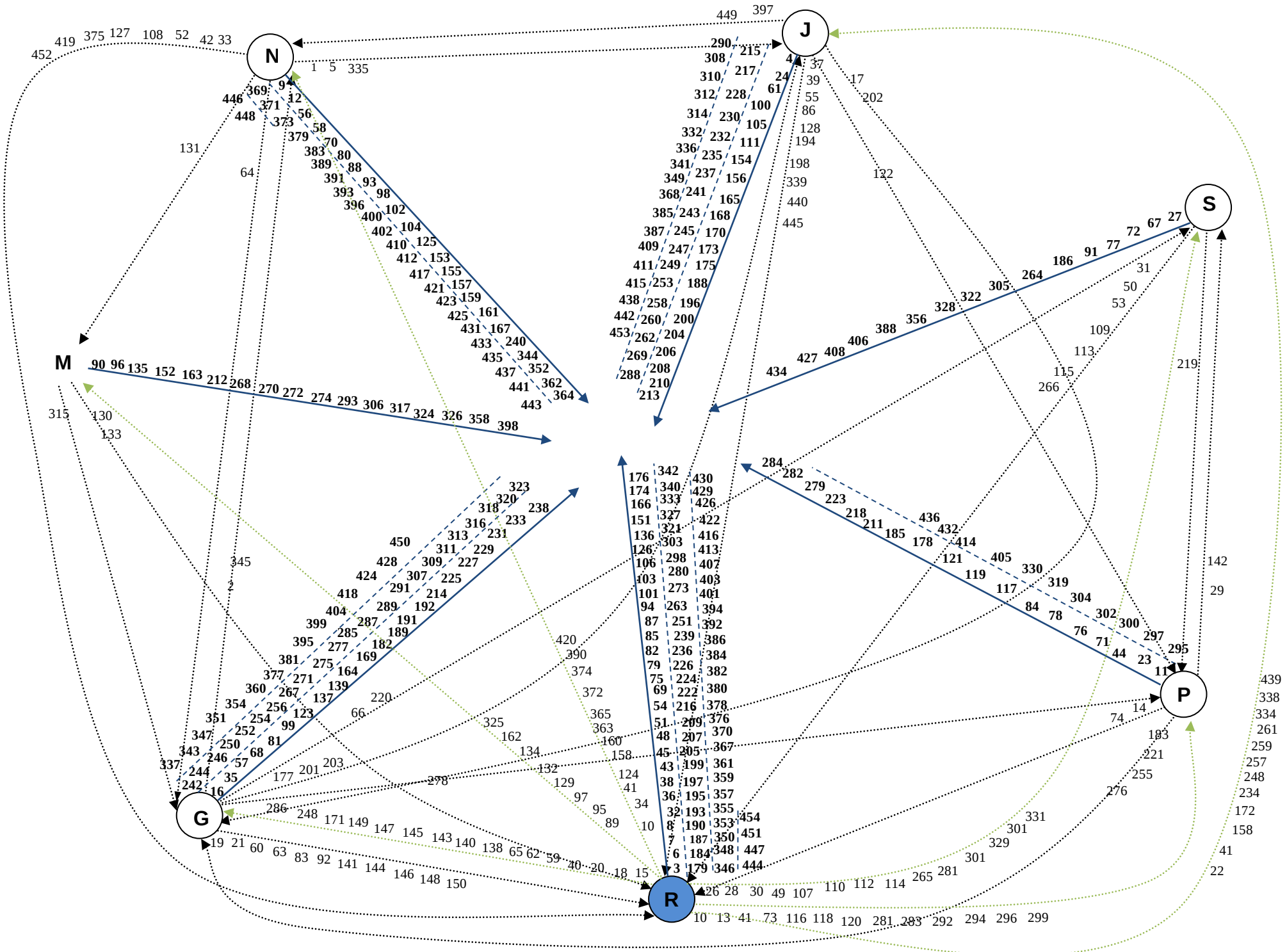
Participante Jéssica: **J**

Participante Saulo : **S**

Participante Paulo: **P**

Fala direcionada para o grupo: 

Fala direcionada para um participante: 



Corpus da pesquisa:

Transcrição das entrevistas

Local de realização

Entrevista 1: Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 02 (sala da Direção)

Entrevista 2: Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 02 (pátio)

Entrevista 3: Universidade de Brasília

Entrevista 4: Centro de Ensino Médio 02 do Gama

Entrevista 1

(12/09/2017- duração: 31min e 25 segundos)

R: Então, sobre o intuito da pesquisa: É a gente entender um pouco qual a importância que têm um estudante de participar do grêmio estudantil, para a sua formação político-pedagógica. É justamente isso, entender como a escola no geral: Professores, coordenação e orientação educacional (a gente vai ter o momento de sentar com a orientadora também) compreende esse espaço e, analisar um pouco como se dá as atividades, enfim, tentar mensurar isso um pouco. E a gente inicialmente precisaria de uns dados mais gerais, por exemplo. O nome da escola e a localização tá tranquilo, mas aí queria saber se você tem alguma informação sobre a data de inauguração, como foi o processo que motivou a construção dessa escola, se tem alguma informação nesse sentido.

Edmilson: Está tudo claro na memória, porque a inauguração da escola coincide com a minha posse na Secretaria de Educação. Fui nomeado em fevereiro de 2009, eu comecei a trabalhar no CEM 01 do Riacho Fundo 1, essa escola não existia.

R: É a única escola de Ensino Médio do Riacho Fundo 2?

Edmilson: Do Riacho Fundo 2 é a única escola. Então assim, essa comunidade aqui é bem recente, ela vinha crescendo até em função dessa urbanização, essa distribuição de lotes que vinha sendo feita. Então essa área veio crescendo pra cá. Na época o governador era o Arruda, então aí já havia uma demanda da população dessa região a cerca de uma escola que atendesse essa garotada. Porque os meninos tinham que se deslocar de ônibus lá para o Riacho Fundo 1, aí o que foi feito na verdade, o então Governador decidiu fazer aquilo que a gente chamava de escola provisória. Não sei se você percebe mais a estrutura desse colégio, ela é um tanto quanto precária né? Precária no sentido de que as salas não têm uma laje, ou seja, quando chove faz muito barulho e tem só esse forro de PVC, as paredes não tem isolamento acústico, a distância entre os corredores é mínima, de modo que um professor está falando em uma sala e o outro escuta. É uma escolinha que ela atenderia, de repente, um contingente muito pequeno de alunos entendeu? Reduzido de alunos por turma e, de repente, os anos iniciais entendeu? Educação infantil, porque para Ensino Médio você tem que ter biblioteca, laboratório de ciências né? Auditório. E nós não temos nada disso aqui nessa escola. Então tudo foi feito no improviso. E aí os alunos foram pegos de surpresa, no meio do ano eles terminaram o primeiro semestre lá no CEM 01, aí chegou a notícia para eles que

alunos dessa região iam ser deslocados para cá. Aí houve um remanejamento à revelia deles, não houve oportunidade de continuar estudando lá e aí os alunos vieram para cá. Os que vieram odiaram, porque o CEM lá tinha uma estrutura até razoável né? Bem melhor do que aqui, então a galerinha que veio não gostou muito. E aí foi feito aquela inauguração né? Com a presença do Governador Secretário de Educação, tava todo mundo aí, aquela coisa. Fazer a propaganda do governo e tudo mais e os professores também, boa parte veio para cá também à revelia. Como é que foi o esquema? Os professores mais antigos fariam opção por permanecer lá ou vir para cá e os mais novos, que foi o meu caso, viriam para cá. Pra mim foi uma mão na roda porque que eu moro no Gama, então acabou ficando melhor, achei bacana. Mas o contexto de criação da escola foi esse, entendeu? Foi para atender a necessidade dessa comunidade que vem crescendo.

R: Você conhece um pouco da história e do Riacho Fundo 2?

Edmilson: Olha, eu moro no DF desde que eu nasci. Apesar de ser morador do Gama a gente sempre tá se deslocando pelas satélites e, por exemplo, eu tinha muitos compromissos em Taguatinga e eu pegava esse ônibus que passava aqui na pista e é engraçado que ao longo dos anos eu me recordo, em 1990 eu fazia karatê lá no SESC de Taguatinga, eu tinha 10 anos, eu pegava o ônibus, era uma época tranquila em que as crianças andavam de ônibus, não tinha problema, engraçado isso. Aos 10 anos de idade saía de casa 7 horas da manhã, ia pra Taguatinga. Você conhece Taguatinga? Na Comercial Norte, ali no Sesc, eu fazia o treino de caratê lá, aí eu passava por aqui, pela frente e tinha um punhado de casinhas próximos daquelas árvores daquela área ali onde tem uma reserva ambiental, bem no miolinho.

R: Ali antes de chegar no Recanto?

Edmilson: Isso, eu esqueci o nome, mas quando você olha pra trás você vai ver umas árvores que parecem uns pinheiros bem grandes. Então tinha um punhadinho de casas centralizadas, bem ali, o que aconteceu? A partir dali as casas foram aumentando e o Riacho Fundo foi esticando, esticando, esticando. Num primeiro momento foi um processo desordenado de ocupação, sem autorização do Governo, era como se fosse uma invasão mesmo, aí o loteamento foi crescendo, crescendo. A época o Governador era o Joaquim Roriz e ele tinha aquela política de distribuição de lote e tudo mais e aí, o Riacho foi surgindo nesse contexto, sem organização nenhuma, não tinha pavimentação. Eu lembro que passava de ônibus na frente e aí às vezes passava um carro ou uma carroça bem aqui no meio, aí subia aquela nuvem de poeira, sabe? E as casinhas sumiam no meio da poeira. Esse processo, ele foi paulatino, esse loteamento aqui demorou uns 20 anos mais ou menos até que a região

administrativa foi de fato instituída, aí se criou o Riacho Fundo 2, é tanto que os moradores aqui não têm as escrituras dos terrenos, dos lotes. Essas casas aqui não são escrituradas, tem autorização do Governo para manter sem documentação entendeu? Porque ainda está em processo de regularização, mas já existe a cidade, existe de fato. Nos últimos anos melhorou na pavimentação, entendeu?

R: Você tem algum dado como número total de estudantes, professores e etc?

Edmilson: Sim, nós temos dois componentes curriculares, só que tem por exemplo, alguns outros componentes que são os projetos diversificados, que nós chamamos de P.D, então por turno nós temos mais ou menos 14, 15 professores. Essa escola funciona nos três turnos, total de alunos devemos estar entre 1300 e 1400 alunos que são atendidos nessa escola.

R: E nos três turnos existe alguma divisão por série?

Edmilson: Essa escola hoje atende fundamentalmente Ensino Médio então, por exemplo, no turno matutino a gente tem 6 turmas de primeiro ano, 5 de segundo 4 de terceiro. É o mesmo contingente pela tarde, aliás, a tarde nós temos uma turma a menos de terceiro ano e a noite nós temos Ensino Médio regular e o EJA (Educação de Jovens e Adultos) aqueles alunos que estão fora de fluxo.

R: E a questão do orçamento da escola? PDAF, envio de recursos....

Edmilson: Essa aí é a parte difícil, por exemplo, a gente passa o ano inteiro sem nem 1 real de verba do Governo, agora em setembro, praticamente fim de agosto chegou a verba, algo em torno de 56000 reais dos quais 90% já estava tudo comprometido. Como a escola vem se sustentando? A gente parte do princípio da confiança, né? Faz contato com as papelarias, com os comerciantes locais, entendeu? E compra na base da caderneta, do fiado. Quando chegar verba, se chegar, negocia, a gente faz o acerto. E é assim que tem sido, com muita dificuldade. A gente tem uma cantina ali, por exemplo, tem muita coisa, muitos insumos ali como tempero, óleo, sal, essas coisas que não são enviados pela Secretaria, que a gente tem que tirar do bolso, do contrário não tem lanche para os meninos. A gente pensa em tirar todo dia, 5, 10 reais do bolso. Pode parecer pouco, mais imagina isso aí durante o ano, né? Pra comprar o tempero, sal, óleo que falta. Entendeu? Pra escola funcionar, você imagina, a gente precisa rodar prova, de máquina copiadora, de papel, toner, Master. A gente tem algumas impressoras a laser que são equipamentos caros, quando quebra a gente tem que chamar o técnico, que ninguém trabalha de graça. Então a gente vai se virando aqui no peito e na raça. Para o Governo realmente, educação está em segundo plano, nunca esteve em primeiro. Nos Governos anteriores esteve melhor, com todas as dificuldades, agora nesse em específico eu

tenho presenciando algo inédito. Eu tô com 9 anos de Secretaria de educação e nunca passei por tanta dificuldade como a gente tá passando agora.

R: E como funcionaria? Porque assim, em uma das reuniões eles discutiram um pouco alguns problemas, a cobertura de quadra, falaram um pouco da questão da biblioteca e auditório. O meu receio foi justamente o que você tá colocando agora da estrutura da escola, porque como você vai construir um auditório com a estrutura de uma escola muito reduzida assim, né? Que não é própria para isso, teria que ter um outro estabelecimento? Essa discussão já foi feita?

Edmilson: Olha só como é que funciona: Você não pode fazer nenhuma mudança a nível estrutural na escola sem passar por todo um processo burocrático. Ainda que eu tenha verba, que eu tenha um recurso, eu não posso chegar no dia e dizer que vou fazer a construção de um auditório ali, entendeu? Não posso fazer isso, tem um trâmite a ser cumprido. A primeira coisa é que essa escola não tem espaço físico suficiente para isso. Ainda que tivesse seria necessário passar por esse processo e, mesmo que tivéssemos recurso e pudéssemos passar por esse processo a gente ia depender da verba para fazer a cobertura da quadra. Você imagina, a gente ia gastar entre 300 e 500 mil reais, entendeu? Aí como é que os alunos praticam educação física em Brasília, uma região seca, umidade em torno de 10%? Em determinados períodos do ano o sol escaldante, não tem a menor condição. Por exemplo, consta no regimento de ensino do DF sala de apoio, biblioteca, laboratório de informática e tudo mais. Em vários momentos nós até criamos, pegamos espaços de alguma sala de aula e utilizamos como sala de leitura (biblioteca), sala de informática. O que acontece? Em determinado momento, uma ordem de cima diz que a gente deve transformar aquele espaço em sala de aula para receber o contingente de alunos que estão chegando, ou seja, em vez de se pensar construir uma nova escola, você aproveita espaço que já existe. Vamos injetar o máximo de alunos que conseguirem aí, a política no final das contas é essa.

R: A Secretaria de Educação já ventilou essa possibilidade da construção de um outro estabelecimento? Já existe a promessa de um outro estabelecimento ou a reconstrução desse?

Edmilson: Sim, existe uma promessa aí para se construir uma outra escola de Ensino Médio, já a alguns anos, mas nada saiu do papel. A gente depende também de vontade política e de gestão, né? Fica à mercê disso.

R: Porque é uma situação que eu encontrei diferente das outras escolas, quando você tem algum grupo, por exemplo, grêmio, professores pautando algumas reformas estruturais, você tem um espaço, uma estrutura física que permite tipo de reformas, de novos espaços físicos,

assim...e agora estou entendendo que era um espaço provisório. De cara você percebe que é muito complicado ampliar.

Edmilson: É muito precário. Isso aí na verdade foi um instrumento que se criou em Governos anteriores: Há tem uma região ali que está precisando de uma escola urgente, então a gente foge à regra, não vamos fazer uma escola com a qualidade normal, nós fazemos uma escolinha mais ou menos. Só que aí a exceção virou a regra. De muitos anos pra cá só se tem construído escolas nesse modelo, nesse modelo precário. Se você passar por algumas regiões aí do DF....

R: O 310 de Santa Maria é bem parecido

Edmilson: As escolas mais antigas não. Você tem escola com teatro, auditório.

R: É, o CG do Gama, CEM 02...

Edmilson: O CG do Gama tem um auditório...

R: Eu estudei lá

Edmilson: Pois é. Muito difícil, entendeu? Sim...

R: Bom, e como se dá essa discussão, por exemplo, em relação ao recurso, em relação ao PPP, conselho escolar. Ele funciona? Os estudantes participam?

Edmilson: Tudo isso é pautado no Regimento. Quando o ano se inicia, antes do início das atividades, a gente tem aquilo que a gente chama de semana pedagógica. Na semana pedagógica professores se reúnem e aí nós vamos traçar as diretrizes para o ano, ou seja, quais são as diretrizes administrativas e pedagógicas, como a escola funciona com esse Norte, quais objetivos nós pretendemos alcançar lá na frente. Nesse momento a comunidade é convocada, ela é convidada, na verdade, a comparecer para participar da elaboração do PPP porque o processo de ensino é esse processo dialético e a participação do corpo docente, do discente e dos pais também de estarem envolvidos no processo. Então, a ciência de todo mundo acerca de como funciona nossas diretrizes é muito importante, mas o que se percebe é que geralmente não tem muito a participação da comunidade, acaba que os professores, eles decidem sozinhos ali quais serão as diretrizes. Mas o convite, ele é feito, a partir daí nós instituímos o conselho escolar, entendeu? Conselho fiscal e tudo mais. Tudo dentro dos prazos estabelecidos de acordo com o Regimento. Então existem vários momentos em que essas instâncias são organizadas, então tem que ter um trâmite. Tem que fazer uma convocação de 30, de 15 dias né? Isso tem que ser divulgado em canal específico, entendeu? Na verdade, a escola abre espaço para receber os pais a comunidade, os alunos para que a gente possa instituir esses conselhos e a partir daí a escola começa.

R: Tem alguma periodicidade de reuniões do conselho?

Edmilson: Tem. O conselho tem que se reunir obrigatoriamente semestralmente ou bimestralmente, entendeu? E além dessas reuniões obrigatórias pode-se colocar algumas reuniões extraordinárias de acordo com a necessidade. Imagina que surja uma situação mais emergencial que dependa da deliberação do conselho, então a gente faz a convocação dos membros do conselho. Quem compõe o conselho? Equipe gestora, um número x de professores, um número x de pais, um número x de alunos, servidores. Na verdade, é um espaço plural com a participação de vários segmentos.

R: O Grêmio participa do conselho? Tem participado?

Edmilson: O grêmio é instituído em um momento posterior, em que os indivíduos da escola estão mais familiarizados.

R: Caso eles queiram participar, além de ir participar do processo eleitoral do Grêmio, eles precisam participar da eleição do conselho né?

Edmilson: O conselho já estabelece um contingente x de alunos, entendeu? Então aqueles alunos que não necessariamente são do grêmio, fazem parte do conselho. Claro, o grêmio, pelo menos entendo dessa forma, o exercício da cidadania começa na própria escola. Que nem eu falei, essa relação é dialética e o aluno tem que se perceber inserido nesse contexto. Ele tem que ter noção da importância da responsabilidade que ele tem, das mudanças que eles podem promover, das discussões que eles podem iniciar. Então o exercício da cidadania começa já nesse momento, entendeu? Então o grêmio tem o trânsito livre pra propor pautas, pra discutir diversos assuntos com a direção, conversa com os estudantes.

R: Como eles conseguiriam se inserir nessas atividades, por exemplo, semanas pedagógicas e tal...

Edmilson: O que acontece é que assim...a escola ela não pode deliberar sobre as atividades que serão deliberadas pelo grêmio. Nós temos que oportunizar, incentivar, mas entenda que um dos pontos mais importantes sobre o grêmio é a própria natureza do grêmio. O que é o grêmio na verdade, né? É um grupo de alunos que tem autonomia pra deliberar de assuntos de seu interesse. Então não compete a escola na verdade deliberar sobre esses assuntos e em que momentos o grêmio vai poder atuar. O grêmio é criado, a partir daí ele ganha vida própria adquirindo sua organicidade e vai embora. Agora se o grêmio quiser participar de todas as atividades que estão pré-estabelecidas no calendário.... a escola tem que recebê-los tranquilamente. Uma coisa, por exemplo, só pra te ilustrar, são os conselhos de classe que são realizados semestralmente, né? O conselho tem a previsão da participação dos alunos né? A

gente abre espaço para a participação dos alunos, inclusive os alunos do grêmio, entendeu? Existem pré-conselhos que são realizados na sala, então os alunos se manifestam. O próprio grêmio pode se manifestar, entendeu? As demandas são discutidas nesses pré-conselhos, são trazidas a direção, então assim, eles tem muito mais autonomia do que eles imaginam ter na verdade. Só que na verdade eles não exercem isso aí nessa plenitude. Acho que falta na verdade a consciência da autonomia que eles têm e da importância que eles têm. Mas isso aí é um processo que é um pouquinho demorado, paulatinamente eles vão adquirindo essa consciência.

R: Essa pergunta que eu te fiz, tem a ver com uma preocupação, um receio que eles mesmos tem em relação às aulas. Então é um problema que eles encontram de como relacionar as atividades das aulas com as atividades do grêmio.

Edmilson: Porque assim, a nossa preocupação enquanto escola é que ela tem que funcionar de maneira organizada né? Tem que funcionar e, as atividades do grêmio elas devem acontecer de modo a não chocar com as atividades corriqueiras e tudo mais, de avaliação, por exemplo, não é interessante que os alunos do grêmio se reúnam todo dia, toda hora. Até pra não ter prejuízo pedagógico, entendeu? Sabe, que fiquem transitando aí pelos corredores, então a gente vai dando essa liberdade pra eles se organizarem na medida que isso não atrapalhe o andamento das atividades. Porque um interesse não pode ser maior do que o outro, né? Ambos tem que convergir. Tem que ter uma convergência, por exemplo, nada impede que os alunos se reúnam nos intervalos ou em momento em que, por exemplo, no contra turno. O acesso aqui a escola é liberado pros alunos. O aluno aqui do matutino, se ele quiser voltar no outro turno pra se reunir pra usar os espaços aqui do colégio, a gente libera. Nos autorizamos sem nenhum problema, entendeu?

R: Se eles quiserem fazer, por exemplo, um tipo de debate, como conseguiria encaixar isso de uma forma que não atrapalhasse?

Edmilson Perfeito. É só comunicar...é só comunicar a equipe gestora: A gente precisa usar a escola. Aliás, a gente precisa de um espaço para realizar tal e tal atividade...

R: Aí articularia com alguns professores que liberariam...

Edmilson Ok. A gente pode fazer isso num momento x, num espaço tal, que tenha disponibilidade. E aí tranquilo, não tem maiores burocracias em relação a isso, sabe?

R: E como se dá essa história do grêmio estudantil aqui na escola? Porque eu conheci o Luís, né? Que parece que fez parte de uma gestão anterior...

Edmilson O Luís foi meu aluno aqui. Ele foi nosso aluno né? Ele estudou aqui, inclusive fui professor dele. É...na verdade, isso nunca partiu dos alunos né? Essa organização. Em algum momento os professores e a direção divulga a importância da criação de um grêmio, né? A gente tenta conversar com os alunos sobre a finalidade, sobre a natureza de um grêmio estudantil. E lá pelas tantas eles se organizam, mas nunca de início assim, sabe? Há, prontamente os alunos que chegaram e...não. Geralmente é necessário a gente passar nas salas informando: olha...vocês têm que se organizar, os alunos têm que ter essa voz ativa. Ai eles se organizam, entendeu? Mas é que nem eu to falando, a criação do grêmio ela é prevista pelo regimento. Então isso ai na verdade, há uma previsão normativa pra que isso aconteça de fato, entendeu?

R: É e em relação a atividades extraclases? Enfim, passeios, relação com a comunidade, tem alguma coisa nesse sentido de projeto na escola? Esse intercâmbio, por exemplo, com Universidade, alguma ida a semana universitária

Edmilson: Na medida do possível a escola tenta oportunizar isso pros alunos, até pra inseri-los nesse contexto, né? Então, por exemplo, já é uma prática do colégio a gente organizar visitas por aí as Universidade pra que o aluno tenha contato entendeu? É, eventos de cunho mais cultural né? Visita ao teatro, ao cinema, a uma exposição. Por exemplo, agora está acontecendo o terceiro festival cultural. Aqui no Bandeirante, né? Os alunos estão se deslocando pra lá, pra apresentação de canto, dança. Então, independentemente da criação do grêmio isso é uma prática comum em todas as escolas, entendeu?

R: Ahan.E em relação a recurso audiovisual, microfone, computadores, internet, como vocês estão ai na escola? (Risos)

Edmilson: Aí a gente vai se virando com o que tem né? Esses computadores que a gente tem aqui já são defasados né? Não funciona bem. A nossa internet é de péssima qualidade. Ao longo do tempo nós adquirimos alguns materiais: caixa de som, microfone e tudo mais...

Entrevista 2

(18/09/2017 - duração: 36min e 96 segundos)

R: Como começou essa tua relação com Grêmio? A tua história no movimento estudantil...A partir de que momento, foi em 2011?

Leandro: Chegou tudo de uma vez conselho, representação, grêmio estudantil

R: Mas aí, se tu puder contar um pouco como é que foi então sua experiência pessoal mesmo...

Leandro: Minha experiência com o grêmio estudantil começou em 2011, eu era representante de sala. E aí começou um movimento dentro da escola de articulação de liderança estudantil, para se posicionar frente à direção da escola, sobre a melhoria das coisas. E aí nós resolvemos procurar alguma entidade estudantil que nos ajudasse. A partir disso nós fizemos toda a estruturação do grêmio estudantil, ou seja, pela articulação dos conselhos de representantes de sala, começamos a levar o debate para dentro da sala de aula. E os meninos naquela época gostaram bastante, tiveram uma atividade bem proativa em relação ao grêmio estudantil, começaram a se articular.

R: Isso em 2011?

Leandro: Isso em 2011. E a partir disso nós começamos a organizar a escola.

R: E como é que foi que surgiu essa iniciativa de liderança estudantil dentro da escola?

Leandro: Dos alunos, mesmo. Viu-se a necessidade de questionar alguns pontos, algumas atividades na escola que a direção estava impondo. E aí nós começamos a pesquisar sobre movimento estudantil e tudo mais, isso fomentou dentro da escola de uma maneira muito grande.

R: Surgiu por parte dos representantes?

Leandro: Sim, dos representantes de sala.

R: E quais eram os problemas que motivaram vocês assim...a começar a pesquisar e tal...começar a se movimentar...

Leandro: Principalmente com a infraestrutura. Era sobre a liberação do PDAF, só que esse PDAF nunca chegava dentro da sala de aula, nunca chegava na escola. E os meninos começaram a questionar: Se o governo manda dinheiro, porque isso não estava sendo implementado dentro da escola? E aí gerou um problema, porque fomos descobrir que o governo não estava repassando o valor integral do PDAF. Aí nós começamos a articular,

levamos os estudantes na Regional de Ensino, começamos a fazer reunião. Os representantes de turma mais engajados começaram a levar uma série de questionamentos a direção da Regional de ensino e aí disso tudo começou a se formalizar o grêmio estudantil, para não ter problema com a Regional de Ensino, nós resolvemos fazer algo legal para que ninguém impedisse a gente de trabalhar na escola. E aí formou-se o grêmio estudantil naquela época.

R: Ele foi fundado em 2011?

Leandro: Em 2011 foi o primeiro grêmio estudantil do CED 01, que foi com a minha gestão, eu estava como diretor de política estudantil.

R: E como foi o movimento para a fundação do grêmio?

Leandro: Nós fizemos isso dentro da escola, formamos todo Estatuto bonitinho através de Assembleia e tudo. E aí nós levamos isso para promotoria da Infância e da Juventude Eles fizeram a homologação do nosso estatuto e nós fomos fundados, fizemos o registro no Conselho Escolar, no Conselho de representantes de turma, mandamos para a Regional de Ensino também. Tudo foi homologado e nós passamos a ser grêmio estudantil. Não houve a presença de nenhum tipo de entidade estudantil, nada que oficializasse o Grêmio através de uma entidade, isso foi diretamente por meio do Ministério Público que garantiu que o Grêmio fosse fundado e firmado dentro instituição de ensino. Em 2012 desfez o grêmio estudantil porque a maioria do pessoal que estava em 2011 se formou.

R: Você, inclusive?

Leandro: Eu, inclusive. E aí a direção da escola viu a necessidade de ter um grêmio estudantil. E aí desde 2012 até hoje, 2017 venho contribuindo com a escola na formulação de grêmios estudantis. Seja em palestra para iniciativas de liderança, seja para levar em fóruns de debates, enfim, e aí venho ajudando a escola nesse sentido. Propondo parceria para melhorar a escola e através disso as gestões da direção da escola por meio do Ministério Público começou a abrir as portas para que eu tivesse livre acesso para articulação estudantil de grêmios estudantis dentro do CED 01.

R: O pessoal do Ministério Público chegou a vir aqui? Chegou a contatar a direção?

Leandro: Não, nós fizemos tudo isso através de ouvidoria. É aberto ouvidoria através da proposta de elaboração do grêmio estudantil dentro da escola e ouvidoria dá parecer favorável. Através desse parecer favorável nós entregamos isso a direção da escola ou a Administração Regional e começamos a implementação. Qualquer tipo de embate que a gente tem com a direção da escola, nós acionamos o Ministério Público e ele sempre se pronuncia através de nota e recomendação. E aí depois que a Regional de ensino ficou mais afetiva, ela

nunca impediu e nunca deliberou nada em desfavor do movimento estudantil, inclusive hoje a coordenadora pedagógica que é a Kely, do SOE entrou em contato comigo dizendo que saiu uma decisão da Regional de ensino aonde todas as escolas devem ter um grêmio estudantil. O que não é nada que eles decidam, isso é garantido em lei, mas que por um bom senso lá do conselho da Regional acabaram decidindo que todas as escolas devem ter um grêmio estudantil, vinculadas ao Núcleo Bandeirante.

R: Você acha que isso tem relação com o movimento que partiu daqui?

Leandro: Acredito que sim, porque nós tivemos vários embates com a regional de ensino. A direção da escola vê a importância de um grêmio estudantil. Não só direção da escola, mas acho que alguns professores, alguns educadores, acreditam que a articulação estudantil deve propor melhorias para as instituições de ensino. Então acho que isso foi levado para dentro da Regional e esse aconselhamento acabou sendo necessário, até mesmo para que os alunos que queiram montar o grêmio estudantil toda vez não tenham que levantar a lei que garante a fomentação e tudo mais, isso a partir da iniciativa das escolas e dos alunos principalmente.

R: E nesse processo, principalmente, desde que você era da gestão até hoje, o que você pode citar de fatores positivos? Além desse que você falou que de certa forma isso influenciou uma postura da Regional em defender essa garantia do Grêmio.... Além disso, para dentro da escola ou para fora da escola, no que diz respeito a contribuição, de conscientização e tal...quais foram os fatores?

Leandro: Crescimento dos alunos, principalmente os meninos. Não só dentro da escola, fora da escola os meninos têm contribuído para uma sociedade melhor. Acredito que não são melhoria da educação de infraestrutura, mas também pela garantia dos direitos dele lá fora, fora do ambiente escolar. Lutar pelo que eles acreditam e tudo mais. Eu acho que o perfil de fomentar e criação de lideranças estudantis que se parte dentro do movimento estudantil dentro das escolas. Se você ver a quantidade de pessoas que estão hoje nas universidades já estão fomentadas também na liderança estudantil. Então acho que os perfis deles mudaram completamente.

R: E tu acha que o que rolou de conquista mais material, assim...? No que diz respeito à estrutura, vocês conseguiram avançar em quais aspectos?

Leandro: Dentro da nossa escola completamente nada, apesar dos meninos ainda estarem engajados. E acredito que desde 2011 até hoje o movimento diminuiu bastante, então a presença de alguém dentro da escola, seja de entidade estudantil, alguém que faça o aconselhamento e liderança desses meninos é totalmente essencial, porque no início durante o

processo eleitoral eles são animados, depois se não houver um aconselhamento eles desanimam e não sabem pra onde seguir. A direção, quando não tem esse acompanhamento, começa a restringir o acesso deles a algumas informações e isso é totalmente prejudicial. Então para nossa escola, hoje, não houve nenhum tipo de mudança significativa em termos de infraestrutura. É complicado e é bastante dolorido ver isso porque você não tem como ajudar a fomentar isso de certa maneira, seja pela participação de diversos órgãos, seja governo, seja direção, seja entidade, secretaria governo, participação Legislativa. Sei lá, algo que nos ajude, que traga contribuição, isso é a falta que nós temos hoje no movimento estudantil. O movimento estudantil hoje sente falta de alguém que apoie realmente, lute pela causa, pelo ensino público.

R: Deixa eu te fazer uma pergunta que vai no sentido do que você acabou de colocar. Uma das coisas que eu percebi a partir dos encontros que nós tivemos para discutir coletivamente, é essa falta de autonomia deles. É algo muito prejudicial e é natural que aconteça, porque desde o ensino infantil a gente não trabalha nessa questão da autonomia né? Do auto - governar se. Dentro da família, seja na igreja, seja na escola, você tem alguém que lhe dê ordens. Se isso fosse trabalhado desde o ensino infantil a relação seria completamente diferente, então quando a galera chega no ensino médio e começa a ter esse tipo de iniciativa, você tem um grande desperdício de tempo deles tentando desfazer esses nós internos. O que impedem eles de andar a diante, então resolver problema de horário, quem vai coordenar, o fulano que vai ficar, fulano que vai sair. Então se despende muita energia nisso e o Grêmio no diálogo pra fora, esse envolvimento com os estudantes, essa movimentação autônoma mesmo ela é muito muito ruim, não consegue desenvolver. Então foi isso que eu percebi, eles têm você como referência e aí na hora do vamos ver eles ficam assim... então quando cheguei aqui a Rafaela principalmente perguntou se eu não iria animar o pessoal e eu respondi que não, que eles que deveriam animar. Eu acho que é o mesmo diálogo que você faz, mas é um terreno muito complicado. Uma das questões que eu estava refletindo é como tentar impulsionar essa autonomia deles, esse movimento deles.... Não sei....

Leandro: Acho que isso é com o tempo, porque é bem difícil. Claro que você tem algumas lideranças de natureza, algumas pessoas que vão estar ali querendo impulsionar. Mas isso vem com tempo de dedicação, se você ficar 24 horas dentro da escola com eles mostrando que é assim, que é dessa maneira, talvez se crie uma iniciativa própria deles. Não sei, mas é bastante complicado, acho que o medo também que eles têm da direção ou de alguém fazer

alguma coisa contrária à decisão deles também acaba que acarreta...acho que esse embate que eles podem vir a ter com a direção da escola acaba resguardando de certa maneira.

R: Aí entra em outra questão, né? Vários deles apontaram que uma parte do grupo e até eles mesmos acabaram desanimando um pouco, como eles colocaram: tudo que a gente tenta fazer a direção coloca dificuldade. O que você tem a dizer sobre isso? Ai assim... um da experiência com a antiga gestão da direção tal... como é que foi essa relação? O que um deles relatou também é que no processo eleitoral, as meninas da comissão eleitoral, tiveram que cortar cédula aqui do lado de fora e tal. Como foi essa relação na sua visão?

Leandro: É um problema porque quando você está perto da direção, quando você fomentador desse movimento está perto da direção e você conhece mais do movimento das leis que garante a proteção a direção age de uma forma, quando você sai da escola e deixa eles trabalharem sozinhos a direção age de outra forma. Isso sempre vai existir, querendo ou não. Sendo o movimento estudantil importante para o desenvolvimento estrutural ou organizacional dentro da escola você sempre vai ter problema com a direção da escola, com professores que não querem aquele tipo de movimento dentro. Por mais que nós tenhamos muito hoje professores parceiros, sempre vai ter aquele que vai atrapalhar, que não vai querer garantir a voz do aluno dentro da escola. Tá muito acostumado naquela história de que o professor manda e aluno obedece, isso já foi há muito tempo. Isso não existe mais. Hoje em dia o trabalho tem que ser um conjunto, você vê por exemplo, quando o professor está em greve, quando o sindicato está em greve, ele convoca quem para ajudar na força? O movimento estudantil. Você não vê o movimento estudantil quando o professor está em greve não participando, não colaborando. Mas quando é o inverso não há essa reciprocidade, é impressionante. Isso me deixa pasmo! Então isso acaba complicando bastante atuação das meninas, mas quanto a esse embate isso sempre vai existir.

R: Acaba rolando uma sub opressão né? Tá todo mundo do lado dos explorados, os professores reivindicam seus próprios direitos, mas quando se trata dos estudantes....

Leandro: Exatamente. Então isso tem que mudar. Toda vez que você for montar um grêmio estudantil você ter que acionar o poder legislativo ou ministério público para poder garantir aquilo, você vai encher a caixa de ouvidoria do Ministério aos montes. Se fossemos pegar a porcentagem de grêmios estudantis que tem por escola, não é um terço das escolas públicas do Distrito Federal, o que é garantido por lei, imagine se não fosse. Então infelizmente se não tiver uma atuação, alguém que esteja presente nas escolas, em todas as escolas, participando e ouvindo os meninos, tentando implementar o movimento estudantil, não vai para frente. E

fiscalizando a atuação da direção, e isso entra em questão muito o poder do Conselho Distrital de Educação, o Conselho tem como obrigação fazer a fiscalização garantir o grêmio estudantil dentro da escola. Por que que não faz? Você tem que está acionando o ministério público para isso, você tem que brigar com a direção para a criação de um grêmio estudantil dentro da escola. Isso é complicado, são pautas que colocamos dentro da Conferência Nacional da Juventude aonde nós colocamos que o grêmio estudantil tem que ser ouvido dentro das escolas públicas, seja no distrito federal, seja no âmbito Federal. Ele tem que ter maior voz, maior empoderamento dentro das escolas. Isso complica a situação de todo mundo, seja para o desenvolvimento do estudante, seja na luta pelos direitos deles.

R: E em relação aos mecanismos de diálogo e de pressão para que os problemas fossem resolvidos e as demandas fossem atendidas. O que rolou e o que tem rolado? No que diz respeito a várias pautas, infraestrutura mesmo.... Quais foram os movimentos até agora?

Leandro: Não, isso é feito através de conversas e documentos e tudo dialogado, registrado em documentos entregue a direção da escola serem trabalhados com prazo. A escola tem 10 dias para resolver o problema de ventilador, os para falar em relação aos estudantes e dias para falar em relação ao estudante sem uniforme. Mas isso infelizmente é uma coisa que não vai para frente, a maioria das vezes a gente tem que acionar o Ministério Público. Se você tiver como base ex-diretora da escola saiu por conta de pressão através de ouvidoria por meio do Ministério Público, eu tinha cerca de 30 alunos fazendo ouvidoria todo santo dia em desfavor da postura da vice-diretora de querer impor rigidez na escola em cima dos alunos, de ir contra o próprio Regimento Interno das escolas do Distrito Federal atribuído pela própria Secretaria da Educação. Então tudo isso vai mais por pressão do Ministério Público, movimento dentro da escola, manifestação, isso nunca foi organizado. Até porque não tinha ninguém que organizasse eu não tenho como ficar na escola o tempo todo pra tá fomentando esse tipo de atuação. Então eles sentem muito a necessidade de ter alguém para ajudar eles, e é o que eles me questionam e o que os alunos questionam eles: por que eles não estão fazendo nada em prol da escola? O mandato deles acaba ano que vem e eles estão aí tentando ter alguém que impulse e que ajude eles a fazer. E eles querem, porque eles foram a chapa mais odiada durante o processo eleitoral. Foi a chapa aonde o pessoal chamou eles de bandidos, de maconheiro ajudar e eles querem mostrar que é diferente pra esse pessoal. Só que não tem estrutura, um mecanismo.

R: Apesar de toda essa estrutura contrária por parte da Instituição eles resistem, continuam

Leandro: Exatamente

R: E em relação à cobertura de quadra... acho que foram duas discussões que eles apontaram que estava em discussão ultimamente, a questão da cobertura de quadra e a questão do material para os jogos.

Leandro: Essa história da quadra não vem de hoje, desde que estudo aqui os meninos sofrem com repasse de PDAF. Ele é muito amarrado, não é tudo que se pode comprar com o PDAF. E os meninos não podem vender nada dentro da escola, porque tem uma circular da Secretaria da Educação que proíbe isso, inclusive esse é um ponto que precisa ser analisado porque em outras escolas da mesma regional de ensino estão vendendo lanche dentro da escola, e por que aqui é proibido? Que seria a maneira mais prática deles arranjar dinheiro para ajudarem em material. A quadra, tem uma luta que já vem se arrastando há bastante tempo, eles querem cobrir essa quadra, vem parlamentares olhar, falam que vão liberar verba, mas até hoje nunca teve um projeto básico pra se fazer essa estrutura. A escola sofre com falta de papel e caneta, de tinta de pincel para professores, material de esporte para os jogos escolares, professores as vezes tiram do bolso para comprar. Os meninos estão jogando com bola rasgada porque a bola nova tem que ficar guardada até o período dos jogos Interclasse para ter bola. Então são coisas que eles tentam correr atrás, mas...

R: E em relação a discussão da emenda relacionada a cobertura de quadra? Conseguiu avançar? Como que tá?

Leandro: Parece que houve a presença de um deputado na Instituição, mas até hoje não vi nenhum avanço. Tem que sentar com a direção pra gente ver o que foi decidido. Tá chegando a próxima eleição né? Próximo a eleição eles começam a querer ajudar todo mundo.

R: Você sabe quais são os deputados?

Leandro: Não, não sei.

R: você sabe quais deputados são mais ligados à região do Riacho Fundo 2? No que respeito às iniciativas...

Leandro: Às vezes vem deputado ligado ao administrador da cidade, mas eu não faço ideia de quem são esses deputados.

R: Ele é de qual Partido, o Administrador?

Leandro: Acho que ele é do 'PDT se não me engano, tem que ser verificado, ou do próprio Partido do Governador, o PSB. Não sei ao certo.

R: Você falou dessa dificuldade com a direção. E a história da gestão democrática aqui? Porque assim...teoricamente seria o espaço em que você poderia apontar essas contradições,

jogar na mesa. Como se dá a essa questão da gestão democrática aqui? Pra eleição, reunião de conselho...

Leandro: Não se dá. Até hoje os meninos não sabem nem quem são os representantes deles no conselho escolar. Não se dá, eu não tenho acesso a nenhuma uma ata de reunião do conselho escolar dessa escola, que é garantido. Você não vê fomentação. Você não vê um conselho de classe a ser formado por alunos, pais e comunidade como deve ser. Você não vê a participação do grêmio estudantil nesses conselhos, que deveria ser aplicado conforme a legislação impõe. Você não vê isso.

R: Então não rola conselho escolar aqui?

Leandro: Não vou dizer que não rola. Eu vou dizer que eu nunca vi.

R: Nem processo eleitoral?

Leandro: Nem processo eleitoral. Que eu meu recorde não houve, nunca teve.

R: E pra direção?

Leandro: Pra direção, sim. Pra direção sempre tem processo eleitoral, mas pro conselho só se foi algum período que eu não estava presente na escola, e foram poucos, os meninos também não falaram nada a respeito.

R: O que você acha que poderia ser feito para resolver essa questão do conselho?

Leandro: Você tem que sentar com a direção e impor que seja feita de maneira correta, ou seja pressão dos meninos, pressão da secretaria de educação, pressão do Conselho de Educação do DF. Isso precisa ser impulsionado de maneira clara e sucinta. Essa escola, ela é uma escola abandonada, correto é esse, de todos os olhares, seja político, seja educacional, seja da administração, enfim, ela é uma escola abandonada. Então a gestão que vem para cá, é pra trabalhar com que tem aqui, entendeu? Não é uma gestão que venha para correr atrás, para fomentar, melhorar a infraestrutura da escola. Elas esperam muito dos meninos e quando os meninos começam a se articular ela impõe, ela barra o trabalho deles. Essa é a verdade, então quem vem pra cá vem pra comodismo mesmo, comodismo total, então é basicamente isso.

R: Você conhece aí um pouco do histórico de fundação do Riacho Fundo, da fundação da escola? De como foi esse processo...

Leandro: O que eu sei que essa escola foi planejada para ser uma escola de ensino infantil, de ensino básico, por uma necessidade do Riacho Fundo não ter uma escola de Ensino Médio foi transformada pra escola de ensino médio para atender a necessidade da população área. É tanto que essa é a única escola de Ensino Médio que tem no Riacho Fundo 2, e aí você tá vendo que tá tendo uma expansão muito grande do Riacho e aí para onde vai esse pessoal? A

escola não tem estrutura e nem tem vagas suficiente para abarcar esse pessoal e aí é uma coisa que está sendo colocada bastante. Ela já veio com ensino fundamental ao longo dos anos, no meu último ano que foi em 2011 tava na sétima série, em 2012 foi o último ano da oitava série, em 2013 em diante que começou a ser só ensino médio. E aí esse pessoal de Ensino Fundamental foi redistribuído no Riacho Fundo 1, Riacho Fundo 2 e Bandeirante.

R: Eu li um trabalho de uma estudante de Ciências Sociais sobre as prefeituras comunitárias do Riacho Fundo 2.

Leandro: Não conheço, não conheço. Outra existe um decreto firmado plante Governador onde ele forma os conselhos da juventude, até hoje eu não sei quem é o conselheiro da Juventude do Riacho Fundo 2, e eles são nomeados por decreto. Fomos em conferências regionais, distrital, a nacional aonde fui eleito delegado junto com alguns meninos aqui da escola e nesses fóruns e não conheci ninguém pra você ter ideia. Conselho comunitário, Conselho de Segurança. O Conselho de Segurança fui conhecer esse ano aqui na escola, a gente que teve a reunião do conselho comunitário de segurança, quanto ao conselho comunitário do Riacho Fundo 2 não faço nem ideia, nem ouvi falar disso.

R: Quais foram as iniciativas que vocês conseguiram trabalhar em conjunto com os professores? Mesmo minimamente, ou nunca conseguiram?

Leandro: Só o material auto avaliativo ou projeto didático tais como festa junina, feira de cultura e só. É o que trabalha em conjunto com o professor. Ou pra levar pra passeio ou um projeto cultural fora da escola.

R: Uma dificuldade que a galera aponta, não que aponte, mas dá pra perceber, a preocupação, uma pressão entre as atividades do grêmio e as atividades escolares, como se tivesse um abismo entre as duas e não tivesse possibilidade de junção. Como fica isso, porque por exemplo, há sempre uma argumentação de que vocês vão perder aula. Quais os tipos de estratégia que vocês usavam pra poder garantir um debate, garantir uma palestra e contrariar a lógica desse discurso?

Leandro: Não é feito. O que falam os professores é que fica a critério de vocês, aí vocês vão perder matéria. Não há um bom senso.

R: Mesmo quando é debate com várias turmas?

Leandro: Nunca teve, ha não ser durante o processo eleitoral, mas para fazer debate, organizar um debate, palestrante dentro da escola que fugisse da semana de Educação, ou algum projeto de atividades vinculados ao calendário da escola nunca houve.

R: Você acha que teria possibilidade de acontecer se articular com os professores?

Leandro: Se articular com alguns professores e com os alunos sim, há bastante possibilidade. Conversando com a direção da escola, tentando organizar o calendário também a possibilidade sim. Isso é o que eles querem, o pessoal sempre vem me cobrando palestras de abuso sexual, palestra de assédio, essas coisas. Então eles sempre vêm me cobrando.

Mas é difícil, e o tempo também pra gente articular isso, não tenho como tá o tempo todo dentro da escola para ajudar nesse movimento. Por isso que até mesmo procurei ajuda de vocês, para sempre estarmos em contato e que vocês estejam ajudando eles de certa forma.

R: Então, pra finalizar assim contigo. Uma parada que eu acho que de certa forma poderia ajudá-los né? E você já tinha tirado essa conclusão é o envolvimento deles com as entidades estudantis, em qualquer âmbito. Eu fui no IF do Riacho, conversei com a uma professora e lá ela falou que tem um Grêmio e que esse Grêmio inclusive participou do movimento de ocupação. Eu não sei bem qual é o posicionamento político deles, mas me parece que com essa experiência eles são bem maduros politicamente. A gente tentar fazer com que essa galera dialogue pode ser muito positivo para essa troca de experiências.

Leandro: Esse era o objetivo desde o início. Nós éramos bastante presos a não fazer a filiação deles em entidades estudantis, queríamos que fosse estudantes autônomos, sem ideal. Aí houve a necessidade de fazer integração com os outros grêmios estudantis. Qual a melhor forma disso? Através de entidade estudantil. Conversei com eles, amadureci com eles, e aí tanto que hoje estamos com vocês, com a UESDF. Então que eles propõem direto é fazer visita com outros do Grêmios estudantis, para que possam trocar ideias e fomentar o trabalho deles dentro da escola e essa ideia que você trouxe é excelente. Ou trazer eles pra cá ou levar eles no IFB, a gente se articula, eles estão à disposição pra esse tipo de coisa. É isso.

R: Eu consegui o contato do presidente do Grêmio do IF e eles toparam também, acharam uma boa ideia. Ele disse que não estão conseguindo reunir com frequência, mas pode ser interessante por conta da proximidade geográfica. Acho massa ir n Gama, pra dar uma olhada na estrutura, aqui do lado, pode não parecer possível mas tem quadra, laboratórios, auditório, acho massa a galera fazer esse tour.

Entrevista 3

(10/11/2017 - duração: 41min e 19 segundos)

Maria Fernanda: Tem um milhão de coisas. A gente compete com as igrejas aqui na escola. O que é muito bizarro, porque as escolas não têm um grêmio, mas as escolas têm uma célula. Principalmente as escolas da quebrada. Elas não têm grêmio, mas elas têm uma célula. Células daquelas igrejas evangélicas e tal.

R: E tu acha que rola essa competição de espaço?

Maria Fernanda: E cara a gente também disputa com o crime né. Porque quando o jovem tá na célula ele já automaticamente...é muito difícil...eu no DF nunca encontrei com uma pessoa que participa de células dentro da escola, que compõe um grêmio e que acredite na luta, na importância do grêmio das escolas e também fora delas. E é muito difícil disputar com o crime né. Tipo, quando o movimento estudantil se propõe a ir pra periferia a gente também se propõe a debater não só as escolas, não só a educação, passa também pelo direito a cidade, pelo direito a cultura. Que todos os jovens tenham ou pelo menos deveriam a ter. E que a gente tem uma disputa muito ferrenha com o crime né. Porque o crime velho, ele não pergunta pra galera se hoje foi pra escola, ele não pergunta pra galera se ela tá indignada, ele não pergunta a posição política da galera, ele não pergunta...tipo, ele não fica meio que enchendo o saco, tá ligado? O crime, a galera simplesmente chega e ele abraça e diz vem cá. E aí a galera se sente o máximo, porque você tá ali no meio, você tá usando droga, ninguém tá te cobrando nada, você tá curtindo o rolê. E que num momento político como esse ainda mais nessa era pós-moderna, né? Que é um fechamento muito difícil também. Não pelo pós-modernismo em si, mas pela leitura que a galera tem dele, por não acreditar que os processos históricos que a gente passou...sejam...eles não acreditam que toda a nossa história influencia o que a gente é hoje. E como você chega pra galera véi, pra mandar essa idéia pra galera? A galera olha pra vc e diz, véi nada a ver. E aí é onde a gente se trava com a galera em tentar tocar isso, porque não sei se você sabe, mas é muito comum no DF né a perseguição política por parte dos professores e dos diretores das escolas. E assim, em 2016 eu construía um trabalho aqui no plano e era voltado pra construção no Plano e tal. E era uma coisa completamente diferente do que é construir na periferia cara. A gente fala de dois mundos que existem dentro do DF, e de dois mundos totalmente complexos porque a gente também disputa com os vestibulares, né? E é complexo disputar com vestibular numa cidade. Uma

coisa é você disputar com o vestibular aqui, entendeu? Outra coisa é você disputar com o vestibular lá na periferia. Porquê, quem é que faz o vestibular lá? Como é que você chega, dizendo pras pessoas: é o seguinte, a gente tem que fazer o vestibular, a gente tem que estudar, a gente tem que ler, a gente tem que disputar as universidades, a gente tem que tomar aquele espaço. Mas como que a galera acredita? Sendo que a galera nunca esteve aqui? Sendo que esse negócio de tour pela UNB é coisa do Plano. Coisa dessa galera daqui, entendeu? Coisa que a galera de lá nunca veio na UNB. E que daí é onde a gente se trava né? Porque apesar dos apesares a gente tem que fazer com que a galera não só entre sozinha, mas traga com ela todos os seus amigos, todo o seu bonde. E que pra além disso, não se esqueça de onde veio e de quem os carregou até aqui. Que foram os pais, os avós, que foi a família, o role de quebradinha, essas coisas entendeu.

E que também existe um debate, dentro do que a gente faz que é a questão das universidades, né? Porque quando a gente sai do movimento secundarista, a gente quando sai do ensino médio tende a ir para a universidade né. E que, cara, é absurdamente complexa essa questão. Pela questão da galera não ter vindo, não ter acesso, pela questão da galera achar que trabalhar é muito melhor do que estudar. E que não só muitos deles acham isso, mas muitos têm a necessidade de abandonar os estudos pra trabalhar, pra ajudar os pais, pra poder ter um tênis pra poder ir pro role, pra poder ter grana pra ir pro role, pra poder pagar uma passagem pra ir pro role. Que essas coisas a galera não conta, né? Mas se a gente olhar os índices, a evasão do DF, ela tem crescido e a evasão da juventude negra ela tem triplicado. Quando a gente olha pra isso, a gente vê que realmente o que a gente tá vivendo ,depois de 2016, né? É o golpe do golpe. Porque é um golpe propriamente dito na classe e que atinge diretamente a juventude.

R: Com mais força, né?

Maria Fernanda: Com total força cara.

R:É

Maria Fernanda: Mas vamos lá as perguntas que eu só to aqui falando e falando.

R: Não, tudo isso é importante pra gente colocar no trabalho. E tal. É...Teu nome, tua idade.

Maria Fernanda: É, ta gravando?

R: Tá gravando

Maria Fernanda: É, Maria Fernanda Ribera Barbosa, 17 anos.

R: Onde cê mora?

Maria Fernanda: Eu moro no Guará e no Val Paraíso, atualmente.

R: Tu estudas onde?

Maria Fernanda: É, eu estudo no CEAN, na Asa Norte.

R: E você participa há quanto tempo do movimento estudantil? De forma geral assim.

Maria Fernanda: É, o meu primeiro contato com o movimento estudantil foi no final do meu primeiro ano no congresso da UBES que aconteceu aqui em Brasília em 2015.

R: Foi o teu primeiro contato?

Maria Fernanda: Foi o meu primeiro contato e de 2015 pra cá a gente tá aí e que a diferença é que em 2015 sendo o meu primeiro, eu tive a oportunidade de conhecer a juventude que eu milito hoje. E que eu consegui entender o processo de organização, a importância da nossa organização e a importância da gente trabalhar com os estudantes.

R: É, e de quais entidades, movimentos você participa? Entidades, no caso, tudo que você participa.

Maria Fernanda: Então, eu construo o encontro de grêmios do DF, eu construo o JUNTOS, eu construo a UBES como oposição de esquerda, e eu construo o MES.

[Inaudível]

Maria Fernanda: O movimento da Esquerda Socialista. No PSOL.

R: Legal, é... e grêmio na escola? Participa?

Maria Fernanda: Não.

R: Tem grêmio na escola?

Maria Fernanda: É foi. Tá gravando?

R: Tá.

Maria Fernanda: É que eu ia contar uma história, mas é que foi uma situação muito bizarra. É, bem. Por que que eu não construo o grêmio da minha escola? O projeto de grêmio da minha escola que existe hoje. Ele foi construído desde as ocupações de 2016. Que era onde a gente tava tocando ativamente o processo dessa chapa que hoje é o grêmio, né. Só que o que aconteceu. Durante o processo de ocupação a diretora do colégio, disse que apoiava a chapa e que era justamente essa chapa que estava ocupando a escola. Que eles já tinham o projeto de se candidatar e fundar o grêmio em 2017. E essa galera acreditou nessa diretora. E o mais incrível é que essa diretora dizia que apoiava a ocupação e fez o favor de ligar pra polícia e acabar com a ocupação e quem continuou tocando esse processo da chapa foi a diretora. E quando virou 2017, eu estudava no Elefante Branco, em 2017 eu fui pro CEAN e cara... quando eu cheguei o nosso trabalho, o trabalho que a gente tinha tocado pelo encontro de grêmios... Ele tava, totalmente, totalmente distorcido. E tava na mão da diretora, a chapa

tava completamente na mão da diretora. E aí diante disso a gente viu...E a gente não era contra a diretora, mas contra o projeto que ela buscava construir no colégio. E nesse ano, no final de 2017 a gente consegue ver que foi um projeto fracassado, um projeto totalmente fracassado. Primeiro porque ela dialoga com uma das coisas que essa chapa se colocou contra. Que é a reforma do ensino médio e o CEAN aderiu a reforma do ensino médio. É e diante de diversas coisas, de diversos posicionamentos e de discussões feitas, a gente decidiu se retirar da chapa e fundar uma chapa nova. É mesmo eu sendo novata e tal, reconstruí o trabalho do zero e aí nas eleições. Cara foi muito bizarro, porque eu tava responsável, tava lançando a campanha, tava também fazendo a campanha virtual e a outro grêmio não estava se mobilizando quanto a isso e pelo fato do outro grêmio não estar se posicionando, eu não só fui proibida de publicar coisas no grupo sobre a chapa, como também fui expulsa do grupo da escola, li absurdos pelo messenger da diretora. Quando eu questionei o porquê da expulsão. É que de lá pra cá a gente só tem se deparado com perseguições, com perseguições que são cada vez mais frequentes. E quando as eleições vieram a nossa chapa foi acusada de crime ambiental por tá distribuindo panfleto, tipo assim coisas bizarras. E que nossos companheiros, no dia da eleição dois companheiros nossos foram ameaçados de que se entrasse na escola sairiam no camburão. No dia da eleição. E que quando a eleição saiu e a gente viu que tinha perdido por uma questão de 20 a trinta votos algo do tipo. Durante os debates a gente já vinha dando o recado que independente do resultado a chapa Carolina de Jesus tocaria os projetos que a gente se dispôs a construir e tocaríamos o programa dentro da escola com ou sem o grêmio. E depois que a gente perdeu por 20/30 votos a diretora começou a expulsar os alunos da chapa. Nós éramos de 10 a 15 numa chapa, não era uma chapa presidencialista. Era uma chapa de construção coletiva realmente, sem ter essas hierarquias e tal.

R: Ela começou a expulsar os estudantes da escola?

Maria Fernanda: Ela começou a expulsar os estudantes da escola, sendo que nos dias atuais existe apenas eu e mais um companheiro que compôs a chapa dentro da escola, que fez parte dessa chapa. Ou seja, a gente passou por um processo de extrema perseguição política onde a maioria dos nossos, a gente fez um levantamento, doze pessoas da nossa chapa expulsas da escola.

R: Quais são os motivos?

Maria Fernanda: Foram motivos diversos, algumas acusações sobre esses alunos, são acusações extremamente graves, como tráfico de drogas e crime organizado. Desde essas

acusações até expulsões por motivos, de estar fora da sala de aula, estar onde não deveria estar, esse é o motivo que colocaram. Desrespeitando espaços, bla, bla bla expulsão.

A gente tocou a agrofloresta, ela cortou as árvores pra que as câmeras pegassem o que a gente ficasse fazendo lá durante o intervalo, ou seja cortaram nossas árvores pra nos vigiar. Sendo que enquanto a gente tava lá. Eu mesma, por essa mesma diretora, já fui acusada de tráfico de drogas, crime organizado. Que segundo ela eu movimentava um ponto de tráfico da escola junto com os meus amigos formamos um crime organizado dentro da escola, camuflado de movimento estudantil e querendo tomar os espaços de poder como o grêmio, por exemplo. Inclusive esse foi o motivo também de expulsão dos alunos da chapa. (inaudível). Essa acusação veio depois de um bote que a gente levou na escola e que acharam tabaco e seda, não acharam maconha, não acharam droga nenhuma, droga ilícita nenhuma. E que quem tinha ali o tabaco era maior de 18 anos.

Então a gente dentro do CEAN a gente resolveu se abster no segundo semestre de 2017, depois de toda essa perseguição política a gente resolveu se abster do movimento social. Eu resolvi me abster do movimento social, do movimento estudantil dentro da escola por entender que aquilo dali não iria fortalecer em nada o movimento estudantil, não iria somar em nada no movimento estudantil porque eu acredito que uma chapa que concorda com tudo isso, vendo toda essa perseguição política que está acontecendo sobre seu concorrente que na verdade não é seu concorrente porque se eles estavam construindo o movimento estudantil a gente também tava então, a gente sempre se encontra nos atos de rua, a gente sempre constrói movimentos juntos e que depois dessa eleição a gente começou a ser enxergado como inimigo e que o próprio grêmio se absteve da defesa dos alunos. Coisa que fez com que se intensificasse o processo, sendo que o CEAN passa por um processo de higienização muito grande, de higienização no sentido estético, mas também no sentido moral. Do role deles lá, é. Moral pra eles né. E que cara, coisas bizarras vêm acontecendo e que a gente não ta conseguido explicar, sendo o ápice diante de tantas expulsões apesar da nossa luta contra e tudo mais. A gente ainda tentou tocar, a gente chegou a construir a greve geral de 24 de maio, mobilizando os alunos do CEAN. Enchendo um ônibus e levando pro ato né, conversando com a galera a galera pilhou. A gente encheu o ônibus, bora. Mas que o ápice pra que a gente desistisse de construir apesar da boa resposta dada a nossa chapa foi que no dia 23 de maio nós tivemos os nossos panfletos confiscados pela direção. Simplesmente chegaram e tomaram os nossos panfletos, aplicando o mais nítido sentido do escola sem partido. E que é uma coisa

que a gente se coloca totalmente contra. Inclusive o encontro de grêmios tá tocando dois processos que a gente pretende fortalecer ainda mais em 2018 que é o escola sem opressão.

R: Projeto de lei.

Maria Fernanda: Projeto de iniciativa popular não precisando ser apadrinhado por nenhum deputado. Tocado apenas pelo movimento social como um todo, que é um projeto que os próprios estudantes, a gente mesmo escreveu, a gente fez várias reuniões onde a gente pode escrever esse projeto. Que visa combater o machismo, o racismo e a lgbtfobia dentro das escolas e que também, junto a esse projeto de iniciativa popular, a gente lançou um outro projeto de iniciativa popular que foi um projeto é de aumento das verbas do PDAF gradualmente até chegarem a cem milhões pras escolas do DF.

R: Isso foi iniciativa do encontro de grêmios?

Maria Fernanda: Do encontro de grêmios, a gente tirou essa resolução no segundo encontro de grêmios que aconteceu em 19 de agosto desse ano. Onde a gente pode reunir, no primeiro encontro de grêmios a gente reuniu 100 jovens secundaristas do DF, e no segundo encontro de grêmios a gente pôde reunir mais de 160 secundaristas, bloqueando mais de 20 escolas pelo DF. E tocando a luta também orgânica nesses lugares que fez com que a gente resultasse e fez com que a gente conseguisse escrever com todos esses estudantes esses dois projetos de iniciativa popular.

R: Você sabe a data do primeiro congresso? Ou o ano?

Maria Fernanda: O primeiro encontro de grêmios foi em 2016 isso é um fato.

R: 2016

Maria Fernanda: Foi cara, agora eu não vou te lembrar, mas eu acredito que foi junho, não sei.

R: É...você sabe como surgiu o encontro de grêmios?

Maria Fernanda: Então, foi exatamente isso. A gente.

R: Era um pouco do que você estava explicando anteriormente.

Maria Fernanda: Isso. É. Quando, em 2016 o governo do Distrito Federal resolveu cortar integralmente as isenções do PAS, nós nos colocando como linha de frente pra tocar a luta contra esse ataque direto a juventude que o GDF tinha feito. A gente começou a se organizar nos primeiros atos. Nosso primeiro ato contou com cerca de 300 a 400 estudantes, nosso segundo ato a gente conseguiu ampliar chegando a 750/ 700 estudantes e o nosso terceiro ato que foi o mais importante que foi o que a gente realmente obteve uma vitória. Que foi a isenção pros alunos de rede pública pelo menos, a gente conseguiu somar mais de 1000

de estudantes secundaristas nas ruas pra lutar né. Pelos nossos direitos e tudo mais. E diante disso a gente viu que o potencial de luta do DF, luta secundarista do DF. Que a luta secundarista do DF tinha um potencial muito grande e havia um espaço muito aberto pra que a gente construísse. Um espaço onde os movimentos estudantis não constroem e que a gente resolveu construir essa luta. E que a gente fez o primeiro encontro de grêmios que em 2016 aconteceu no CEAN reunindo mais de 100 jovens por aí, e o nosso segundo encontro de grêmios um ano depois culminou em mais de 160 estudantes e aconteceu na faculdade Dulcina de Moraes que é uma grande parceira. Assim como diversos movimentos culturais do DF, assim como o Jovem de Expressão é um parceiro muito forte do encontro de grêmios e que cara. A gente se sente em casa no Dulcina, porque o Dulcina também viveu um processo de ocupação muito doloroso, ainda mais doloroso do que os das escolas, que foi uma luta extremamente judicial querendo acabar com a faculdade e que os estudantes se uniram, se reergueram ocuparam o Dulcina e hoje quem rege é um conselho criado por eles e tudo mais. E a gente se sente muito bem naquele espaço por entender que as lutas, elas conseguiram. E por entender que era uma galera que a gente podia também construir, por ser um lugar central por ter uma estrutura que hoje o encontro de grêmios não detém. A gente não tem uma estrutura física, a gente não tem uma casa, a gente não tem...mas a gente tem diversas casas. Ou seja, a gente não tem uma casa que seja nossa, mas a gente tem diversas casa que oferecem espaços nos ajudam com espaços pra que a gente construa a luta secundarista aí pelo DF.

R: E qual é a dinâmica assim de organização pra além dos congressos? Vocês se reúnem? Tem alguma coordenação eleita?

Maria Fernanda: A claro. Bem, como eu te falei a gente, essas escolas, essa galera que se somou e que se soma ainda aí no encontro de grêmios a gente toca. Abriu um espaço com o encontro de grêmios, mas que diante do encontro de grêmios a gente toca um trabalho orgânico nessas escolas. Ou seja, um trabalho onde cada escola é o seu próprio núcleo, bloqueando por territórios como pro exemplo Ceilândia e Paranoá que é onde o encontro de grêmios tem a maior abertura o maior trabalho e que esse é um processo que tem dado muito certo por deixar com que a galera. Porque é muito fácil quando a gente se propõe a dar voz pras pessoas, principalmente a juventude e na verdade a gente não dá voz pra elas, a gente as usa sei lá pra congressos e eleições e diversas coisas que o movimento estudantil tras consigo que claro é um reflexo. Aí a gente não entra tanto nesse mérito. Mas que o encontro de grêmios visa dar aos estudantes uma abertura total pra eles se organizarem, pra eles tocarem os projetos que eles querem, pra galera realmente se organizar de acordo com os seus ideais.

Sendo que a nossa luta se centraliza na luta pela educação pública né, por uma educação pública, crítica e de qualidade. Por uma educação totalmente diferente da reforma do ensino médio, totalmente diferente da escola sem partido que são projetos que vem pra nos atacar e que a nossa organização aqui no DF que o encontro de grêmios tem dado uma resposta pra essa galera que vive nos atacando, que nos ataca cada dia mais. E a gente se constrói, já falei, por eixos territoriais e esses eixos territoriais tocam em reuniões quinzenais, ou alguns eixos semanais, mas que há sim diálogo muito forte com essa galera. E pra além disso a gente costuma brincar que a nossa sede é a internet né, porque em dois anos de página a gente já tá quase batendo 10.000 curtidas, isso se já não bateu. E o mais complexo é que essa página é administrada por pelo menos cada um de cada escola, que se comprometeu a ficar na comunicação e tudo mais, que toca a comunicação do seu eixo, da sua escola, do seu território. E que é muito louco porque as vezes a gente tá de boa e daí a não sei quem curtiu a sua publicação e a gente olha e - cara quem publicou isso? E a gente vai ver é uma pessoa, um companheiro nosso de Planaltina publicou. E a gente pô boto fé não sei o que e todo mundo compartilhando e tal. E é isso, a nossa casa é a internet, por enquanto, mas a gente tem projetos claro. De ampliar isso daí, de trazer, cada vez mais amplo, de tocar cada vez mais pessoas, cada vez mais juventude. E que a gente tem um foco né, a gente fala pra todos os estudantes, mas a gente não pode ser cego a ponto de achar que as opressões que estruturam o nosso sistema não nos atingem. Assim como a gente também tem o entendimento de que o racismo a legbtphobia e o machismo atingem, além de outros (tripés?) Diversos preconceitos e opressões atingem diretamente os secundaristas né. E a nossa luta também se dá nesses eixos, a gente também toca essa galera. Esse ano a gente tocou o primeiro encontro dos estudantes secundaristas lgbs do DF, que aconteceu no (jovem de expressão?), que a gente pode reunir 30 ou mais jovens. E foi muito importante pra que a gente comece a pensar nessas questões. É agora a gente tá construindo junto ao encontro de negras e negros do DF, o encontro de grêmios também tá construindo. A periferia ao centro, que é realmente o encontro pra toda negritude do DF e que cara. É isso, a gente não pode ser cego de achar que a nossa luta é apenas por educação, como na verdade a nossa educação é doutrinalizada por um sistema totalmente branco, patriarcal e assim absurdos vão acontecendo, é isso.

R: Você falou um pouco das dificuldades que surgem em relação a movimentação política dentro da escola e etc.. Essa questão da repressão, do autoritarismo. Então a gente já pula essa pergunta. E então entra a questão dos dados né que eu te apresentei anteriormente.

Maria Fernanda: Eu posso ir falando dos que eu lembro né.

R: Pra gente ter essa ideia de quantos grêmios estudantis a gente tem aqui no DF.

Maria Fernanda: No Paranoá são dois, na Ceilândia são dois ou três, no Recanto das Emas um, no Plano são três, Planaltina há um grêmio no Centrão. Isso levantamento de 2016, né? Guará tem dois grêmios, Cruzeiro um grêmio, Taguatinga não tenho o levantamento, Samambaia a gente não tem trabalho lá mas acredito que tem pelo menos um grêmio, deixa eu ver Sobradinho me fugiu, São Sebastião temos um CA do IFB uma construção do CA, mas a gente está construindo realmente. E é esses dados que eu tenho de cabeça né.

R: Massa. Qual é a relação, ou posição, de vocês em relação as outras entidades ou grupos estudantis que existem aqui do DF? E também a UBES, vc já falou em relação a questão de oposição, mas assim não sei se vocês conhecem e não sei qual é a posição de vocês em relação a entidades ai no caso distrital como UESDF e mais antigas a UMESB e a FESB também?

Maria Fernanda: Então, a UMESB e a FESB pode parecer meio polêmico, né? Mas a gente tem o entendimento que são entidades que não surgiram pra luta elas surgiram pra fazer carteirinha e ganhar grana. E que a nossa posição quanto as outras entidades do DF é primeiro que nós não somos uma entidade documentada né, nós construímos o encontro de grêmios, dentro da pasta do encontro de grêmios, mas nada totalmente formalizado né. Não que sejamos anarquistas e tal.

R: É mais um agrupamento do que uma entidade.

Maria Fernanda: É, sim. É mais um coletivo, não sei. (Inaudível) E que a nossa leitura sobre as entidades que existem como por exemplo a UESDF, a gente participou do último congresso das UESDF, mas nós não credenciados fomos apenas como observadores e a gente viu que apenas que era um agrupamento de alunos realmente, mas que aquele agrupamento foi um agrupamento apenas para eleição da UESDF, mas que a UESDF aqui no DF não toca uma luta concreta. E a gente fala isso não apenas por divergências políticas e tudo mais ou por rivalidades. E sim por a gente nunca encontrar com essas galeras nos atos (inaudível) ...

E que o problema da grana tem sido um problema pra todos os coletivos e a gente tem que fazer que haja grana no caixa e que a gente tem entendimentos diferentes dos da UESDF. Porque enquanto a UESDF, a UMESB essa galera, toca os seus caixas por meio de venda de carteirinhas. A gente toca o nosso caixa por meio de campanhas coletivas, como por exemplo venda de jornais, venda de lanches, pedágios em sinais, diversos, venda de jujubas, doces, águas. Principalmente pros professores né que são o nosso grande público alvo nas assembleias. E a gente busca também parcerias com os Sindicatos, fazendo com que a gente

não tenha que ceder a entraves de empresas, financiamentos de empresas. Mas que a gente não tenha que ser da burocracia também de venda de carteirinha. Não que eu ache que isso seja errado, mas é que eu acho que quando você usa a luta efetiva. É porque a gente constrói a oposição de esquerda na UBES, mas a gente reconhece a total história e a importância da histórica da UBES. E que usar esse nome, essa história de luta pra ganhar grana é complexo, é contraditório. Porque, como a gente abandona a luta pra ganhar dinheiro? Sendo que a nossa luta é baseada exatamente no poder que o dinheiro dá pras pessoas e as construções que o mundo se deu diante disso, que é o Capitalismo né. Que é complexo pô, porque o Capitalismo deu certo pra quem né? E não que eu ache que é O pecado vender carteirinha, mas é que quando só se vende carteirinha é problemático. Quando se vende carteirinha e tá na luta e a galera que comprou a carteirinha também tá na luta, tá engajada, quando a juventude tá engajada não é um problema. Mas o problema é quando você deixa de engajar a juventude, quando você deixa princípios básicos do movimento estudantil que por exemplo é o trabalho de base né. Quando você deixa disso pra se fechar nas burocracias, detendo cargos de poder como presidência de entidade e cargos também na UBES como um todo né, na UBES nacionalmente e não há uma base concreta daquilo. Não há uma juventude realmente engajada, apenas uma galera que foi ali, boto e que velho. Quando é que essa galera vai receber uma proposta de um debate na sua escola? Quando que essa galera vai se organizar pra fazer um sarau dentro da sua escola? Quando que essa galera vai receber ajuda não só pra tocar processos burocráticos como eleições de C10, eleições de delegados pra disputa da UBES. E vai realmente tocar no que a gente realmente precisa, no que principalmente a juventude periférica realmente precisa? Que além de uma educação de qualidade óbvio é a cultura né. Porque a gente do encontro de grêmios muito louca e aqui no DF essa leitura louca no sentido bom, ela é nítida, ela se mostra cada vez mais certa. Porque a gente tem a leitura de que a educação e a cultura são os maiores transformadores dos mundos das pessoas, isso é um fato. E que só a luta pela educação não mais contempla o estudante secundarista, só a luta pela educação não contempla. Porque muitas vezes as próprias escolas afastam esses jovens da escola, do conhecimento, da educação. E a cultura é ainda mais revolucionária. A gente tem essa leitura, é tão revolucionária ou ainda mais revolucionária do que a educação. Porque, enquanto as escolas, os projetos nas escolas, no modo em que a educação pública se dá hoje afasta os estudantes. A cultura trás esses estudantes de novo, ela disputa diretamente esses estudantes com o crime. Que é um dos maiores problemas. Quando que a gente não pode ser cego, é que a gente realmente não pode ser cego num dado que a cada 16 minutos um jovem

negro é assassinado no país. A gente não pode ser cego a esse ponto. E o que esse jovem precisa? Ele precisa de polícia na rua? Pra garantir a segurança dele sendo que é a polícia quem o mata? Ele precisa de que? ele precisa de uma educação que garanta o futuro dele, uma educação concreta. Que a gente sabe que o mercado exige cada vez mais a formação dos estudantes. E a cultura pô, porque a cultura é aonde os estudantes, os secundaristas conseguem seu ápice de libertação. De libertação, de expressão do próprio, do que acham que são, do que realmente são, não sei. E é isso cara, a gente...é isso.

R: Obrigado. Mais alguma coisa que queira colocar?

Maria Fernanda: Deixa eu ver. Vêi é tanta coisa que se eu for falar...

Entrevista 4

(18/11/2017- duração: 8min e 48 segundos)

R: Então, Raquel...seu nome completo, idade e cidade, escola que você estuda.

Raiane: Tá, o meu nome é Raquel Gomes Silva, tenho 17 anos, estudo no CEM 03 do Gama. O que mais que precisava?

Raiane: Mora onde?

Raiane: Moro no Valparaíso

R: De quais entidades ou movimentos você participa?

Raiane: Sou militante da Juventude Revolução, vice-presidente da União dos estudantes secundaristas aqui do DF e também sou militante da Corrente O TRABALHO do PT.

R: E do grêmio da escola?

Raiane: Ah, eu também sou do grêmio da minha escola

R: E é isso. Como costuma ser a dinâmica de funcionamento de um grêmio? Como se organiza, qual a estrutura, ações...?

Raiane: Então, o grêmio se organiza por direções. Aí vai ter uma direção de cultura, uma direção de esportes. Porque assim fica mais fácil pra gente dividir as tarefas e organizar as tarefas que a gente vai propor na escola. O intervalo cultural, quem fica responsável por isso geralmente é um diretor de cultura. E aí a gente tem reuniões semanais pra discutir exatamente isso, as atividades que a gente vai propor dentro da escola. Podem ser tanto as atividades culturais quanto as atividades políticas, por exemplo, a gente fez vários debates esse ano e o ano passado pra discutir reforma do Ensino Médio ou questões dentro da própria escola mesmo. Questão de assédio a gente já fez debate. E outras atividades tipo festa de Halonen.

R: Quais as dificuldades que surgem em relação a movimentação política dos estudantes dentro da escola e como eles lidam com isso?

Raiane: Vei, isso é o mais difícil porque, sei lá. Principalmente direção de escola costuma ser muito escrota com todo estudante que tenta se organizar com uma forma de organização da própria escola. E toda vez que a gente tenta fazer um debate, alguma coisa assim, a gente sofre perseguição. Eu mesmo sofri muita perseguição na minha escola por parte da direção, por professores que estão sempre constrangendo a gente até pelo fato de serem professores, serem mais velhos e a gente ser estudante. Então isso é o mais difícil do movimento estudantil

é enfrentar dentro da escola, né? Porque várias de nossas atividades e movimentações são barradas. E assim, a gente é só estudante né? A gente é menor de idade, a maioria ainda é adolescente. É difícil lidar com essas pessoas que tem um certo poder acima de você, te constringendo o tempo todo, né? Te perseguindo dentro da própria escola.

R: Como surgiu e qual é a dinâmica de funcionamento da UESDF?

Raiane: A UESDF, ela surgiu em 2014, faz pouco tempo. Foi no meio de várias manifestações que estavam tendo aqui no DF pra gente conseguir o passe livre e como a gente foi vitorioso e teve toda uma organização em cima disso, acabou que a gente viu a necessidade de ter uma entidade aqui no DF, que não fosse mais uma UBES no DF. E aí foi fundada a UESDF. A gente foi fundado em 2014 mesmo, ano passado a gente fez nosso segundo Congresso e a gente tem atuação em várias cidades do DF. No Plano a gente tem grêmio, Santa Maria, Planaltina, Samambaia, Sobradinho

R: E como funciona a organização da UESDF? No sentido de regularidade de reuniões, veículo de comunicação com estudantes...

Raiane: A gente se organiza assim como grêmios, por diretorias. Aí tem diretoria de grêmios, de mulheres... A gente faz reuniões quinzenais, agora está sendo mais mensais do que quinzenais. E a gente discute como a gente vai fazer esse acompanhamento por escolas. Por exemplo, eu estou aqui no Gama eu acompanho o Gama e a Santa Maria, aí tem a galera que é de Samambaia. Quem estuda no Plano acompanha o Plano, então a gente se organiza basicamente assim. Onde a gente está atuando dentro do grêmio, a gente acompanha a cidade aonde agente mora e onde fica mais próximo pra cada um.

R: E, quantos grêmios em média vocês tem relação no DF? Por volta de quantos grêmios existiriam aqui?

Raiane: A gente tem relação com... Por volta de 16 a 20 grêmios. É, tem os que a gente só tem contato, faz poucas passagens, mas creio que seja por volta de 20 grêmios.

R: Localizados em qual cidades, mais ou menos assim?

Raiane: Principalmente no Gama, Santa Maria, no Plano, Taguatinga e Samambaia

R: Tá. E qual a posição e relação de vocês em relação a outros grupos aqui do DF? Por exemplo, encontro de grêmios, UMESB, a FESB, a própria UBES que é nacional, mas tem uma relação aqui no DF.

Raiane: Então, o Encontro de grêmios eles tem feito um trabalho aqui no movimento estudantil que é de está construindo grêmios, fazendo atividades nas escolas. Eles estão fazendo um trabalho de base muito bom, mas melhor seria se eles se unissem e compusesse a

gestão da UESDF, né? Pra gente fazer isso pelas entidades. Assim a gente teria mais escolas e um acompanhamento bem melhor. Sobre UMESB e FESB são entidades que a gente nem vê. De vez em quando tem passagens deles em escola pra fazer carteirinha. Então, tem uma diferença do Encontro de Grêmios que é quase uma organização e que está tendo um trabalho, pra essas entidades fantasmas que só fazem carteirinha e não tem nenhum tipo de relação com os estudantes. A UBES aqui no DF, a vice-presidente da UBES aqui no DF é a Presidente da UESDF, então a gente tem muita relação, a gente faz atividades pela UBES, assim como a filiada dela que é a UESDF, então a gente faz as coisas juntos.

R: E quais são os tipos de ações que a UESDF tem feito aqui no DF em conjunto com os grêmios?

Raiane: Olha, a gente costuma fazer vários debates aqui nas escolas, sobre temas da conjuntura política mesmo, por exemplo, as ocupações de escola que houveram no ano passado. Tiveram várias ocupações de escolas no DF, no Plano, no Gama mesmo, aqui no CEM 02. Atos também, nós já fizemos três Atos por melhoria nas escolas esse ano, no ano passado. E passagens em salas mesmo propondo atividades. A própria construção dos grêmios é uma atividade que a UESDF faz dentro das escolas.

R: Valeu, obrigado Raiane.

Raiane: Obrigada.

Corpus da pesquisa:

Transcrição das falas dos encontros

Local de realização

Encontro 2: Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 02 (sala do CINECLUBE)

Encontro 3: Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 02 (sala do CINECLUBE e corredor)

Encontro 4 : Centro Educacional 01 do Riacho Fundo 02 (sala do CINECLUBE)

Legenda

Palavra ou expressão xingatória: *

GRAVAÇÃO DE ENCONTRO 2 (G01)

(29/08/2017, 44 min e 57 segundos)

Presentes: Natália, Jéssica, Gabriela, Saulo, Paulo, Mateus

- 1) **Natália - Jéssica:** Vixe, tirou até as cortina?
- 2) **Gabriela - Natália:** Tirou. Foi pra sala de artes.
- 3) **R - :** Acho que todos vocês devem se conhecer bem...relativamente bem.
- 4) **Jéssica - :** Bem! (Risos do grupo).
- 5) **Natália - Jéssica:** “Treta” de relacionamento?
- 6) **R - :** Mas o intuito era saber um pouco mais de vocês: aonde exatamente vocês moram. Vocês sempre moraram aqui? [Ao mesmo tempo]: Não! Sim! Não!
- 7) **R - :** Vocês nasceram aqui no Riacho? [Ao mesmo tempo]: Não!
- 8) **R - :** Onde vocês nasceram?
- 9) **Natália - :** Eu nasci em Ceilândia, mas calma. Foi no hospital também. (Risos do grupo). Mas não ó, foi no hospital de Ceilândia (risos do grupo).
- 10) **R - Natália - Paulo:** Tu nasceu no hospital de Ceilândia. E tu?
- 11) **Paulo - :** Em Minas.
- 12) **Natália - :** Mineiro.
- 13) **R - Paulo:** Em Minas Gerais? Tu veio pra cá com quantos anos?
- 14) **Paulo - R:** Um ano.
- 15) **R - Gabriela:** E tu é daqui mesmo?
- 16) **Gabriela - :** De Brasília eu sou.
- 17) **Jéssica - Gabriela:** Dá onde?
- 18) **R - Gabriela:** Dá onde exatamente? A cidade que você nasceu.
- 19) **Gabriela - R:** Santa Maria.
- 20) **R - Gabriela:** Santa Maria? Eu sou de lá
- 21) **Gabriela - R:** Eu morei lá até 8 anos
- 22) **R - Jéssica:** Tu nasceu na “Samamba”?
- 23) **Paulo - :** Foi na UPA do Recanto (risos do grupo)
- 24) **Jéssica - :** Foi em Taubaté. Sim, lá mesmo
- 25) **Paulo - Jéssica:** Tu nasceu em Samambaia?

- 26) **R - Saulo:** E tu?
- 27) **Saulo - :** Foi lá no Gama.
- 28) **R - Saulo:** Lá no Gama? Nasci lá também.
- 29) **Paulo - Saulo:** Foi lá no Sol Nascente...
- 30) **R - Saulo:** E quando tu veio pra cá?
- 31) **Saulo - R:** Vim pra cá com 6 anos. Acho que era 6 anos
- 32) **R - :** E todos vocês moram no mesmo local? Assim...perto? Ou são em locais...
[Respondem ao mesmo tempo]
- 33) **Natália - R - :** Nós mora na mesma rua praticamente, nós aqui, nós três (referindo-se a Paulo, Jéssica e Gabriela).
- 34) **R -Natália:** Na mesma rua?
- 35) **Gabriela - :** Praticamente.
- 36) **R - :** Onde que é essa rua?
- 37) **Jéssica - R:** Na 8. Aqui de frente.
- 38) **R - :** Vocês todos moram na quadra 8 do Riacho?
- 39) **Jéssica - R:** Não. A gente mora na 7 e ela mora na 8 (referindo -se a Gabriela).
- 40) **R - Gabriela:** Você na 8?
- 41) **R - Jéssica - Paulo - Natália:** E vocês na 7?
- 42) **Natália - R:** Não tem essa esquina aqui? Essa esquina aqui é a casa dele. A outra é a minha casa e a outra a casa dela.
- 43) **R - :** E vocês são “brothers”?
- 44) **Paulo - :** É, ai subindo na rua de esquina... [Falam ao mesmo tempo]
- 45) **R - :** Vocês fazem “frevo” juntos lá? (Risos)
- 46) **Natália - R:** Não, frevo não...
- 47) **Jéssica - R:** Ela é da igreja (risos do grupo)
- 48) **R - :** Existe festa gospel! [Falam ao mesmo tempo]
- 49) **R - Saulo:** E tu? Mora aonde?
- 50) **Saulo - R:** Na 4, irmão.
- 51) **R - :** E como que é a quadra que vocês moram? É tranquilo?
- 52) **Natália - R:** É de boa, mas tem muito “peba” toda hora.
- 53) **Saulo- R :** É desanimadão.
- 54) **R - :** É desanimado a quadra de vocês?
- 55) **Jéssica - R:** Moço, eu moro na principal. Como que não é animado?

- 56) **Natália** - : Toda hora tem alguém gritando lá.
- 57) **Gabriela** - : Eu moro na pior quadra (risos do grupo)
- 58) **Natália** - : O povo sai da escola e fica: Ai amiga eu peguei um “boy” ali. Povo desesperado assim...
- 59) **R - Gabriela**: Tu mora na pior quadra por que?
- 60) **Gabriela - R**: Porque na quadra de baixo é só a “maloca”
- 61) **Jéssica** - : Só a “maloqueirada” (Risos do grupo).
- 62) **R - Gabriela**: Tem alguma “boca de fumo” lá?
- 63) **Gabriela - R**: Na minha rua não, na minha rua não.
- 64) **Natália - Gabriela**: Se não tem, a boca pode ser sua.
- 65) **R - Gabriela**: Mas é muito violenta a quadra lá? ”Rola” tiro e tal?
- 66) **Gabriela - Saulo**: Fala aí pra ele.
- 67) **Saulo** - : Runn.
- 68) **Gabriela** - : Mas não é sempre, de vez em quando.
- 69) **R** - : E o que vocês acham do local que vocês moram? “Tá” de boa, é isso?
- 70) **Natália** - : “Tá” favorável.
- 71) **Paulo** - : “Tá” de boa. Ontem lá foi...roubaram lá...prenderam sete. Um “pebinha” foi roubar um carro lá, se “lascou” moço. Entrou na casa do Juarez.
- 72) **Saulo** - : É,na casa do Juarez.
- 73) **R - Paulo**: E o que aconteceu?
- 74) **Paulo - R**: Entrou lá e tomou uma bala na cabeça.
- 75) **R** - : Tomou um tiro?
- 76) **Paulo** - : Não...O bicho morava na minha rua e eu nem sabia vei...
- 77) **Saulo** - : Caramba*
- 78) **Paulo** - : O bicho que roubou... O bicho é lerdão doido...
- 79) **R** - : E o que tem pra fazer ai além de morar?
- 80) **Natália** - : Merda nenhuma.
- 81) **Gabriela** - : Só morar.
- 82) **R** - : Mas o que tem ai na cidade?
- 83) **Gabriela - R** : É porque não tem como você fazer nada.
- 84) **Paulo** - : Oxi, aqui é de boa [Falam ao mesmo tempo] (Risos do grupo)
- 85) **R** - : Que?
- 86) **Jéssica - R**:

- 87) **R** - : Ah, então vocês moram no 2, né? Todos vocês? (Respondem positivamente balançando a cabeça). E não tem nada pra fazer aqui? Nenhuma praça? [Falam ao mesmo tempo]
- 88) **Natália** - : Você chega na praça e tem gente fumando. [Mateus entra na sala]
- 89) **R** - **Mateus**: Entra ai “vei”. Beleza?
- 90) **Mateus** - : Bom dia a todos!
- 91) **Saulo** - : Esse fala mais que eu.
- 92) **Gabriela** - **R**: Lá em Santa Maria tem, né? Tipo uma praça principal, né? Aqui não tem. Quadra de esporte é muito longe uma da outra.
- 93) **Natália** - : Posto de saúde.
- 94) **R** - : Não tem quadra de esporte, então?
- 95) **R** - **Mateus**: Qual teu nome mesmo, que eu esqueci?
- 96) **Mateus** - : Mateus.
- 97) **R** - **Mateus**: Mateus.
- 98) **Natália** - : Ter, tem.
- 99) **Gabriela** - : Na 14
- 100) **Jéssica** - : Lá é boa [Falam ao mesmo tempo]
- 101) **R** - : “Tá” e ai? Vocês querem continuar morando no Riacho, querem sair? [Falam ao mesmo tempo]
- 102) **Natália** - : Eu não, eu sou de Paris. Estou aqui fazendo pesquisa (Risos do grupo) [Falam ao mesmo tempo]
- 103) **R** - : Vocês não querem ficar aqui? (Respondem negativamente balançando a cabeça)
- 104) **Natália** - : Sei lá, enjoiei.
- 105) **Jéssica** - : Enjoei daqui. Enjoei.
- 106) **R** - : Mas já enjoaram? Vocês têm quantos anos? (Risos)
- 107) **R** - **Saulo**: Tu tem quantos anos? É Salo, né?
- 108) **Natália** - **R**: Salo! (Risos).
- 109) **Saulo** - **R**: Saulo!
- 110) **R** - **Saulo**: Saulo!
- 111) **Jéssica** - : Salo! (Risos).
- 112) **R** - **Saulo**: Por que tu quer “sair fora”?
- 113) **Saulo** - **R**: “Pô”, não tem nada.

- 114) **R - Saulo:** E tu tem quantos anos?
- 115) **Saulo - R:** 17.
- 116) **R - Paulo:** E tu?
- 117) **Paulo - :** Oxi, “tô de boa”.
- 118) **R - Paulo:** Quer continuar aqui?
- 119) **Paulo - :** Não (Risos do grupo).
- 120) **R - Paulo:** Por que tu quer sair?
- 121) **Paulo - :** Quero sair não. “Tô” de boa.
- 122) **Jéssica - Paulo:** Ué? (Risos).
- 123) **Gabriela - :** É porque não quer sair da casa da mamãe.
- 124) **R - Natália:** E tu, Nicole?
- 125) **Natália - :** Vou pra Búzios.
- 126) **R - :** Mas tu que sair porque enjoou? Aos 14 anos e já enjoou?
- 127) **Natália - R :** É, porque não tem nada pra fazer.
- 128) **Jéssica - R:** Tipo assim, eles nunca faz nada. Quando faz algum evento dá briga, dá “merda”. É tudo desorganizado nesse Riacho.
- 129) **R - Mateus:** É assim mesmo Mateus?
- 130) **Mateus - R:** Às vezes.
- 131) **Natália - Mateus:** Às vezes? [Falam ao mesmo tempo].
- 132) **R - Mateus:** Tu mora aonde?
- 133) **Mateus - R:** Recanto.
- 134) **R - Mateus** E lá no Recanto?
- 135) **Mateus - :** Eu dou uns “rolê” lá (risos do grupo) [Falam ao mesmo tempo].
- 136) **R - :** E como vocês estão da vida? Triste, feliz? Preocupados com as responsabilidades da vida?
- 137) **Gabriela - :** Eu “tô” preocupada [Falam ao mesmo tempo].
- 138) **R - Gabriela:** Fala ai. Por que tu está preocupada?
- 139) **Gabriela - :** Em reprovar no final do ano.
- 140) **R - Gabriela:** Reprovar? Por que?
- 141) **Gabriela - R:** Porque eu tenho duas dependências “pra” fazer, duas recuperações...
- 142) **Paulo - Saulo:** Caramba*, pensei que nós tava ruim ein vei .
- 143) **R - Gabriela:** Mas tu não “tá” conseguindo fazer?

- 144) **Gabriela - R:** “Tô” sem tempo.
- 145) **R - Gabriela:** Tu trabalha?
- 146) **Gabriela - R:** Estudo de manhã e à tarde.
- 147) **R - Gabriela:** Tu faz curso?
- 148) **Gabriela - R:** Sim.
- 149) **R - Gabriela:** Do que que tu faz?
- 150) **Gabriela - R:** Pré concurso.
- 151) **R - :** Vocês trabalham? Fazem estágio?
- 152) **Mateus - :** Eu trabalho.
- 153) **Natália - :** Eu sou empregada, trabalho em casa.
- 154) **Jéssica - :** Demais.
- 155) **Natália - :** Sou empregada.
- 156) **Jéssica - :** Sou empregada.
- 157) **Natália - :** Nós somos.
- 158) **R - Jéssica - Natália:** Vocês trabalham em casa?
- 159) **Natália - :** É, mas não ganho nada. É só pra ter o que comer em casa (risos)
- 160) **R - Natália:** O pagamento da estadia lá, né?
- 161) **Natália - :** Se não fazer nada, não tem comida.
- 162) **R - Mateus :** Tu falou da religião, alguém mais ai frequenta...tem alguma religião?
- 163) **Mateus - :** Eu, eu sou católico. Mas não to indo mais.
- 164) **Gabriela - :** Eu sou católica, mas só que não sou tão frequente [Falam ao mesmo tempo].
- 165) **Jéssica - :** Eu sou “rolezeira”.
- 166) **R - :** Já que vcs não saem aqui no Riacho. “Pra” onde vocês saem?
- 167) **Natália - :** Eu vou pro Recanto.
- 168) **Jéssica - :** Claro, pro “boy”.
- 169) **Gabriela - :** Eu vou pro Gama.
- 170) **Jéssica - :** Vou pra lugar nenhum, fico em casa.
- 171) **R - Gabriela:** Para o Gama? Para os “rolês” lá e tal? (risos do grupo) [Falam ao mesmo tempo]
- 172) **R - Jéssica:** Tu sai pra onde?
- 173) **Jéssica - :** Ponte Alta

- 174) **R** - : Tem muito “rolê” na Ponte Alta?
- 175) **Jéssica** - : Tem, bastante!
- 176) **R** - : Vocês vão muito?
- 177) **Gabriela** - **Jéssica**: Só Saulo, João e ela (refere-se a Jéssica)
- 178) **Paulo**- : Essa aí? É todo dia. [Falam ao mesmo tempo].
- 179) **R** - : Pensei que vocês ficavam estudando fim de semana [Falam ao mesmo tempo].
- 180) **Natália** - : Vou lá na sala pegar meus materiais e volto. [Nicole se retira].
- 181) **R** - : O que eu queria entender, aí podia começar da Gabriela...
- 182) **Gabriela** - : Começa do João.
- 183) **Paulo** -**Gabriela**: Oxi, por que eu?
- 184) **R** - : “Peraí”, antes dessa pergunta...vocês conhecem alguma coisa da história do Riacho Fundo?
- 185) **Paulo** - : Que era mato!
- 186) **Saulo** - : Que era só o barrão
- 187) **R** - : Tipo assim...como surgiu...
- 188) **Jéssica** - : Não, não conheço.
- 189) **Gabriela** - : Eu sei que tinha uma invasão.
- 190) **R** - : Começou como invasão o Riacho?
- 191) **Gabriela** - : Acho que foi. Pela 8 assim... (Risos do grupo) [Falam ao mesmo tempo].
- 192) **Gabriela** - : Não. É porque o povo fala que a 8 foi tipo invadida, foi “ganhada”. Acho que foi isso.
- 193) **R** - : E esses novos prédios aí? Foi o mesmo processo?
- 194) **Jéssica** - **R**: Não
- 195) **R** - : É novo né?
- 196) **Jéssica** - : Novo. É de agora mesmo.
- 197) **R** - : Mas vocês sabem algo além disso, era tipo um mato? Sobre a história...
- 198) **Jéssica** - **R**: E não tinha QN. Você sabe né, que era só isso aqui?
- 199) **R** - : O que é QN?
- 200) **Jéssica** - : QN, lá pra baixo.
- 201) **Gabriela** - **Jéssica**: Tinha sim.
- 202) **Jéssica** - **Gabriela**: Não, vei. O primeiro era isso aqui, que eles fizeram.

- 203) **Gabriela - Jéssica:** CAUB?
- 204) **Jéssica - :** CAUB 1, 2
- 205) **R - :** CAUB? CAUB é tipo um conjunto de casas?
- 206) **Jéssica - :** Tipo chácara
- 207) **R - :** Tipo chácara? Então foi o primeiro a existir?
- 208) **Jéssica - :** Foi.
- 209) **R - :** “Tá”. Só isso que vocês sabem? Tem cachoeira aqui por perto?
- 210) **Jéssica - :** Não! Tem, tem sim.
- 211) **Paulo - :** Só lá pra baixo.
- 212) **Mateus - :** Acho que riacho fundo é um córrego que passa lá embaixo.
- 213) **Jéssica - :** Ah é verdade, tem no CAUB.
- 214) **Gabriela - :** Tem cachoeira, tem sim. O povo já falou.
- 215) **Jéssica - :** É, eu já fui lá.
- 216) **R - :** É isso? Riacho Fundo vem do riacho?
- 217) **Jéssica - :** É, tem uma estradinha...
- 218) **Paulo - :** Moço, tem um clube massa..ali na Marinha.
- 219) **Saulo - Paulo:** Fui lá no Tororó vei.
- 220) **Gabriela - Saulo:** Onde fica Tororó?
- 221) **Paulo - Gabriela:** Oxi, bem aqui perto na reserva da Marinha.
- 222) **R - :** “Bora” marcar um passeio para Pirenópolis? (Risos).
- 223) **Paulo - :** “Bora”.
- 224) **R - :** Então. Primeiro a partir da Gabriela ali. Por que vocês resolveram participar do nada, ou não foi exatamente do nada, do grêmio estudantil? Isso que eu queria entender, assim. Ai cada um tem a sua história, a partir da Gabriela a gente pode ouvir.
- 225) **Gabriela - :** A minha história foi assim... [Falam ao mesmo tempo].
- 226) **R - :** Olha lá galera.
- 227) **Gabriela - Jéssica :** Chamaram os vice representantes pra uma reunião. Eu vim na inocência tentar conhecer, chegou aqui ai perguntaram quem queria ser primeiro secretário. Fizeram votação de quem queria ser. Tu era o que?
- 228) **Jéssica - :** Comissão.
- 229) **Gabriela - :** Comissão.
- 230) **Jéssica - :** Comissão eleitoral.

- 231) **Gabriela** - : Ai eu falei que queria ser primeira secretaria.
- 232) **Jéssica** - : Nesse período a gente era só...
- 233) **Gabriela** - : Só da comissão.
- 234) **R - Jéssica** : Vocês eram da comissão eleitoral?
- 235) **Jéssica** - : Como é que era?
- 236) **R** - : Pro grêmio?
- 237) **Jéssica** - : Isso. A gente tava no caso, no lugar deles...pra tipo...
- 238) **Gabriela** - : Pra depois eles substituírem agente.
- 239) **R** - : Tipo provisório?
- 240) **Natália** - : Isso.
- 241) **Jéssica** - : Isso.
- 242) **Gabriela** - : Só que eu pensava que acabava ali quando eles entrava.
- 243) **Jéssica** - : Eu achei que “já era”, né?
- 244) **Gabriela** - : Ai me escolheram como primeira secretária.
- 245) **Jéssica** - : Por que tipo assim, tiraram os nomes das pessoas que não estavam fazendo nada. Que não tava se importando, que não queria nada.
- 246) **Gabriela** - : Não, mas isso...
- 247) **Jéssica** - : Sim, mas eles tiraram as pessoas. E colocaram aqueles que estavam vendo que estavam se importando. Que tava vindo pra reunião e tal.
- 248) **R - Jéssica - Gabriela**: Então vocês caíram meio que por acaso ou vocês... tipo...
- 249) **Jéssica** - : Por acaso.
- 250) **Gabriela** - : Por acaso.
- 251) **R** - : E ai por que vocês resolveram continuar, já que vocês caíram por acaso?
- 252) **Gabriela** - : Porque pelos três anos que eu estudo nessa escola, nenhum grêmio fez “merda” nenhuma.
- 253) **Jéssica** - : Mudança, né?
- 254) **Gabriela**- : Quando cheguei tinha um grêmio aqui que até resolvia as coisas, no segundo já caiu, no terceiro piorou.
- 255) **Paulo - Gabriela**: Quem é que foi o terceiro? É a gente?
- 256) **Gabriela**- : Ai o primeiro tava até de boa, ai eu resolvi tipo ficar pra ver se eu continuava.
- 257) **R - Jéssica**: E tu, Giovana? Como é que foi?

- 258) **Jéssica** - : Foi desse jeito também.
- 259) **R - Jéssica**: Ai tu resolveu ficar?
- 260) **Jéssica** - : Foi
- 261) **R - Jéssica**: Por que viu que nenhum grêmio tinha feito nada?
- 262) **Jéssica** - : E eu quis ficar.
- 263) **R** - : E vocês galera. Por que vocês resolveram participar?
- 264) **Saulo** - : Eu queria conhecer pra ver como que era mesmo o “bagulho”, ai eu fui lá e entrei. Esse moleque aqui também (referindo-se a Paulo).
- 265) **R - Saulo**: E aí tu resolveu continuar por que?
- 266) **Saulo - R**: * Achei “massa”, né?
- 267) **Gabriela** - : É “massa”! **Falam juntos**
- 268) **Mateus** - : Eu entrei no grêmio, porque “pô”...sei lá. Achava massa. Ai eu nem conhecia ninguém, por isso entrei.
- 269) **Jéssica** - : Conhecia ninguém... (Risos).
- 270) **Mateus** - : Já tinha vontade de arrumar a escola.
- 271) **Gabriela** - : Eu também.
- 272) **Mateus** - : Mas “tá” difícil.
- 273) **R** - : Por que “tá” difícil?
- 274) **Mateus** - : A Direção coloca dificuldade.
- 275) **Gabriela** - : O bom que essa direção que entrou meio que ajuda a gente
- 276) **Paulo - Gabriela**: Ajuda? Ela ajuda?
- 277) **Gabriela** - :Não, ela tipo assim...pelo menos de manhã ela conversa com a gente e tudo mais (Risos)
- 278) **Gabriela - Paulo**: Por que?
- 279) **Paulo** - : Não. Não (cochicho).
- 280) **R** - : Ela deu o que? Suspensão? (Risos do grupo).
- 281) **R - Saulo - Paulo**: Diga ai por que vocês tomaram suspensão?
- 282) **Paulo** - : Porque a gente é preto.
- 283) **R - Paulo**: Não, mas o que rolou? Vocês fizeram algo ou não?
- 284) **Paulo** - : A gente estava fora de aula sem autorização.
- 285) **Gabriela** - : Eu levei a advertência por algo bem pior. Porque eu estava rindo.
- 286) **R - Gabriela**: Mas era de alguma coisa...tipo...sei lá...

- 287) **Gabriela** - : Tava todo mundo rindo, ai quando a professora olhou a gente parou (risos).
- 288) **Jéssica** - : Nossa vei, que besteira.
- 289) **Gabriela** - : Ai a professora pensou que eu estava rindo dela. Por que ela fala “anfim”. Ela é fanha.
- 290) **Jéssica** - : Ela fala eu não entendo nada, nadinha. Ela tem problema com quase todo mundo, né?
- 291) **Gabriela** - : É.
- 292) **R - Paulo**: E a suspensão que vocês tomaram tem a ver com essa questão de ser do grêmio ou foi num contexto diferente?
- 293) **Mateus** - : Não moço, isso ai eles queriam era botar fogo na escola ó. Olha isso.
- 294) **R - Paulo**: Vocês estavam bagunçando é?
- 295) **Paulo**- : Fizeram uma fogueira dentro de sala.
- 296) **R - Paulo**: Fogueira? Por que?
- 297) **Paulo** - : Tocaram fogo dentro da sala.
- 298) **R** - : Quem? (Risos do grupo).
- 299) **R - Paulo**: Do nada?
- 300) **Paulo** - : As meninas lá.
- 301) **R - Paulo - Saulo**: Tá. Então foi por isso a suspensão? Foi antes ou depois de vocês entrarem no grêmio?
- 302) **Paulo** - : Depois
- 303) **R** - : Tá. Vocês disseram que o grêmio está devagar. Por que está devagar? Vocês podem falar juntos, mas só pra poder entender, ai um fala de cada vez.
- 304) **Paulo** - : Ninguém quer mais.
- 305) **Saulo** - : Desanimou geral. O povo sumiu.
- 306) **Mateus** - : Acho que desanimou também pela falta de verba. A direção bota maior dificuldade quando vamos fazer alguma coisa na escola.
- 307) **Gabriela** - : E isso os alunos cobram da gente, como se a gente tivesse culpa...
- 308) **Jéssica** - : Verdade, é isso não sei o que o grêmio. Ó aí, cadê o grêmio? Eu fico assim...
- 309) **Gabriela** - : Se tivesse verba já tinha melhorado a escola.
- 310) **Jéssica** - : Verdade.

- 311) **Gabriela** - : Né? Por que cobrar 800 reais numa cortina?
- 312) **Jéssica** - : Uma só. Moço, 50 conto...
- 313) **Gabriela** - : A minha aqui foi 70 reais meu fi.
- 314) **Jéssica** - : Olha só, linda. Essa daqui não tem nem cor, nem estampa
- 315) **Mateus - Gabriela**: Mas tu trouxe pra que?
- 316) **Gabriela** - : Pra aula de artes. Olha ai ó! (Retira a cortina da mochila) **Todos ao mesmo tempo**: Oh! (Risos do grupo)
- 317) **Mateus** - : Olha a cortina dela.
- 318) **Gabriela** - : Ai você vai dizer que essa cortina aqui custa 800 reais? Não rola (se refere a cortina da sala do CINECLUBE).
- 319) **Paulo** - : O que essa cortina tem? Fio de ouro?
- 320) **Gabriela** - : Só pode.
- 321) **R** - : Mas como vocês acham que dava para resolver esse problema? Porque vocês estão apontando um problema: a galera está desanimada e talvez seja pela questão da direção que está colocando dificuldades quando a gente tenta fazer alguma coisa na escola. O que vocês acham que poderia rolar? O que vocês acham que poderia ser feito para mudar essa situação? Tipo assim...
- 322) **Saulo** - : Acho que mudar essa direção ai.
- 323) **Gabriela** - : Eu acho que a direção e os alunos...tudo junto...a gente tentando fazer uma rifa...algo assim.
- 324) **Mateus** - : É isso daí....Eu acho que um movimento maior seria melhor.
- 325) **R - Mateus**: Tu acha que um movimento maior tipo o que?
- 326) **Mateus** - : Há sei lá, conscientizar todos os alunos. Até com os professores, com a direção. Pra todo mundo está entendendo o que está ocorrendo na realidade. (Risos do grupo).
- 327) **R -**: **Então**...eu acho que é um pouco do que a gente discutiu na última reunião. A galera apontou algumas dificuldades. Teria um orçamento pra fazer ou algo assim e acabou não avançando. E nesse intuito surgiu...(interrupção da coordenação requisitando que Natália pegasse carteirinha na direção). Nesse sentido surgiu a ideia de fazer reunião com os representantes. Pra que? Pra que a galera pudesse opinar em relação aos problemas da escola e algumas sugestões. Pra tirar um pouco essa ideia de que o grêmio não faz nada. A ideia era fazer uma reunião com representantes dos dois

- turnos na hora do intervalo. Pra vocês chegarem na galera e perguntar: o que vocês acham que poderiam fazer conosco para ajudar?
- 328) **Saulo** - : Teve uma reunião dessa já
- 329) **R - Saulo**: Rolou? Mas faz muito tempo?
- 330) **Paulo** - : Moço, nossa reunião era quase todo dia, aí a Direção começou a xaropar.
- 331) **R - Paulo**: Por conta das reuniões? Vocês faziam muitas reuniões?
- 332) **Jéssica** - : Era de tarde né? A gente ficava aqui até de tarde.
- 333) **R - :** O intuito é que ao mesmo tempo que rola essa pesquisa, é encontrar formas de colocar o grêmio pra andar. E aí, não sei...é uma parada que queria ver com vocês. A gente ventilou essa possibilidade porque geralmente é um movimento que rola nas escolas. Tipo assim...o grêmio junta com os representantes, aí rola esse espaço. Como o grêmio estudantil constrói esse espaço junto com os representantes, eles se sentem parte. E são né? Parte do grêmio. (Risos de Jéssica).
- 334) **R - Jéssica** : Que foi?
- 335) **Natália - Jéssica**: Oxi.
- 336) **Jéssica** - : Tá me dando vontade de rir.
- 337) **Gabriela** - : Ela ri a toa.
- 338) **R - Jéssica**: Fala aí pô.
- 339) **Jéssica - R**: O que? (Risos)
- 340) **R - :** Ou não sei...vocês tem outra ideia? Sei lá...por que assim...uma ideia geral aqui é que o grêmio precisa sair do lugar. Então assim, tem essa sugestão de reunir os representantes para eles darem aquele famoso feedback (que é tipo: olha... rola isso, podemos fazer isso e tal).
- 341) **Jéssica** - : Então que dia vai ser?
- 342) **R - :** Vocês que decidem.
- 343) **Gabriela** - : A gente passa amanhã.
- 344) **Natália** - : Ó calma, deixa eu falar uma coisa pra vocês, hoje o lanche vai ser strogonoff.
- 345) **Gabriela - Natália**: Mentira.
- 346) **R - :** Calma aí. Vai lá, Gabriela...
- 347) **Gabriela** - : A gente passa amanhã nas salas, amanhã é quarta. Aí a gente marca reunião pra quinta-feira.

- 348) **R** - : Quinta tem aula?
- 349) **Jéssica** - : Mas o pessoal não vai querer perder aula.
- 350) **R** - : Então, eu acho que o ideal é ser no intervalo.
- 351) **Gabriela** - : Intervalo é só 15 minutos.
- 352) **Natália** - : Mas o ruim é que no intervalo ninguém vem.
- 353) **R** - : Mas no horário de aula é um pouco mais complicado pra eles virem né?
- 354) **Gabriela** - : Não
- 355) **R** - : E aí como é que fica? Na quinta-feira a reunião? Então a reunião que seria hoje com os representantes fica pra quinta? Nos dois turnos ou em um só?
- 356) **Saulo** - : Tinha que ser nos dois turnos.
- 357) **R** - : Vocês da tarde se responsabilizam por esse turno?
- 358) **Mateus** - : Beleza, me responsabilizo pela reunião a tarde.
- 359) **R** - : Então assim, pra dar bom, é aquele rolê de avisar antes e tal pra garantir, porque senão fica igual hoje que não rolou.
- 360) **Gabriela** - : Teve a greve dos ônibus também.
- 361) **R** - : É, o pessoal não veio quinta, né? Além disso, passei pra alguns de vocês o modelo de estatuto da UBES, que de todo grêmio é parecido e tal e aí vem com a divisão de coordenações, uma dica massa é alguém coordenar a reunião. Tipo assim, alguém senta com um caderninho desse e lista os temas que agente objetiva discutir no dia. Por exemplo, reforma do ventilador, reunião com representantes e Interclasse. São três temas pra discussão, aí uma pessoa vai coordenar a reunião: quem fala em primeiro, em segundo para poder organizar e aí em cada ponto desse decide o que vai fazer: Ah, sobre os ventiladores a gente vai fazer um abaixo assinado, ok essa é a decisão. Sobre os representantes a gente vai apresentar tais e tais propostas pra eles e o fulano de tal vai conduzir a reunião, coordenar a reunião. Seguindo esse ritmo dar pra trabalhar de forma organizada. Geralmente quem faz esse papel é o secretário. Quem é? (Risos do grupo). Mas como eu percebi que tem os cargos, mas vocês se organizam mais de acordo com a afinidade e tal, vocês podem escolher uma pessoa pra coordenar a reunião. Sei lá, vai ser a Nicole, vai ser a Giovana... Uma pessoa que toda reunião vai chegar com o caderninho e: ó surgiu esses pontos e a gente precisa ver o que fazer a respeito. Há, cobertura de quadras tem uma verba aí, mas o que a gente vai fazer? É cartaz, é abaixo assinado? É manifestação? É um debate? E aí tem as áreas, né? Que vocês já sabem. Que é a imprensa, que é a galera que vai cuidar da comunicação (tem

- escolas que a galera faz jornal, tipo um boletim e tal), chama mais pessoas que gostam de escrever, pessoas para além de gente que é do grêmio. E aí escreve notícias, informações, fofoca, algo assim. Mas tipo questões relevantes também, política ou...
- 362) **Natália** - : Mas o ruim dessa escola é que ninguém se interessa. Não tem nada a ver com o assunto, mas passamos um abaixo assinado no início do ano.
- 363) **R - Natália:** Sobre o que?
- 364) **Natália** - : Foi até pra tirar o professor de sociologia. Que estava xingando os alunos na sala.
- 365) **R - Natália:** Xingando?
- 366) **Natália** - : Dando dedo, não deixava os alunos irem no banheiro. Aí ele ficava xingando os alunos, ficavam falando coisa na sala. Aí a gente fez o abaixo assinado.
- 367) **R - :** Quem foi que organizou o abaixo assinado?
- 368) **Jéssica** - : A gente do grêmio.
- 369) **Natália** - : Ai pegou e a direção falou pra gente que não ia tirar e que não sei o que, como é que a gente ia tirar alguém só com uma folhinha de papel.
- 370) **R - :** Quem que falou isso?
- 371) **Natália** - : Acho que foi a Ana Flavia .
- 372) **R - Natália:** Ana Flavia era a antiga diretora? E ela era a favor de que ele continuasse?
- 373) **Natália** - : Ela nunca era a favor do grêmio, tudo que a gente tava fazendo ela...
- 374) **R - Natália:** Então ela era a favor do professor?
- 375) **Natália - R:** É, simples assim.
- 376) **R - :** E ele não saiu?
- 377) **Gabriela** - : Não, mas eu queria que ele tivesse saído, porque os dois bimestres eu fiquei na matéria dele e estou em dependência.
- 378) **R - :** Ele não saiu? Ele continua fazendo a mesma coisa?
- 379) **Natália** - : Continua. Ele fica falando merda pra gente.
- 380) **R - :** Deixa eu fazer uma pergunta pra vocês: Como foi esse processo aí da antiga direção? Como foi isso? Quem podia falar?
- 381) **Gabriela** - : Ninguém sabe porque ela não saiu da escola. Ela acha que é dona da regional. Porque desde o ano passado...ela saiu foi pro CNB, aí não deu certo, ela voltou de novo. Aí esse ano a mesma coisa.

- 382) **R - :** Ela tá aqui na escola?
- 383) **Natália- :** Tá. Ela é professora.
- 384) **R - :** Ela saiu daqui como diretora e voltou como professora?
- 385) **Jéssica - :** Pois é
- 386) **R - :** Como ela agia em relação a grêmio?
- 387) **Jéssica - :** Ela nem deixava a gente entrar.
- 388) **Saulo - :** Não dava apoio.
- 389) **Natália - :** Teve um dia que...um dia antes da eleição de quem ia ser o grêmio né? Ai...a gente tinha que cortar uns quadradinhos que era pro povo votar.
- 390) **R - Natália:** As cédulas?
- 391) **Natália - :** Tinha muito papel, muito papel mesmo. Ai de manhã veio mó galera assim.. Só que ai de tarde quase ninguém pode vir e aí não deixaram os meninos que estavam a tarde sair de sala de aula pra ficar com a gente cortando. Ai só tinha eu e a Giovana pra cortar milhares de papel. Ai a gente tava ali naquela outra sala, ai ela expulsou a gente de lá. Ela e a Célia. Ai a gente teve que cortar as coisas tudo aqui fora, ai passava o vento e voava tudo.
- 392) **R - :** Quem expulsou vocês da sala?
- 393) **Natália - :** A Célia e a Ana Flávia.
- 394) **R - :** Diretora e vice?
- 395) **Gabriela - :** Vice e coordenadora.
- 396) **Natália - :** Trancaram o portão e ninguém pode fazer mais nada. Ai eu fique de...(risos)
- 397) **Jéssica - Natália:** Ela teve que entrar correndo, né?
- 398) **Mateus - :** *, a história de vocês é muito grande, vei.
- 399) **Gabriela - :** Sério?
- 400) **Natália - :** Por que eu estava naqueles dias (risos).
- 401) **R - :** Mas vocês falaram com ela depois que isso rolou?
- 402) **Natália- :** Não. Depois o grêmio foi eleito e a gente ficou meio...tipo...não tinha mais muito o que fazer enquanto comissão eleitoral. Foi mais isso mesmo. Quando começou os debates que ficou doido.
- 403) **R - :** Mas tipo...os estudantes...ela não saiu por causa da pressão dos estudantes não?
- 404) **Gabriela - :** Não. Foi por briga lá na coordenação.

- 405) **Paulo** - : Puxão de cabelo, soco, bicudo... (risos)
- 406) **Saulo** - : A diretora e a coordenadora saiu.
- 407) **R** - : E vocês acham que tá melhor agora?
- 408) **Saulo** - : Tá, depois que mudou a direção à tarde tá melhor.
- 409) **Jéssica** - : Pra vocês.
- 410) **Natália** - : Teve um dia que demorou a passar o ônibus, foi passar já era tardão. Já era muito tarde, chegou aqui na escola e não deixaram a gente entrar. Tinha muita gente mesmo, reclamando, e não deixaram a gente entrar. Ai quando a gente foi pra padaria lanchar abriram o portão e o povo que tinha ido lanchar não deixaram mais entrar. Ai eles abriram quando tinha 10 pessoas só. Sendo que tava cheio, cheio cheio. Muito cheio. Agora melhorou muita coisa, eu não vi mais reclamação por causa das meninas usarem legging. Antigamente não podia usar.
- 411) **Jéssica** - : Não mesmo.
- 412) **Natália** - : Tem essa novidade ai da carteirinha, que eu não acho certo, mas está mais tranquilo. Que essa diretora ai é muito mais calma. Passiva (risos).
- 413) **R** - : Galera qual a decisão que tiramos daqui pra ter sido um espaço produtivo? Pra gente não ter vindo lá da nossa casa, saído cedo, em outro horário, pra não ser em vão a parada. O que o grêmio tira de iniciativa daqui pra andar? A gente tirou a reunião na quinta nos intervalos com os representantes de turma. Pro grêmio chegar lá e falar: E ai galera, sugestões, problemas, sobre várias coisas e, quem quiser colar para participar tbm e tal. E qual a outra coisa que o grêmio poderia tirar dessa reunião? Sei lá...
- 414) **Paulo** - : Eu.
- 415) **Jéssica** - : Eu não posso vei, a tarde.
- 416) **R** - : Mas poderia ser um da manhã e um da tarde.
- 417) **Natália** - : Eu não me garanto, porque falto mais que tudo.
- 418) **Gabriela** - : Eu também não me garanto.
- 419) **Natália - R**: Pra falar?
- 420) **R - Natália**: Seria alguém que chegasse com um caderno, organizando, anotando pra não ficar jogado.
- 421) **Natália** - : Tá, tá bom.
- 422) **R** - : A tarde geralmente é a Renata né? Além dessa reunião com representantes, que vocês vão coordenar, não eu. Que vocês são do grêmio, não eu.

Além da escolha da Natália pra coordenar, Renata a tarde. O que mais podemos tirar dessa reunião pro grêmio fazer. O que mais podemos tirar de proposta? Tem várias áreas, comunicação, cultural, política.

- 423) **Natália** - : Política é massa.
- 424) **Gabriela** - : Política é a Renata.
- 425) **Natália** - : Mil e uma utilidades.
- 426) **R** - : Então, por enquanto é só isso mesmo?
- 427) **Saulo** - : É, acho que sim.
- 428) **Gabriela** - : Ai depois a gente faz outra reunião com o grêmio.
- 429) **R** - : Então é isso. Ai vocês me confirmam pelo whatsapp e ai eu posso vir em algum turno e nós continuaremos conversando. [Falam ao mesmo tempo].
- 430) **R** - : Então, quais são os professores que curtem e apoiam o grêmio?
- 431) **Natália** - : Ninguém (risos).
- 432) **Paulo** - : Nenhum, todo mundo é contra.
- 433) **Jéssica** - : Não, não. não!
- 434) **Saulo** - : Tem alguns que apoiam: A de biologia.
- 435) **Jéssica** - : A de português apoia, ela fala: vai lá, tudo bem.
- 436) **Paulo** - : Ela apoia porquê....
- 437) **Natália** - : Não é que não curtem, é que ninguém apoia.
- 438) **Jéssica** - : Ninguém gosta que saia da sala, às vezes entra na sala e fica atrapalhando a aula.
- 439) **R - Jéssica**: Eles falam por que que não gostam?
- 440) **Jéssica - R**: Não! É só porque atrapalha as aulas deles mesmo
- 441) **Natália** - : Tinha um tempo que eles reclamavam muito, muito, muito era quando a gente passava em salas fazendo as apresentações do grêmio.
- 442) **Jéssica** - : Direto.
- 443) **Natália** - : Porque eram três grêmios ai a gente passava em todas as salas, toda hora.
- 444) **R** - : Apresentando proposta de chapa?
- 445) **Jéssica - R**: Os três.
- 446) **Natália** - : Os três toda hora. Ai os três grêmios tinham que passar em sala toda hora.

- 447) **R** - : Essa outra galera das outras chapas, eles são representantes de turma?
Alguns...
- 448) **Natália** - :São, porque todo mundo que chamou pra ser do grêmio era vice e representante.
- 449) **Jéssica - Natália:** Não. Da comissão... [Falam ao mesmo tempo]
- 450) **Gabriela** - : Eu acho que se eles se juntassem a nós, nós conseguimos fazer um monte de coisa, né?
- 451) **R** - :Então, vocês podem chamar eles pra reunião
- 452) **Natália - R:** Eles não querem mais, eles só querem saber se eles forem ganhar, se eles forem o poder.
- 453) **Jéssica** - : É eles, só eles e acabou..
- 454) **R** - : Mas os que forem representantes vem, né? É isso galera, a gente já acabou.

GRAVAÇÃO DE ENCONTRO 3 (G02)

(12/09/2017, 33 min e 58 segundos)

Presentes: Natália, Saulo, Paulo, Rafaela, Marcos, Fernando, Vanessa

1. **Renata** - : Era * quando a gente vinha de noite
2. **R** - : E a noite tem alguém do grêmio?
3. **Mateus** - : Tem o Daniel
4. **Paulo** - : Galego, moço.
5. **Renata - Paulo:** Galego saiu.
6. **R** - : E não tem alguém que pode vir no noturno não?
7. **Renata** - : Oxi, eu venho de boa. A minha amiga que vinha de noite, ela saiu do grêmio.
8. **Paulo - Renata** : Quem era?
9. **Renata - Paulo:** Que vinha pra pegar os boy. A Lorena, po.
10. **R** - : Eu tô pensando em vir a noite pra tentar fazer esse mesmo rolê.
11. **Saulo - R:** Oxi, pode fazer. É só marcar.
12. **Renata** - : Bora po, de noite tem altas pessoas responsável.
13. **R - Renata** : Responsável?
14. **Paulo** - : Ideia, de noite é massa.
15. **Renata** - : De noite é muito*.
16. **Paulo** - : Só os coroa.
17. **Renata** - : Aqui a noite é* porque o professor passa um mês sem vir, aí na semana que ele vem, quer passar em uma semana o que o aluno não aprendeu.
18. **Jéssica** - : É tipo assim.
19. **R** - : E a noite tem representante também né? Então se marcar a noite vocês veem?
[Falam ao mesmo tempo].
20. **Paulo** - : Ai depois a gente faz uma resenha.
21. **Natália** - : Depende do dia da minha igreja, porque eu sou evangélica (risos).
22. **R** - : Então galera, essa parada que o Fernando falou é importante, tipo...de pegar esse tempo que a gente vem aqui e transformar ele em tempo útil. Então assim...rolou essa parada, e só pra relembrar, principalmente vocês que chegaram depois. A gente trouxe os representantes e quais foram as decisões: Primeiro, a galera quer voltar com as músicas na hora do intervalo e acho que é uma parada que anima a escola. E aí, o que rola? A galera vai sentar com a direção pra falar e vai catar os representantes e

informar que eles tem que passar duas, três músicas por sala pra ir colocando de forma aleatória no intervalo. A gente definiu quem vai fazer isso de manhã, precisa ver quem vai fazer isso a tarde.

23. **Paulo** - :Eu, eu!

24. **Jéssica** - : Eu acho que tinha que pegar música pra ir a semana inteira, entendeu?

25. **Renata** - : Mas é a semana inteira.

26. **Jéssica** - : Então.

27. **Renata** - : Então, eu acho que a semana inteira não vai rolar porque tem reunião de coordenação.

28. **R** - : Então assim...três músicas por turma?

29. **Saulo** - : Não, à tarde nós coloca.

30. **Renata** - : A tarde não tem essa treta toda vei.

31. **R** - : Beleza. Mas a tarde vocês não acham que tem que fazer o mesmo esquema?

32. **Paulo** - : Não.

33. **Saulo** - : Não.

34. **Renata** - **R**: Não, sabe por que? Não tem essa coisa, entendeu? Por exemplo, na época do trote os meninos que viam pedir pra por as músicas.

35. **R** - : Então vamos tentar fazer isso a partir de amanhã?

36. **Saulo** - : Hoje.

37. **R** - : A partir de hoje? (Risos).

38. **Jéssica** - : A partir do segundo intervalo, agora?

39. **Renata** - : A revolução.

40. **Jéssica** - : É verdade. [Falam ao mesmo tempo].

41. **Vanessa** - : O problema é passar do horário do intervalo (risos) Gente, vocês não vão embora agora. Só vão embora depois do intervalo. Pra vocês colocarem as músicas.

42. **R** - : Galera! Galera! Galera!

43. **Vanessa** - : Gente! Galera! Vocês também fazem parte...

44. **R** - : A tarde é massa por hoje. De manhã o que ficou combinado com os representantes foi catar as musiquinhas.... Falam ao mesmo tempo: Não!

45. **Fernando** - : Se tocar pisadinha todo mundo concorda. (Risos).

46. **R** - : O mais prudente é que vocês avisem antes de tocar.

47. **Vanessa** - : Nada aqui é prudente.

48. **R** - : Senão os caras vão vir em mim e falar: ô indivíduo o que você está fazendo * dessa escola* ?(Risos)
49. **R - Jéssica** : E a terceira coisa foi a questão dos horários. Você que foi afetada hoje, o que você acha disso?
50. **Jéssica** - : Acho uma merda e não é a primeira vez. Eles só não vão dar advertência porque é muita gente. [Falam ao mesmo tempo].
51. **Vanessa** - : Escuta, tem um menino da minha sala o Gabriel, ele sempre chega cedo. Ele chegou 7:46 e o Edmundo não deixou ele entrar.
52. **Renata** - : Teve um dia que ele falou: tu mora em frente à escola e se atrasou? Vei, a gente estava fazendo o trabalho de Inglês que era tudo no mesmo dia.
53. **R** - : A galera da manhã encaminhou isso, de reunir, aí fica 7:15 a 12he15 e se não rolar faz o abaixo assinado.
54. **Vitória** - : Sim.
55. **R** - : E a tarde em relação ao horário?
56. **Vanessa** - : Gente, deixa eu sair que tem prova oral.
57. **R - Vanessa**: Vai lá!
58. **Jéssica - Vanessa** : Vixe, se ferrou. É de história é? É só três questões só.
59. **R** - : Quando eu estudava lá no Gama rolava o esquema tipo de computar o número de atrasos, entendeu?Tipo assim...você podia chegar atrasado três vezes, aí quando rolava a terceira já começava...
60. **Fernando** - : Aqui a direção queria fazer assim também, mas...
61. **R - Fernando**: Mas o que?
62. **Fernando** - : Parece que o povo daqui não gosta de trabalhar.
63. **R** - : Mas aí, o que vocês acham sobre os horários da tarde?
64. **Renata** - : Eu tinha uma professora que disse que a escola deveria ser sem muros, pra entrar só quem quisesse estudar realmente.
65. **R** - : Tem uma parada aqui que eu queria mostrar pra vocês. Acho que tá aqui. Aqui oh. Não sei se vocês já escutaram falar do MPL. Isso é massa discutir, porque o passe estudantil, me ferrou semana passada. Tem umas paradas que eu concordo com esse movimento e outras que não concordo, mas o fato é que o passe só existe porque uma galera se manifestou. Aí aqui eles colocam tipo uma linha do tempo de como foi conquistado o passe estudantil. A maioria das coisas que temos hoje foram direitos conquistados. Manifestação, abaixo assinado...então tem a ver com essa questão do

horário de entrada. Por isso achei interessante o que a Vanessa falou, “olha se não acontecer a mudança que a gente quer a gente faz abaixo assinado”.

66. **Renata** - : Não, se não rolar o abaixo assinado, combina todo mundo de sair na mesma hora e foda-se* .Quero ver quem vai impedir de sair. [Falam ao mesmo tempo].

67. **Fernando - Renata** : Ai começam a quebrar as coisas né?

68. **Renata** - : Não (Risos)

69. **R - Renata** : Ai aqui eles colocam a trajetória, na década de 80 tinha só meia passagem. Lê ai pra nós.

70. **Renata** - : Tudo dele tem que ser eu (Risos) Década de 80, meia passagem conquistada por estudantes. Década de 90 o movimento estudantil apresenta a bandeira do passe livre estudantil no DF.

71. **R -** : Ou seja, começou em 90 essa luta pelo passe livre. Eu nem era nascido.

72. **Renata** - : Em 2004, nasce o movimento passe livre do distrito federal. Em 2005, câmara legislativa do distrito federal aprova projeto passe livre.

73. **R -** : Olha ai. A galera começou a luta em 90 e em dois mil e...

74. **Renata** - : Em 2005.

75. **R -** : Em 2005 conquista.

76. **Renata** - : Em 2009 passe livre é homologado, em 2010 passe livre estudantil é implementado, 2015 Governo começa a restringir passe livre sem fiscalização, 2016 estudantes ocupam Dftrans contra problemas no passe livre, 2017 implementação da biometria facial e campanha...

77. **R -** : Ai o que rola, eles colocam essa biometria especificamente nos ônibus da UnB. Tira uma foto do seu rosto e vários cartões foram cancelados. Na real o passe estudantil deveria ser a apresentação do seu uniforme ou da carteirinha da escola, entendeu? Tanto para ir em eventos culturais...

78. **Paulo - R**: Nos Estados Unidos é assim né?

79. **R - Paulo**: Não sei se é assim. Eu sei que se é passe livre, deveria ser livre mesmo.

80. **Renata** - : É toda uma burocracia pro passe livre, tenho até preguiça de fazer.

81. **Fernando** - : Eu pedi o meu a dois meses atrás e até hoje não chegou.

82. **R -** : To falando isso, por que? Porque vocês estão falando de cobertura de quadra

83. **Renata** - : Já tem verba pra cobrir essa quadra. Não sei porque não acontece.

84. **R -** : Por que não teve pressão.

85. **Fernando** - : Por que tão guardando dinheiro.
86. **Renata** - : Mas é sério, a diretora me chamou mó feliz pra falar que tinham liberado a verba pra cobertura de quadra pra começar e tal. Passou um mês, essa *nem começou.
87. **R** - : Mas vocês viram que o passe estudantil foi aprovado na câmara em 2005 e ele só começou a ser implementado em 2009, e isso porque a galera pressionou também. Então acho que se não rolar essa pressão é mais complicado. Fui lá no IFB do Riacho Fundo, como havia explicado pra vocês, e eles tem um tempo a mais de experiência, eles ocuparam o IFB, eles vão pra manifestação direto. Ai o que pensei: talvez seria massa uma troca de informação deles com vocês.
88. **Saulo** - : Tinha que ter manifestação, pra ver se melhorava isso ai.
89. **Felipe** - : Moço, sou de acordo com manifestação.
90. **Paulo** - : Tem que ter manifestação mesmo [Falam ao mesmo tempo].
91. **R - Paulo**: Você acha que a galera, participa?
92. **Saulo - R**: Participa!
93. **Renata** - : Eu acho que todo mundo devia chegar tarde, ficar o primeiro horário lá fora e depois entrar.
94. **R** - : Deixa eu perguntar, em qual momento daria pra reunir com o pessoal do Grêmio do IFB? Se acontecer alguma reunião lá, dá pra vocês? [Falam ao mesmo tempo]. É no Riacho Fundo 1, ai fica perto dos Bombeiros, perto da escola de Ensino Médio do Riacho Fundo.
95. **Paulo** - : Acho que sei onde que é.
96. **R** - : Vocês conseguem chegar lá?
97. **Saulo** - : Consegue sim.
98. **Renata** - : Se for todo mundo.
99. **R** - : Acho que seria interessante vocês irem lá, mais do que eles virem aqui. Pra vocês conhecerem lá e tal.
100. **Saulo** - : Conhecer gente nova.
101. **R** - : A intenção é exatamente essa, trocar experiência. E quem sabe pode rolar um movimento junto ai. E bom...tem isso e eu fiquei sabendo...Essa mesma pesquisa que estou fazendo, eu li uma sobre prefeituras comunitárias do Riacho Fundo 2.Vocês já ouviram falar?
102. **Saulo - R** : Não, só de administrador.

103. **R** - : Mas prefeitura comunitária, é tipo...rola uma eleição naquela quadra e você escolhe os líderes comunitários dali.
104. **Paulo - R** : É tipo o “neguin” aqui.
105. **R - Paulo**: Quem?
106. **Paulo - R**: O pai dela (refere-se a Rafaela);
107. **Renata** - : Ele olha, procurando (Risos)
108. **R - Renata** : Ele é da Prefeitura comunitária? É líder comunitário?
109. **Renata - R**: Mais ou menos. Ele quase foi administrador, ele fez a feira ali e tal. Quando tem treta na comunidade ele vai conversar com o administrador.
110. **R** - : Então, essas prefeituras fazem tipo essa ligação com a administração. Descubrem os problemas que existem e levam a administração. Onde fica a administração do Riacho Fundo 2?
111. **Saulo - R**: Fica ali pra cima, tu pega ônibus aqui?
112. **Renata - R**: É só pegar qualquer ônibus daqui.
113. **R** - : E vocês conhecem alguém aqui mais histórico do Riacho Fundo, que possa falar mais sobre a história porque vocês falaram que surgiu com ocupação e tal, e de fato foi um pouco isso. Acho que foi a Gabriela que falou, e foi isso mesmo.
114. **Fernando - R** : Moço, quando eu cheguei aqui não tinha nada.
115. **Renata** - : Não tinha escola, não tinha nada. A gente passava de bicicleta, tinha uns buracos.
116. **Fernando** - : Tinha uns buracos que os carro atolava e não saiam de lá. [Falam ao mesmo tempo].
117. **R** - : Vocês não conhecem ninguém mais antigo aí?
118. **Renata** - : Meu pai, é antigo *. Eu cheguei aqui, tinha 5 anos, eu acho.
119. **Fernando** - : Cheguei aqui em 2004.
120. **R** - : Mas aí uma outra parada que eu vi. Aqui rola um lance muito de preservação ambiental. Porque tipo nessa área aqui é cheio de nascente...
121. **Paulo** - : Preservar o que?
122. **R** - : Preservar o que tem pô. Em uma reunião que fui lá no IFB, aonde estava presente uma mulher da Administração do Riacho Fundo ela disse que vai começar um processo de limpeza do riacho, não sei se vocês sabem, um dos riachos daqui abastecem o lago Paranoá e água que vocês vão beber virá desse riacho. Então vai ser

essa água que vai começar a abastecer o Riacho Fundo 2, então preservar pra beber.

Eu nem sabia disso, e ninguém tá ligando pra isso?

123. **Renata** - : Ninguém liga.
124. **R** - : E o que vocês acham que era possível fazer em relação a isso?
125. **Saulo - R** : Acho que tem que resolver aqui na escola primeiro pô.
126. **Paulo** - : Uma palestra, sei lá.
127. **R** - : Então, se fosse rolar uma palestra aqui. Como é que faria?
128. **Renata** - : Vêi, a gente tiraria um dia ali que tivesse só três aulas. Ai teria que ser um dia que não chova pra não estragar tudo. A gente coloca as cadeiras tudo ali fora.
129. **R** - : Quais temas poderíamos debater?
130. **Saulo** - : Acho que as drogas (Risos).
131. **R** - : O que além das drogas?
132. **Renata** - : O assédio aqui dentro da escola porque as meninas ficavam me enchendo o saco, rolou mó treta no debate por causa disso. Assédio, questão de bullying, questão de homofobia. Não posso falar nada né de homofobia? Mas...
133. **R - Renata** : Por que?
134. **Renata - R**: Porque não posso.
135. **R** - : O que mais?
136. **Saulo** - : Esse do meio ambiente também.
137. **Renata** - : É, pode ser. Eu não sei se vocês apoiam, fazer uma palestra para deixar os alunos cientes desses assuntos, de homofobia, de bullying, dessas coisas todas e depois a gente via o que os alunos acham porque essas coisas ocorrem dentro da escola.
138. **Fernando** - : O pessoal da tarde gosta de discutir.
139. **Saulo** - : Podia falar do que que a gente já tá fazendo. Porque o povo acha que não fazemos nada.
140. **Paulo** - : O que a gente faz a direção fala que foi eles.
141. **Renata** - : Esse é o problema.
142. **R** - : Então vocês não acham que seria massa fazer algo para comunicar os estudantes, por exemplo uma página no Face.
143. **Paulo** - : Tem que ser pessoalmente.
144. **Saulo** - : Tem o site do nosso grêmio.

145. **Fernando** - : Mas ninguém entra, tem nem três acesso aquilo.
146. **Renata** - : Nem eu entro naquela *. Eu só entrei pra ler os documentos que o Luís tinha falado pra gente ler.
147. **R** - : Podia ter, sei lá...
148. **Paulo** - : Moço se a gente tivesse uma sala a gente ia fazer as coisas todo dia.
149. **Renata** - : Até os trabalhos eu ia fazer lá.
150. **Fernando** - : A gente depende de uma sala moço.
151. **Renata** - : A gente ficava nessa aqui, mas quando os professores precisavam usar a gente saía.
152. **Paulo** - : Tínhamos que ver isso logo porque é direito o grêmio ter uma sala
153. **Saulo** - : É, nosso direito.
154. **R** - : Por que vocês não...
155. **Renata** - : É porque a escola não tem estrutura na verdade.
156. **Paulo** - : Tem essa sala aqui (referindo-se a sala de reuniões de coordenação dos professores, dividida por um local onde guardam materiais).
157. **Fernando** - : É mesmo, essa sala aqui do lado.
158. **Saulo** - : Tinha que ver lá naquele canto, pra gente fazer lá.
159. **Paulo** - : Dava pra ser lá.
160. **Renata** - : Eu nunca nem vi essa sala, nunca passei perto pra ver como é que está.
161. **Fernando** - : Aquela lá do final não dá não, tá cheia de livro.
162. **Paulo** - : Moço a diretora disse que ia devolver os livros, moço...
163. **Renata** - : Não ia devolver os livros pra regional? Então, vamo fazer isso logo, por favor.
164. **R** - : Podia fazer o mapeamento de onde podia ser a sala do grêmio. Dos possíveis locais, entendeu? Podia ser aonde então?
165. **Paulo** - : Lá mesmo.
166. **R - Paulo**: Na cantina?
167. **Paulo** - : Moço, bora lá.
168. **Saulo** - : Bora lá.
169. **R** - : Bora ver lá. (Saímos do cineclube e andamos pela escola).
170. **Renata** - **R**: Ta vendo esse laboratório aqui, estava desativado. A gente precisava urgente, porque a gente já tinha perdido um bimestre sem. Aí a gente

pressionou a direção, a gente pressionou na segunda e na quarta a gente já tava com o laboratório.

171. **R - Renata** : E o que que faltava?
172. **Renata** - : Faltava tirar os livros e colocar as mesas no lugar.
173. **Saulo** - : E lugar pra colocar os livros.
174. **Renata** - : É, falaram que não tinha lugar pra guardar. A gente que ia limpar, né? A diretora arranhou uns caras pra limpar.
175. **Saulo - R**: E a gente não é empregado. (Risos)
176. **Renata** - : Não to nem recebendo nota, nem nada.
177. **R - Renata** : Ai eles disseram que iam devolver os livros pra regional?
178. **Renata** - : Mas foi a outra diretora que falou. Que ia separar 10 de cada.
179. **R** - : Vocês sabiam né, que vocês mesmos podem ir lá na regional e tipo...
180. **Saulo** - : É.
181. **Renata - R** : Ah, eu não gosto da diretora da regional não, ela não gosta de mim...
182. **Paulo** - : Vamos voltar pra sala.
183. **Renata** - : A que estava na reunião lá.. (Voltamos pra sala).
184. **R** - : Mas e aí vocês falaram. Falaram da sala e, o que fazer a respeito? [Falamos ao mesmo tempo].
185. **Paulo** - : Se nós for sair daqui, já era. Nós fica sem sala.
186. **R** - : Essa sala é boa pra fazer cinedebate né? Trazer umas pipocas, suco... (Risos) Mas cabem poucas pessoas.
187. **Renata** - : Tiraram a cortina daqui.
188. **Jéssica** - : É.
189. **R** - : Galera, vocês já pensaram em ter reunião com a regional? Porque vocês passam algumas coisas pra direção e ela não encaminha.
190. **Renata** - : Eu não tenho paciência, a gente já se reuniu com a diretora da regional, esqueci o nome dela, queria muito lembrar.
191. **Saulo** - : Moço*. Não gosto dela não.
192. **Renata - Saulo**: Tu tava na reunião a noite?
193. **Saulo - Renata**: Tava.
194. **Renata** - : *, eu fiquei com tanto ódio daquela mulher. Fiquei irada com ela.
195. **Giovana - Renata**: Irada? (risos)

196. **Renata** - :Tava o administrador, bombeiro...
197. **R** - : Reunião do que?
198. **Renata** - :Reunião que teve com os moradores da cidade e com os alunos da escola do noturno. E tipo, falaram que o Antônio não fazia nada pela escola e realmente ele não faz. E tipo...ele vinha pra escola só pra marcar presença, não ajudava em nada, quem trabalhava era só a Ana Flávia e a Célia. E tipo, os pais ficaram indignados com o grêmio, faltaram matar o Leandro dentro da sala. Falaram que o Leandro estava indo contra Antônio e o Antônio fazia coisas sim pela escola. Teve mó treta, ela discutiu pra caramba com o grêmio.
199. **R** - : E com o Leandro?
200. **Saulo** - : Foi que o Leandro entrou com um processo lá porque eles não estavam querendo deixar nós entrar e é lei do estudante. E ela falou que ele queria ser mais que ela, primeiro tinha que falar com ela, aí o Leandro fez direto e nem falou com ela.
201. **Renata** - :Aí ela falou que ia voltar e fazer uma reunião com o grêmio e com a escola.
202. **R** - : E nunca mais voltou?
203. **Renata** - :Se ela voltar o grêmio vai matar ela, na verdade.
204. **R** - : E o que vocês fizeram pelo grêmio além da questão do laboratório? Tipo, de conquista assim...
205. **Saulo** - : Rolou a festa junina também.
206. **Renata** - **Saulo**: Mas a festa junina foi uma bosta.
207. **Paulo** - : Foi uma bosta.
208. **R** - : Por que foi ruim?
209. **Renata** - **R**:Porque os alunos não participaram.
210. **R** - : Não veio ninguém? Eita! Então, laboratório festa junina e o que mais?
211. **Renata** - :Colou gente, mas foi pouca.
212. **Saulo** - :O último grêmio no mandato todo deles só fizeram festa junina, nós já fizemos duas coisas.
213. **R** - :O ultimo grêmio era quem, vei?
214. **Paulo** - :Os nerdão que chamaram nós de maconheiro.
215. **Saulo** - **R**: É, chamaram nós de maconheiro.
216. **R** - **Saulo**:Eles eram da outra chapa?

217. **Saulo - R:** Sim, que disputou com nós
218. **R - :** Eles são da manhã ou da tarde?
219. **Saulo:** Daqui, da manhã [Falam ao mesmo tempo].
220. **R - :** É galera, então eu vou nessa. Pelo menos a reunião com representantes do matutino a gente conseguiu fazer, né? Vamos tentando executar essas propostas que a gente conversou...
221. **Renata - :** Preciso ir pra minha casa porque tenho que fazer um trabalho.

GRAVAÇÃO DE ENCONTRO 4 (G03)

(28/09/2017, 43 min e 10 segundos)

Presentes: Natália, Jéssica, Gabriela, Saulo, Paulo, Renata, Leandro

1. **R** - : Gravando.
2. **Natália - R**: Tá gravando? Oi, meu nome é Natália.
3. **Gabriela - Natália**: Nossa Natália, *.
4. **R** - : Inclusive eu estou digitando agora as últimas gravações, estão engraçadas! (Risos).
5. **Jéssica - R** : Meu Deus, não quero nem saber como é que ficou.
6. **R** - : Depois eu mostro pra vocês.
7. **Jéssica - R**: Não, precisa não...
8. **R** - : Então, antes da gente trocar ideia sobre esse lance da música, intervalo cultural, as atividades...eu queria fazer três perguntas a vocês, é meio chatinho, mas necessário pra gente tentar avançar. Primeiro, rolou as provas aí. Vocês foram bem nas provas?
9. **Gabriela** - : Nossa.
10. **Natália** - : Po, demais.
11. **Jéssica** - : Vei 2,24 em humanas. Quando que eu consigo tirar um trem desse moço? Eu fiquei de cara com a minha nota.
12. **R - Jéssica**: É quanto a nota máxima?
13. **Natália - R**: 3.
14. **R** - :3?
15. **Jéssica** - :Eu: Tá.....! [Falam ao mesmo tempo].
16. **R** - : Então galera, aproveitando que a gente tem pouco tempo. Qual a relação que vocês tem com os professores, em relação ao que diz respeito a participação de vocês no grêmio estudantil?
17. **Natália - R**: Nenhum.
18. **Gabriela** - : Nenhuma.
19. **Jéssica - R**: Nenhuma, moço.
20. **Paulo** - : No começo tinha.
21. **Saulo** - : No começo tinha.
22. **Paulo** - : Nós tinha moral.

23. **R** - : O que eles falam sobre a participação de vocês no grêmio? Eles apoiam? Eles ajudam?
24. **Saulo** - : Apoiam.
25. **Natália** - : Só se for a tarde, de manhã só mete o pau.
26. **Gabriela** - : Não.
27. **Natália** - : É sim, tem uns professores que só mete o pau. Fala que é perca de tempo.
28. **Gabriela** - : Deixe eu ver... é, a maioria. Mas tem alguns que apoiam.
29. **R - Natália**: Fala o que?
30. **Natália** - : Fala que não quer que atrapalhem a aula dele.
31. **Jéssica** - : Que não gosta que atrapalhe a aula dele.
32. **Natália** - : Antigamente a gente passava nas salas.
33. **R** - : E nenhum professor falou assim: Ah, eu posso ajudar o grêmio de alguma forma?
34. **Natália** - : Não.
35. **Gabriela** - : Não.
36. **Giovana** - : Não, nenhum.
37. **R** - : Tá e qual é essa relação com a orientação educacional, com a coordenação?
38. **Gabriela** - : Pior ainda.
39. **R** - : E com a família? A família sabe que vocês participam?
40. **Natália** - : Sabe.
41. **Gabriela** - : Sabe.
42. **Jéssica** - : Minha mãe odeia.
43. **Natália** - : Minha mãe também.
44. **Gabriela** - : Minha mãe faltava me matar quando eu estava na comissão porque eu vinha todo dia pra cá.
45. **Saulo** - : A minha é de boa. (cochicho de João)
46. **R** - : Só a mãe do João que sente orgulho por ele participar do grêmio, então?
47. **Gabriela** - : Oh meu deus. (risos)
48. **R** - : O restante...
49. **Gabriela** - : Tipo, minha mãe nem liga. Mas no início, quando eu tava na comissão...
50. **Salatiel** - : No início era tudo fogo de palha.
51. **R** - : E quando vocês veem no turno contrário assim e fala que é pro grêmio. É tranquilo?
52. **Paulo** - : Sim.

53. **Saulo** - : Sim

54. **R** - : Então, só pra gente tentar avançar. Lembram que a gente tinha marcado reunião com os representantes né, nos três turnos? Ai só rolou no matutino, faltou no vespertino e no noturno. Na reunião do matutino, quais foram as decisões? Música no intervalo, com a galera passando as músicas aos representantes de turma e o grêmio recolhendo, ai tinha ficado Natália e Gabriela de ver isso, ai deu uma confusão. Vocês podem explicar isso ai? O que aconteceu, vocês colocaram a música e tal?

55. **Saulo - R**: Naquele mesmo dia, apareceram ali na porta ai já pagando sapo. (risos)

56. **Natália** - : Moço, foi treta.

57. **R** - : Eu falei três vezes: conversa, conversa na coordenação.

58. **Saulo** - : Vocês pediram autorização pra quem?

59. **Jéssica** - : Ué.

60. **Gabriela** - : Mas a gente não manda? (Risos)

61. **R - Gabriela**: Ham...

62. **Natália - Gabriela**: O que?

63. **Gabriela** - : Não manda?

64. **R** - : Então vocês fizeram isso um pouco nesse intuito? É a gente que manda aqui...

65. **Salatiel - R**: É.

66. **Paulo** - : Nós pensou que era assim, né?

67. **Saulo** - : Antigamente era assim.

68. **Gabriela** - : Comando Vermelho. (risos) (Nicole comenta algo com Giovana)

69. **R - Natália - Jéssica**: Oi?

70. **Jéssica - R**: Nada, é assunto pessoal.

71. **Gabriela - Natália - Jéssica**: Deixa pra resolver depois da reunião, por favor.

72. **Natália** - : Desculpa. (risos)

73. **Jéssica - Natália**: Louca.

74. **R** - : Então, rolou isso. A sugestão é a seguinte: tem um professor que acabei de falar com ele, esqueci o nome.

75. **Gabriela** - : Deivison.

76. **R** -: E tem a professora Catarina a tarde, a Catarina eu conheço. Ela é da Unb, ou era. Ai algo que ajudaria a resolver essa parada da rádio era a gente sentar com eles e ver como poderiam ajudar. Além de músicas aleatórias passar músicas que caem no PAS, no Vestibular, no ENEM.

77. **Gabriela** - : Esse ano vai cair música no PAS, muita música.
78. **R** - : Teve uma época que caiu Racionais, cai também Chico Buarque.
79. **Paulo** - : Funk que é bom.
80. **Gabriela** - : Sertanejo.
81. **R** - : Quem vai saber responder isso é o professor de artes. Aí ele vai falar: tem tal e tal música. Tem essa música que a gente poderia usar pra tal discussão. Ai não sei o que vocês acham. Mas seria um esquema da gente procurar eles e conversar. Não precisa ser algo tão demorado não. Só pra tentar esquematizar porque se avisar coordenação antes não tem problema. Pra explicar pra vocês: Eu peguei o PPP da escola.
82. **Gabriela - R**: O que é isso?
83. **R** - : É o Plano Político Pedagógico. É um documento vai dizer assim: ó a escola é isso e precisa fazer isso esse ano. E o que diz o PPP? Tem que ter a rádio escolar, tem que ter o jornal escolar, tem que ter o grêmio estudantil e várias outras atividades. Então quando vocês propõem rádio, jornal escolar, ou sei lá, qualquer atividade do grêmio. Isso está no PPP. E eles, coordenação e direção não podem questionar. Está tudo planejado para ser dessa forma. Só para vocês não terem um receio, aquela preocupação do tipo: Caramba! Eu vou fazer isso aqui e vão me perseguir, vão dá advertência. Vai me expulsar da escola e tal, tipo...não. Aí eu queria ver se vocês topam. Ai a segunda coisa...
84. **Jéssica** - : Já eu volto. Vou fazer a prova agora.
85. **R - Jéssica**: De boa!
86. **R** - : A segunda coisa é tentar ver esse encontro com o pessoal do IFB, que a galera topou. Ai a Renata disse que talvez seria melhor chamar eles aqui. Ai eu não sei o que vocês acham. Porque ela tem receio de que se for lá vocês não vão.
87. **Saulo** - : Quase ninguém vai querer ir.
88. **Natália** - : Quase ninguém vai querer ir não.
89. **Gabriela** - : Tu acha que eu ia perder meu tempo?
90. **R** - : Vocês não querem conhecer ares diferente, então. Querem ficar sempre aqui.
91. **Natália** - : Não é que a gente não quer, sei lá. Eu to desanimada.
92. **Gabriela** - : Assim, eu já tenho preguiça de vir pra escola. Quem dirá ir no IFB.
93. **Natália - R**: Mas é o do Gama?
94. **R - Natália**: Do Riacho.

95. **Natália** - : Piorou.
96. **Gabriela** - : Piorou.
97. **Natália** - : Se fosse pelo menos Samambaia. (risos)
98. **R** - : Então chama eles pra cá? Não?
99. **Natália** - : É, porque ai a gente ver se eles querem trabalhar mesmo com o grêmio. (risos)
100. **R** - : Porque é isso. O intuito de vocês trabalharem juntos com eles é porque eles têm muito a contribuir com vocês, por exemplo, eles ocuparam o IFB. Então esse lance que vocês falaram do: Não é a gente que manda? Isso aconteceu. O IFB foi deles durante um longo período. Os estudantes controlavam o Instituto e tal. Bom, não sei o que vocês acham disso.
101. **Gabriela - R**: Será que rola da gente fechar a escola?
102. **Natália - Gabriela**: Tipo,ninguém vai pra aula hoje?
103. **Gabriela** - : Tipo,assim...
104. **Natália** - : Não sei. (risos)
105. **Saulo** - : Antes era por causa do segundo horário.
106. **Gabriela** - : Agora pode ser porque a gente tá cansado. Ano passado teve uma semana de recesso. Aí podia fazer esse ano.
107. **R** - : O que vocês acham de saindo daqui a gente conversar com a coordenação sobre o lance da música? Semana que vem tem os jogos né?
108. **Saulo** - : Tinha que ter os professores. Nós falava com os professores e depois com a direção.
109. **Natália** - : Ou, falando em jogos. Alguém sabe se o Leandro já conseguiu os materiais?
110. **R** - : A gente podia falar com a vice-diretora. O que vocês acham?
111. **Gabriela** - : Mas ela está ocupada. Não está não? Quando ela está ocupada ela nem olha na nossa cara direito.
112. **R** - :O * é que na reunião com representantes geral cobrou isso, a gente ficou de fazer e ninguém fez nada né? Ai os representantes da manhã estão tipo: e ai galera, vocês reúnem a gente, a gente coloca as questões e ai?
113. **Natália - R**: Mas naquele dia vieram no máximo três representantes.
114. **R** - : Vieram uns 6.

115. **Natália - R:** Não, vieram representante e vice. Toda sala tem um vice e um representante.
116. **R - Natália:** Mas tu acha que deveria rolar com todos os representantes, então?
117. **Natália - R:** É, porque todas as salas tem que estar ciente
118. **R - :** Eu acho que a gente chamou e veio quem quis. Eu acho que se chamar outra, a galera que veio na primeira vai ficar: caramba. De novo? A mesma coisa? Igual o grêmio fica as vezes: caramba reunião de novo, pra discutir a mesma coisa? Então acho que a hora é de fato tocar as coisas, falar menos e agir mais. O que vocês acham?
119. **Gabriela - :** * vei. Cadê o resto dos meninos?
120. **Saulo - :** Quando é reunião a tarde o grêmio todo aparece, o grêmio da tarde.
121. **Gabriela - :** Falta de responsabilidade.
122. **Natália - :** Nossa, tinha gente vei.
123. **R - :** Então vocês acham que é possível? A gente sai daqui e faz essa conversa com a vice diretora.
124. **Saulo - :** Agora.
125. **R - :** Quando tem jogos assim, não tem aula? São só jogos?
126. **Saulo - R:** Não.
127. **R - :** Então não tem intervalo também?
128. **Natália - R:** Não, tu fica andando.
129. **R - Natália:** E jogando...
130. **Natália - :** É, vai ter campeonato de truco.
131. **Gabriela - Natália:** Vou jogar contigo.
132. **R - :** É, bom...E o que tem mais além da música? Bom, teria o intervalo cultural né?
133. **Natália - :** O que é isso?
134. **R - :** Você aumenta o período do intervalo para alguma apresentação no pátio.
135. **Natália - :** Nunca vi.
136. **Gabriela - :** Há, sei.
137. **Natália - :** Aqui eles fazem isso quando tem o trote.
138. **Gabriela - :** Mas eu já vi sim o intervalo cultural.
139. **R - :** Geralmente é alguém que canta, que tem uma banda...sei lá.

140. **Saulo** - : A gente tinha que conversar com a professora logo antes do Show de talentos.
141. **R - Saulo**: Qual professora, de artes?
142. **Saulo - R**: De Educação física.
143. **Gabriela** - : Eu vou pra sala, mostrar meu caderno de história.
144. **R** - : Mas ela faz isso nos jogos?
145. **Saulo** - : Podia falar com ela. Na abertura dos jogos.
146. **Gabriela** - : Oxi. A tarde tem isso? De manhã não tem não(risos)
147. **João** - : De manhã não tem nada.
148. **Natália** - : Oxi, nunca vi isso aqui não.
149. **Gabriela - Natália**: Ó bichinha tu começou esse ano...
150. **R** - : Galera, ainda não perguntei a vocês, mas deixa eu fazer uma pergunta. Vocês estão ligados o que acontece nessas questões da política nacional e tal?
151. **Gabriela** - : Não. (riso)
152. **R** - : O que vocês acham disso?
153. **Natália** - : Eu não sei nada de política, eu não gosto dessas coisas.
154. **R** - : Nas reformas que estão rolando, reforma trabalhista e tal. Vcs não estão ligados? Nada, nada?
155. **Gabriela** - : Nem televisão eu tenho tempo de assistir.
156. **Natália** - : Não é que eu não tenho tempo, é que eu não gosto mesmo. Eu vejo uma noticinha lá..ah massa(risos). Eu não sou ligada com essas coisas.
157. **R** - : Porque assim, em algum momento seria interessante também a gente ver um espaço pra debate, né vei? Ou cine-debate, sei lá.
158. **Gabriela - R** : Debater o que? A política? Vai dar confusão (risos)
159. **R - Gabriela**: Qualquer coisa, qualquer tema. Mas a intenção é que de confusão mesmo. Uma confusão organizada.
160. **Gabriela** - : Assim...confusão é boa...mas...
161. **Natália - R**: Eu posso trazer uma faca. Só pra me prevenir?
162. **Gabriela** - : Vou pra sala.
163. **R** - : Outra coisa, a Renata disse que poderia reunir com os representantes do noturno na sexta a noite. Não sei qual a disponibilidade de vocês.
164. **Saulo** - : Sexta à noite?
165. **Natália** - : Sexta à noite?

166. **Gabriela** - : Ah tá.
167. **Saulo** - : Sexta à noite?
168. **Paulo** - : Todo mundo vai comparecer.
169. **Natália** - : Eu já estou aqui. (risos)
170. **R** - : Que dia?
171. **Saulo** - : Sei lá. Terça, segunda.
172. **Natália** - :Primeiro, minha mãe não deixa eu vir porque minha mãe já fica brava, ainda mais por causa do grêmio. Ai a noite.
173. **R** - :A intenção seria fazer esse mesmo movimento a noite. Segunda, terça?
174. **Paulo** - : Quarta feira era de boa
175. **Saulo** - : Quarta.
176. **Gabriela** - :Tchau.
177. **Natália** - : Tchau, Tchau.
178. **R** - : Quarta eu tenho aula a noite. Pode ser segunda, ou terça?
179. **Saulo** - : Segunda é massa porque é o primeiro dia de aula.
180. **Paulo** - : Só segunda mesmo que o povo vem pra escola.
181. **R** - : Segunda à noite, então? E a tarde?
182. **Saulo** - : A tarde tinha que ser a reunião.
183. **R** - : Semana que vem não rola por causa dos jogos né? Vejam o que vocês acham: segunda a gente faria a reunião com os representantes a noite, aí na semana que vem tanto de manhã quanto a tarde, aproveitando que é semana de jogos sentaríamos pra conversar com os professores de artes pra ver como ficaria a questão da rádio.
184. **Saulo** - :N a semana dos jogos né?
185. **R** - : É porque teoricamente eles estariam mais livres. Pode ser assim?
186. **Natália** - **R**: Pode. Tá gravando ainda?
187. **R** - **Natália**: Estou. (risos)
188. **R** - : E esse lance do jornal? Que também está no PPP, o que vocês acham? Era algo que daria para trabalhar com professor de português, de sociologia, de filosofia. Aí não precisa ser vocês necessariamente. Por exemplo, gente da escola que gosta de escrever se juntaria com esses professores, eles dariam ideias e construíram um jornalzinho.
189. **Saulo** - : Tinha que falar com os professores de português

190. **R** - :Mas vocês acham uma boa ideia? O que vocês acham?
191. **Saulo** - :Eu acho massa.
192. **Natália - R**: Mas a escola vai dar o papel né?
193. **R** - :A gente pode conseguir com Sindicatos, por exemplo, sindicato dos professores dariam 2500 cópias por mês, ou sindicato de servidores.
194. **Natália** - : Porque teve uma época, que dizendo eles que não tinha dinheiro pra comprar papel pra fazer as provas. Era a época do Leandro ainda, ele passou de sala em sala, pedindo dinheiro pra comprar folha.
195. **R - Natália**: Não tinha dinheiro pra comprar folha?
196. **Natália - R**: De manhã ele fez isso. Aí foi fazendo uma vaquinha. A escola saiu dizendo que não tinha dinheiro e se os alunos não ajudassem teriam que copiar a prova no caderno.
197. **R** - : Estranho isso aí.
198. **Natália** - : Fizeram vaquinha pra poder comprar.
199. **R** - : Estranho.
200. **Paulo** - : Moço, essa escola aqui é mó confusão.
201. **R** - : Então, sobre esse lance do papel...Quando as escolas fazem jornal escolar geralmente se consegue com sindicatos.
202. **Saulo** - : Na do meu irmão tem jornal escolar.
203. **R - Saulo**: E os alunos que constroem?
204. **Saulo** - : Não sei, acho que a direção.
205. **R** - : Olha aí.
206. **Natália** - : Se tiver o jornal vou colocar essa treta que rolou, que foi demais.
207. **Paulo - Natália**: Foi duas vezes, foi?
208. **Natália** - : Foi, duas vezes e eu lá observando.
209. **Saulo** - : Eu vi lá.
210. **Natália** - : Moço, os bicho brigando e eu na parada encostada bem assim. Ai depois que a briga acabou eu fui fazer um curativo no menino porque ele estava todo cortado.
211. **R - Natália**: Curativo. Você tinha na mochila?
212. **Natália - R**: Tenho, eu trago pra escola.
213. **Paulo - Natália**: O que tu tem? (risos)
214. **Natália** - :Eu tenho o...esqueci o nome.

215. **Saulo - Natália:** Band-aid.
216. **Natália - :** Não...o negócio.
217. **R - Natália:** Gaze?
218. **Natália - R:** É, a gaze. É, eu fui colocar. Isso aqui nele estava tudo cortado. Ai ele cortou e estava muito fundo vei.
219. **R - Natália:** Espirrando sangue?
220. **Natália - :** Não. Ai quando fui pegar o curativo o outro menino voltou: Tu é um pilantra...e outros nomes que não posso falar por causa do gravador. Ai a Janaina que é irmã dele falou: Conversa com ele de boa, que não sei o que. Ai ele: Tu é uma vagabunda, ai começou a briga de novo.
221. **R - Natália:** Por que eles brigaram?
222. **Natália - :** Eu não sei o motivo que começou tudo
223. **Paulo - :** Eu vi ele postando no face, parece que foi uma fofoca.
224. **R - :** Por isso?
225. **Natália - :** É, um menino disse que ia pra cima do outro quando viu a postagem. Depois que acabou a briga um saiu primeiro com medo e o outro falou: Se tu for pra festa Sábado tu volta é morto. (Renata chega)
226. **Renata - :** Quem, gente?
227. **Natália - :** Ai ele, “tá moço .Eu não vou não”.
228. **Paulo - Renata :** Os moleques que estavam brigando aqui na frente da escola.
229. **Natália - :** E a irmã só entrou no meio porque ele tem doença. Se ele ficar muito irritado, muito nervoso...
230. **R - Renata :** Então Rafaela, o que a gente discutiu até agora: encontramos o professor de artes aqui, conversamos rapidamente ele disse pra procurá-lo semana que vem, pois estava ocupado. Marcamos de conversar com os representantes de turma do noturno, segunda, porque a galera disse que sexta à noite tem vários compromissos importantes. (Risos) E aí semana que vem de manhã e à tarde reuniremos com os professores. Começamos a discutir sobre o pessoal do grêmio do IFB. Aí o pessoal achou melhor eles virem pra cá, ao invés de irem pra lá.
231. **Renata - :** Isso.
232. **R - :** Se vocês quiserem marcar um dia pra irem nas escolas do Gama, talvez seria interessante e ai acompanho vocês. Pra que? Conhecer a estrutura física e ver

- como está o grêmio. Tem uma escola lá que funciona a rádio junto com os professores de sociologia.
233. **Renata - R:** É muito difícil ter grêmio numa escola de ensino fundamental, porque o povo é igual a gente assim.
234. **R - Renata :** Igual como?
235. **Renata - :** Meio jogado, sei lá...(risos)
236. **R - :** Bom, ai vocês conheceriam a estrutura dos grêmios. Tem uma escola lá que tem a sala do grêmio. A sala deles tem dois computadores.
237. **Natália - :** Pra que melhor do que nossa sala que tem duas gatinhas? (risos)
238. **R - :** E ai. Vocês querem ir lá. Vocês topam?
239. **Paulo - :** Só marcar o dia que nós vai.
240. **Renata - :** Tem que ver, porque se for só quatro pessoas nem vale a pena ir
241. **R - :** Que dia fica melhor pra vocês?
242. **Paulo - :** Ó Bruninho vai, Leandro, o boquinha.
243. **R - :** As reuniões lá tem acontecido às quintas feiras (Leandro chega) **Falam juntos:** Ai!
244. **Natália - R:** Gloria Deus.
245. **Renata - :** Vi uma foto dele no trabalho e pensei:esse Leandro nem vai aparecer.
246. **Leandro - :** Vocês me trocaram, me trocaram pelo Ricardo.
247. **Renata - Leandro:** É claro, o Ricardo comparece quando ele marca.
248. **Leandro - :** É, né? (risos)
249. **R - Leandro :** Mal sabem que só estou usando eles para pesquisa (risos)
250. **Saulo:** Tá fazendo a gente de rato de laboratório é? (risos)
251. **R - Leandro:** E aí Leandro. Beleza. [Falam ao mesmo tempo].O que eu estava aqui colocando Leandro: que seria interessante ir lá no Gama para conhecer o grêmio, a estrutura física e tal.
252. **Renata :** Quinta feira? Que é o pior dia pra mim, tem aula de química e sociologia. [Falam ao mesmo tempo].
253. **R - :** É numa escola que tem sala do grêmio e tal.
254. **Renata - R:** Que escola?
255. **R - :** O CG.
256. **Leandro - R:** Que horas lá?

257. **R - Leandro:** A reunião lá é umas 14h. [Falam ao mesmo tempo].
258. **Saulo - :** Bora logo hoje.
259. **Renata - :**Hoje eu tenho teste.
260. **R - :** Nos jogos vocês não podem faltar né?
261. **Saulo - R:** Só se tiver desocupado.
262. **Renata - :** Tipo assim se conversar com a professora acho que ela libera, porque eu não vou fazer nada no Interclasse.
263. **Natália - :** Olha só.
264. **R - Natália:** Ein Natália, e na quinta que vem como está pra tu?
265. **Natália - :** Acho que tá de boa.
266. **R - :** Então quinta feira. Confirmado?
267. **Leandro - :** Quinta feira. Consigo ônibus. [Falam ao mesmo tempo].
268. **R - :** Então vou confirmar com a galera lá, ein.
269. **Leandro - R:** Qual o intuito da reunião lá?
270. **R - Leandro:** Então, na real pra conhecer a escola...
271. **Leandro - :**O que vocês tem na quinta que vem?
272. **Natália - :** Nada.
273. **Saulo - :** Nada.
274. **Renata - :** Só o interclasse.
275. **Leandro - :** Puts, esqueci de pedir o material.
276. **Natália - Leandro:** E já é na semana que vem.
277. **Renata - Leandro:** Tem que agilizar isso aí meu filho que você tá muito devagar.
278. **Leandro - Natália:** Que dia que começa?
279. **Natália - Leandro:** Na segunda feira.
280. **Leandro - :** Caramba, vei.
281. **Renata - Leandro:** E o do noturno já acabou e você não trouxe.
282. **Leandro - :** Caraca vei...eu sei disso. Vou ver se consigo isso.
283. **R - Leandro:** É caro né?
284. **Leandro - :** O meu chefe liberou.
285. **Saulo - :** Olha.
286. **Natália - :** Você acha que o menino que se veste desse jeito...
287. **Renata - :** Ele só não tem o dinheiro pra salvar o salgado pra gente.

288. **R** - : O dinheiro é da secretaria, né?(risos)
289. **Leandro** - : Caramba...
290. **R** - : Então, beleza. Vou anotar na minha agenda aqui, quinta feira as 14 h todo mundo lá [Falam ao mesmo tempo].
291. **Natália** - : E segunda à noite aqui, viu?
292. **Saulo** - : Segunda à noite.
293. **Leandro** - : Ai é o seguinte, prepara um documentozinho, memorando falando que vocês vão sair da escola e todo mais objetivando uma integração com outro grêmio estudantil e tal, porque mesmo que eles deem falta lá vão ser falta justificada pra vocês.
294. **Renata** - : E aí a gente vai ganhar nota.
295. **R** - : Quem pode fazer isso?
296. **Natália** - : Secretário. Quem é o secretário?
297. **Renata** - : Saulo.
298. **Saulo** - : Pode crer.
299. **R** - : É importante fazer ein. [Falam ao mesmo tempo]. E aí talvez seria importante discutir a tese do Encontro da UBES lá.
300. **Leandro** - : Pode ser.
301. **Renata** - : Vixe. O que é UBES?
302. **Leandro** - : Quem aqui vai pra Goiânia?
303. **Natália - Leandro**: É o que?
304. **Leandro - R**: Você não falou com eles?
305. **R - Leandro**: Fala aí. Deixei por sua conta aí (risos) Talvez coincida com a data da prova do PAS, esse é o problema. Está em discussão.
306. **Natália** - : Mas o que vai ter nesse Congresso?
307. **Leandro** - : É o Congresso da UBES, da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. O Congresso que reúne todos os grêmios estudantis, todo o setor secundarista, né? [Falam ao mesmo tempo]. Aí temos que montar outra comissão eleitoral, para eleger delegados
308. **Renata - Leandro**: Delegados?
309. **Leandro - Natália - Renata** : É, provavelmente não vão ter muitos delegados. Que é o que eu estava falando com o Ricardo. Então, o grêmio já está inscrito enquanto comissão eleitoral. É você, você e Giovana.

310. **Natália - Leandro:** Só nós três?
311. **Leandro - Natália:** Vocês três estão inscritas como comissão. Comissão eleitoral.
312. **Natália - :** Eu vou poder ir pra esse negócio se eu quiser?
313. **Leandro - R:** Se não tiver delegado, o grêmio que vai como delegado, pelo que entendi. Não é isso?
314. **R - Leandro:** Isso, o grêmio vai como delegado.
315. **Leandro - :** Mas de qualquer forma, mesmo tenha delegado o grêmio pode ir de qualquer maneira. Não é mesmo? Eu, por exemplo, vou como observador.
316. **Natália - Leandro:** Me leva como observadora também. (risos) Eu posso ir
317. **Leandro - :** Vocês podem ir e aí nós estamos articulando....acho que são uns três dias.
318. **R - :** Acho que na quinta-feira a galera discute com vocês lá sobre isso.
319. **Leandro - :** Nesse evento saem as diretorias da UNE, da UBES.
320. **Renata - :** Gente, vocês falam assim eu não entendo nada.
321. **R - :** A UBES é uma espécie de grêmio do Brasil.
322. **Leandro - :** Aí tem que ver com vocês. Se quiserem ir a gente articula. Preciso de vocês pra ir lá no CNB, porque ainda não fui lá vei.
323. **Renata - :** Pois é.
324. **Paulo - :** Lá é da hora.
325. **R - :** Com esse negócio do PAS vai ficar complicado, mas assim...na quinta-feira que vem a galera que está mais por dentro explica pra vocês o que vai acontecer lá, o que vão defender e etc. Podia ser o momento de conhecer a escola e reúne sobre isso. [Falam ao mesmo tempo].
326. **Leandro - :** Todo mundo com o uniforme daqui, viu?
327. **Natália - :** No cnb?
328. **Renata - Natália:** No Gama. [Falam ao mesmo tempo]. Foca no Gama.
329. **R - :** Vocês vão ter que pegar o ônibus gama leste...
330. **Renata - R :** Você acha que nosso deputado não vai arranjar ônibus pra gente?
331. **Leandro - :** Acho que consigo sim.
332. **R - Leandro:** Massa.
333. **Leandro - Natália:** Aquele mesmo que levou os meninos, aquele micro-ônibus.

334. **Natália:** Aham.
335. **R** - :Então sucesso **Falam ao mesmo tempo** Então falem pro restante do pessoal do Gama.
336. **Paulo - R:** Moço, geral vai. Falar que é no Gama...
337. **Renata** - :Na hora.
338. **R - Leandro:** Então, Leandro o que discutimos até agora: reunião com representantes pra tentar fazer a mesma discussão no noturno. Semana que vem reunir com os professores para discutir de reativar a rádio.
339. **Leandro** - : Na semana que vem? Vocês querem reunir com os professores?
340. **R - Leandro:** Só com professor de artes.
341. **Renata - Leandro** : Só de artes.
342. **Saulo - Leandro:** De manhã e à tarde.
343. **R - Leandro:** E a gente começou a discutir sobre jornal. Que eu vi que no PPP além de rádio, tem jornal e intervalo cultural. Tu ajudou a construir esse PPP?
344. **Leandro - R:** Não.
345. **R - Leandro:** É porque tem algumas coisas lá sobre grêmio e etc.
346. **Leandro - R** : Tem, mas porque vem de outra gestão. É porque isso vem da gestão da Débora e da Adriana, da minha época. [Falam ao mesmo tempo]. Ai depois dessa gestão vieram fazendo só adaptação. Entendeu? A Cris está aí?
347. **Renata - Leandro:** Tá.
348. **Saulo - Leandro:**Está
349. **Leandro** - : Porque a Cris me mandou uma mensagem dizendo que toda as escolas vinculadas a regional de ensino querem que nós façamos uma visita pra montar o grêmio estudantil.
350. **Saulo** - : Ó. Achei doido
351. **Leandro** - : Essa foi uma decisão do colegiado da regional de ensino
352. **R** - : A gente pode ver com e inclusive como os professores podem se inserir pra ajudar nessas atividades do grêmio. Porque está faltando isso aqui.
353. **Leandro - R:** A ideia é a seguinte, a ideia é que a gente pode montar uma comissão com a UESDF, com o grêmio daqui pra que a gente faça essa articulação, porque eu não vou poder está em todas o tempo todo. Ai fica vocês com os meninos, entendeu?
354. **R - Leandro:** Tem que falar com a galera da UESDF também, a Raiane.

355. **Leandro** - : Porque ai fica uma semana em uma escola, uma semana em outra
Falam ao mesmo tempo Vocês receberam algum comunicado sobre a semana de ciência e tecnologia?
356. **Natália - Luis**: Não.
357. **Leandro** - : Eu falei com o Júlio Gregório ontem e ele falou que espalhou pra todas escolas.
358. **R - Leandro**: Vai ser aonde?
359. **Leandro** - :No Pavilhão
360. **R** - :Parque da cidade
361. **Renata** - : Bora
362. **Leandro** - : Ta, bém vai ter o circuito de ciência. Inclusive ou abrir hoje o cadastro para trabalhar como voluntário no evento.
363. **Natália - Leandro**: Ganha dinheiro?
364. **Leandro** - : Voluntário.
365. **Saulo** - : Então não tem.
366. **Leandro** - : Vão fornecer camiseta, alimentação, essas coisas. É uma boa experiência.
367. **Renata - Natália**: Bora?
368. **Natália - Renata** : Bora.
369. **R** - : Então, vamos lá conversar com a Cris?